

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES/
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

GRAAL: O CAMINHO DO GUERREIRO
ANÁLISE IMAGÉTICO-ANTROPOLÓGICA DO MITO DO HERÓI

ANDRÉ MIELE AMADO

João Pessoa-PB
2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES/
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

GRAAL: O CAMINHO DO GUERREIRO
ANÁLISE IMAGÉTICO-ANTROPOLÓGICA DO MITO DO HERÓI

ANDRÉ MIELE AMADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a orientação do professor Dr. Carlos André Macêdo Cavalcanti.

João Pessoa-PB
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES/
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

GRAAL: O CAMINHO DO GUERREIRO
ANÁLISE IMAGÉTICO-ANTROPOLÓGICA DO MITO DO HERÓI

André Miele Amado

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr Carlos André Macêdo Cavalcanti
Orientador (UFPB)

Prof. Dr^a. Eunice Simões Lins Gomes (UFPB)

Prof. Dr Marcos Ferreira Santos (USP)

João Pessoa-PB,

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Carlos André Macêdo Cavalcanti, que me orientou nessa árdua e fecunda tarefa de fazer uma dissertação. O professor Carlos André colocou tanto esmero, dedicação e amor em suas aulas sobre o imaginário que me contagiou e agradeço-o profundamente.

Agradeço a CAPES pela ajuda financeira através de uma bolsa de estudos, sem a qual eu não teria conseguido adquirir os livros necessários.

Agradeço a professora Danielle Perin Rocha Pitta por suas aulas em Recife, foram importantes para minha jornada no “imaginário”.

Agradeço as professoras Beliza e Eunice, cujas dicas e sugestões dadas no exame de qualificação, vitais para a execução dessa dissertação.

Agradeço ao meu pai, “o não-cristão mais cristão” que existe. Que optou por estar sempre ao lado das minorias e dos excluídos. Sabedoria sem palavras, mas por ações.

Agradeço a minha mãe, pois é uma honra ser seu filho.

Agradeço ao meu irmão, meu grande companheiro.

Agradeço aos meus amigos Edme e Everaldo, duas pessoas singulares, de integridade e coragem inabaláveis.

Agradeço aos meus amigos e colegas de mestrado, especialmente à Marileuza, Wallace e Socorro. Passamos inúmeros momentos inesquecíveis juntos.

Agradeço as tias Dilce e Wanderly que me acolheram tão bem em São Paulo

À Maria Barbosa, secretária do PPGCR, sempre pronta a nós auxiliar, sempre alegre e sempre companheira.

Agradeço a todas as contrariedades e obstáculos que tive na minha jornada, que não foram poucas, no entanto, essenciais para que eu compreendesse um pouco mais sobre mim mesmo.

OBRIGADO !

Dedico este trabalho a todos os buscadores!



Figura 1-Daniel Miele Amado

Não há para o homem honra verdadeira que não seja a dos poetas. Por isso, nós que acabamos de dar um lugar tão belo à imaginação pedimos modestamente que se saiba dar lugar à cigarra ao lado do frágil triunfo da formiga. Porque a verdadeira liberdade da vocação ontológica das pessoas repousa precisamente nesta espontaneidade espiritual e nesta expressão criadora que constitui o campo do imaginário. Ela é a tolerância de todos os regimes do espírito, sabendo bem que o feixe desses regimes não é um excesso para essa honra poética do homem que consiste em opor-se ao nada do tempo e da morte. É-nos assim evidente que uma pedagogia da imaginação se impõe ao lado da cultura física e do raciocínio.

Gilbert Durand

A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento [...] A partida original para a terra das provas representa o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iniciação[...] A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competências e coragem verão o perigo desaparecer.

Joseph Campbell

Quem será digno de subir ao monte do Senhor?

Ou de permanecer no seu lugar santo?

O que tem as mãos limpas e o coração puro, cujo espírito não busca as vaidades nem perjura para enganar seu próximo. Este terá a bênção do Senhor, e a recompensa de Deus, seu Salvador. Tal é a geração dos que o procuram, dos que buscam a face do Deus de Jacó.

Salmos 24:3-6

Se escutares somente coisas boas sobre um homem, desconfie, ninguém é perfeito. Se escutares somente coisas ruins sobre um homem, desconfie, pode se tratar de alguém que segue um ideal ainda não compreendido por seus próximos.

Cai Wen Yu

(Professor de artes marciais e filosofia chinesa)

Na qualidade de covarde, que fui durante anos, eu abrigava a violência; Só comecei a apreciar a não violência quando comecei a despojar-me da covardia.

Mahatma Gandhi

SUMÁRIO

RESUMO	08
ABSTRACT	09
INTRODUÇÃO	11
1. CONSTELANDO O GRAAL	22
1.1 Os Trovadores	23
1.2 A Segunda Cruzada	27
1.3 O Catarismo	28
1.4 Os Templários	33
2. A CAVALARIA	37
2.1 O surgimento das Ordens de Cavalaria: de <i>vassalos</i> a <i>milites</i>	38
2.2 Dois projetos eclesiais para a cavalaria	44
2.3 O projeto de Bernardo de Clarvaux	47
2.4 O projeto de Ramon Llull	57
3. O SIMBOLISMO DO GRAAL	63
3.1 Interpretações do Graal	66
3.2 O Graal e a iniciação	88
4. A JORNADA DO HERÓI	100
4.1 O mito do herói e os rituais de passagem	101
4.2 Símbolos do cavaleiro	111
4.2.1 O cavalo	113
4.2.2 A espada	119
4.2.3 A armadura	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
BIBLIOGRAFIA	135

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o significado mítico-simbólico do Graal em sua conexão com o mito do herói, aqui representado pelo cavaleiro medieval. Trabalho com a hipótese que nas entrelinhas do mito do Graal está a virtude como o caminho que leva para o encontro de si mesmo e da transcendência, sendo o Graal um bem imaterial simbolizado por vários objetos. Entre os dois pólos, história e mito, trago algumas reflexões para analisar o significado do Graal. Em relação aos procedimentos metodológicos, utilizei a pesquisa bibliográfica, com base nos romances seminais dos séculos XII e XIII, *Perceval ou o Romance do Graal*, de Chrétien de Troyes e *Parsifal*, de Wolfram Von Eschenbach. Tais romances foram analisados a partir do referencial teórico das *Estruturas Antropológicas do Imaginário* de Gilbert Durand e da *mitologia comparada* de Joseph Campbell.

Palavras chaves: Graal, virtude, mitologia comparada, imaginário, mito do herói

ABSTRACT

This dissertation has the purpose of analysing the mythical-symbolic meaning of the Grail in its correlation with the myth of the hero, here represented by the ideal of medieval cavalry. Work with the hypothesis that between the lines of Grail myth lies virtue as the path which leads to acquaintance of self and transcendence, being the Grail an immaterial good symbolised by many objects. Between two axes, history and myth, I bring some reflections to analyse the meaning of the Grail. Regarding methodological procedures, I made use of bibliographical research based on seminal romances from twelfth and thirteenth centuries, *Perceval or the Story of the Grail* by Chrétien de Troyes and *Parzival* by Wolfram Von Eschenbach. Such romances were examined from referential theory of the *Anthropological Structures of Imaginary* by Gilbert Durand and of *comparative mythology* by Joseph Campbell.

Key words: Grail, virtue, comparative mythology, imaginary, myth of the hero

IMAGENS E CRÉDITOS

Figura 1: Imagem da autoria de Daniel Miele Amado, p. 5

Figura 2: Cavaleiro, p.11. s181.photobucket.com/albums/x218/scorpioseer/Knight/

Figura 3: O Graal aparece diante Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda, p.22.

faculty.smu.edu/bwheeler/kinga/artmulti.html

Figura 4: Mapa da expansão do Império Plantageneta de 1144-1166, p. 29.

http://fr.wikipedia.org/wiki/Empire_Plantagen%C3%AAt

Figura 5: Cavaleiro, p. 37. faculty.smu.edu/bwheeler/kinga/artmulti.html

Figura 6: Pintura de Alonso Cano (1601-1667), nascido na Espanha, pintor, escultor, arquiteto e padre, p.56.

Figura 7: São Bernardo e o milagre da lactação. Fonte: ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d'Andoque. Los Cistercienses, p. 56.

Figura 8: Obra de Gottfried Bernhard Goz (1708-1774).

Figura 9: Autor desconhecido. Wikipédia, p. 56.

Figura 10: Chegada da Segunda Cruzada a Constantinopla, conforme retratado por Jean Fouquet, 1455-1460, *Arrivée des croisés à Constantinople*. Grandes Chroniques de France, enluminées par Jean Fouquet, Tours, vers 1455-1460 Paris, BnF, département des Manuscrits, Français 6465, fol. 202 (Livre de Louis VII Le Jeune), p. 56.

Figura 11: Bernardo pregando a segunda Cruzada em Vézelay, 1146. Wikipédia, p. 56

Figura 12: Retrato de Ramon Llull, da coleção Friderici Roth-Scholtzii Noriberg.

Fonte Scientific Identity, pertencente ao Smithsonian Institution Libraries Digital Collection, p. 62.

www.sil.si.edu

Figura 13: Iluminura do Breviculum. *Badische Landesbibliothek* de Karlsruhe, St. Peter, pergaminho (detalhe). *Raimundus Lullus Ikonographie*, p. 62.

www.ub.uni-freiburg.de/referate/04/lullus-ikonographie.htm

Figura 14: Iluminura do Breviculum. *Badische Landesbibliothek* de Karlsruhe, St. Peter, pergaminho (detalhe). *Raimundus Lullus Ikonographie*, p. 62.

www.ub.uni-freiburg.de/referate/04/lullus-ikonographie.htm

Figura 15: Juramento do pai de Ramon Llull, Jaime II, ao rei Jaime I de Aragão. Pintado no início do século XIV por Romeu Despoal no *Llibre de privilegis dels reis de Mallorca*, p. 62.

commons.wikimedia.org/wiki/File:James_IIc.JPG

Figura 16: As quatro figuras da Arte de Ramon Llull. A Cabala do Renascimento. Fonte: Federico Gonzalez e Mireia Valls, p. 62.

www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab_rena/renac02a.htm

Figura 17: Ramon mostra ao monge a *Árvore da Ciência*, impressa em Barcelona em 1505, (ORL, vol. XI, 1917, p. 15), p. 62 www.ricardocosta.com.

Figura 18: Anjos trazem o Graal para Perceval, p. 63. <http://faculty.smu.edu/bwheeler/kinga/artmulti.html>

Figura 19: A jornada do herói e o Graal, p. 100.

<http://warandgame.files.wordpress.com/2008/03/grail-indybelieves.jpg>

Figura 20: Componentes da espada, p. 120. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Espada>

Figura 21: Lancelot atravessa o fosso do castelo em cima de uma espada, p. 122.

<http://images.bnf.fr/jsp/index.jsp>

Figura 22: O Graal e sua guardiã de Arthur Rackham, 1917, p. 129..

<http://faculty.smu.edu/bwheeler/kinga/artmulti.html>



Figura 2

INTRODUÇÃO

Quando criança, tive a oportunidade de viver algum tempo na França. Lá conheci de perto o mundo medieval com seus castelos, catedrais, catacumbas, armas, armaduras e muitas histórias[...] O estudo da história é fascinante, mas entrar em contato com ela em toda a sua imponência é de ficar estupefato. O meu hobby era ler sobre as guerras, as lendas e mitos dos cavaleiros e princesas, além de visitar os castelos, as catedrais e cidades medievais como Carcassonne. Tudo era propício para a fantasia e imaginação, que mais tarde me levou ao RPG (jogos de interpretação). Meus brinquedos favoritos eram os castelos da Lego, principalmente a série medieval, minha revista favorita era o Asterix.

A escola onde estudei ficava na Rua Vercingetorix¹. Tudo isso fez com que eu me tornasse um apaixonado pelos mitos. Esta paixão se revela nesta proposta de estudo sobre a aventura de Perceval em busca do Graal. Trabalho com a hipótese que nas entrelinhas do mito do Graal está a virtude como o caminho que leva para o encontro de si mesmo e da transcendência, sendo o Graal um bem imaterial simbolizado por vários objetos. Não utilizo a história como explicação para o mito, mas, como referencial para contextualizá-lo. Entre os dois pólos, história e mito, trago algumas reflexões para analisar o significado do Graal.

Perceval é o herói da obra de Chrétien de Troyes, *O Romance do Graal*. A jornada deste personagem caracteriza a busca pela sua identidade, ou como diria Jung², a busca pelo seu *self* ou si-mesmo. Este mito também pode ser interpretado como um rito de passagem do jovem para a fase adulta. Ao se tornar um cavaleiro a serviço do Graal. O catalisador desta mudança é a virtude, simbolizada pelo Graal. Ela o transforma e, num sentido mais elevado, é o ponto de união entre o mortal e o divino, entre o cavaleiro e sua consciência. Da mesma forma que o Graal regenera a terra devastada curando o ferimento do “Rei Pescador”, o cavaleiro do Graal transforma-se no herói regenerador, tal qual analisado por Campbell. Este conto tem um caráter instrutivo, pois ensina um bruto a tornar-se um cavaleiro, tal como outros contos trovadorescos.

¹ Herói gaulês vencido por Julio César na batalha de Alesia.

² Carl Gustav Jung (1875-1961), médico-psicanalista.

O Trovadorismo, propagador do *amor cortês*, foi um movimento do século XII e mudou as relações entre o homem e a mulher no ocidente.

Os trovadores estavam muito interessados na psicologia do amor. E foram os primeiros, no Ocidente, a pensar no amor do modo como ainda o fazemos, hoje – como uma relação entre duas pessoas. [...] Antes disso, o amor era simplesmente Eros, o deus que excita o apetite sexual. Isso não corresponde à experiência do apaixonar-se, da maneira como os trovadores a compreenderam. Eros é muito mais impessoal de que apaixonar-se. As pessoas não tinham conhecimento do Amor. O Amor é algo pessoal, que os trovadores reconheceram. Eros e Ágape são amores impessoais.³

O *amor cortês* faz parte da busca transcendente do *Amor* e a virtude é o meio alquímico para despertar a consciência do buscador, ou na linguagem simbólica do Graal, despertá-lo do sono letárgico que o impede de ver a si mesmo e aos outros. É esta transformação que leva o guerreiro, o buscador, ou o herói, a sair do âmbito egóico da satisfação pessoal e o leva a se preocupar com o outro. A compaixão, como veremos adiante, é o cerne do mistério do Graal. Somente com ela, Perceval será capaz de despertar do sono letárgico, que o impede de fazer “a pergunta” e curar a enfermidade do Rei Pescador.

O guerreiro precisa ir voluntariamente atrás do seu destino e, através de inúmeras aventuras e empecilhos, conquistar o Graal. Essa é a jornada de Perceval. Para entendê-la é necessário fazer uma análise da Cavalaria Medieval e dos símbolos do herói contidos no Romance de Perceval, focando o tipo de guerreiro ideal, os obstáculos, a relação aparentemente contraditória entre o morrer e o matar, ou ainda, o caminho da iluminação e os significados do Graal.

Segundo Évola, o sono [da inconsciência] torna-se a causa da ferida do Rei Pescador.⁴ O *Sono* é um símbolo iniciático, assim como o *Desperto* e o *Sem-Sono*. Superar o sono significa, em todas as tradições iniciáticas, participar da lucidez transcendente, que liberta dos condicionamentos da existência material e individual.⁵

Ainda que o foco seja o cavaleiro medieval, ideal masculino de guerreiro, nada impede que tais analogias sejam transportadas para a mulher. Por se tratar de um mito sobre uma busca interior o périplo é o mesmo. Como já atestou Campbell em sua obra *O herói de mil faces*, o périplo do herói é universal e atemporal, sem gênero ou idade.⁶

³ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 196.

⁴ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 139.

⁵ Ibid, p. 140.

⁶ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997.

As relações de Gênero poderiam se constituir em outro objeto de estudo, pois o papel da mulher é central na narrativa da obra, embora não seja o meu foco. A busca do Graal pode ser associada à contraparte feminina do herói. A libertação da “princesa presa na torre” simbolicamente pode ser interpretada como a libertação da alma do guerreiro presa a seu corpo, a consciência presa a matéria.

Se encontrardes, perto ou longe, dama que tenha precisão de ajuda ou damizela em desgraça, sede pronto a socorrê-la assim que vos solicitarem. Quem às damas não presta honra é porque não tem honra no coração. Deveis servir as damas e damizelas.⁷

O Romance do Graal de Chrétien de Troyes foi a primeira obra a introduzir a busca do Santo Graal nas histórias dos Cavaleiros da Távola Redonda. Muitos outros contos e romances surgiram depois ou baseados nela. Além da literatura, a expansão trovadoresca pode estar relacionada com a política e a guerra, como demonstrado pela perseguição aos cátaros. Não é descartável a hipótese que Chrétien de Troyes tenha sido um simpatizante da doutrina Cátara, usando a ficção para difundir o ideário da mesma.

[...] alguma ligação parecia existir entre os cátaros e o culto ao cálice, na forma como ele evoluiu durante os séculos XII e XIII. Vários escritores têm argumentado que os romances sobre o cálice – os de Chrétien de Troyes e de Wolfram von Eschenbach, por exemplo – constituem uma interpolação do pensamento cátaro, disfarçado em simbolismos que foram elaborados no próprio coração da cristandade ortodoxa.⁸

O movimento Cátaro foi uma dissidência do cristianismo romano da Idade Média, surgida no Languedoc, França. Os Cátaros tinham idéias contrárias a alguns conceitos centrais do Cristianismo oficial. No século XII, o Languedoc era uma região cátara e sua elite estava promovendo mudanças contrárias aos interesses do catolicismo romano.

Por volta de 1200, havia um temor real de que o catolicismo romano, como forma dominante de cristianismo, fosse substituído no Languedoc pela heresia cátara. Ela estava se irradiando para outras partes da Europa, especialmente os centros urbanos da Alemanha, Flandres e Champagne, o que era ainda mais ameaçador aos olhos da Igreja. [...] Este foi o credo que se espalhou no Languedoc e províncias adjacentes numa escala que ameaçou deslocar o catolicismo. Por inúmeras e compreensíveis razões muitos nobres achavam o credo atraente. Alguns estavam desiludidos com a corrupção da Igreja, outros haviam perdido a paciência com o sistema de cobrança do dízimo, através do qual os proventos de suas terras desapareciam nos cofres de Roma. Muitos

⁷ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 32

⁸ BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993, p. 33

nobres então, em idade avançada, se tornavam *parfaits*.⁹ Estima-se que 30% de todos os *parfaits* vinham da nobreza do Languedoc.¹⁰

A Igreja de Roma retaliou o movimento dissidente com a Cruzada Albigense.

Este extermínio ocorreu numa extensão tão vasta que pode bem ter constituído no primeiro caso de genocídio na história da Europa moderna. Só na cidade de Beziers, por exemplo, pelo menos 15 mil homens, mulheres e crianças foram mortos, muitos no próprio santuário da igreja. Quando um oficial perguntou ao representante do papa como ele conseguiria distinguir os hereges dos crentes verdadeiros, a resposta foi: “Mate-os todos. Deus reconhecerá os seus.”¹¹

De acordo com Laurence Gardner, na língua D’Oc da antiga Provence francesa, um Elfo feminino era um *albi*, *elbe* ou *ilbi*, palavras originadas de “elf”, anlgo-saxão-celta, correspondente ao semita *elef*. *Albi* era o nome dado ao principal centro de difusão do catarismo no Languedoc, daí derivou a palavra *albigens*, isto é, “gente do Albi”.¹² Essa “gente do Albi” mantinha uma conexão bastante forte com as crenças pagãs relacionadas ao feminino e, provavelmente, à Grande Mãe cultuada pelos celtas.

A Igreja de Roma temia as idéias transmitidas pela literatura do Graal, que tinha um intenso componente pagão. “Durante a Cruzada Albigense, os eclesiásticos investiram contra os romances sobre o cálice, declarando-os perniciosos, até heréticos.”¹³ Este temor poderia envolver o conceito de casamento que foi completamente alterado no século XII. No conceito de *amor cortês*, O casamento tanto poderia se referir à união entre duas pessoas como a união do ser com sua alma.

O casamento nas culturas tradicionais era arranjado pelas famílias. Não era absolutamente uma decisão entre duas pessoas[...] Na Idade média, esse era o tipo de casamento santificado pela Igreja, de modo que a idéia trovadoresca do verdadeiro Amor entre duas pessoas era muito perigosa.¹⁴

A palavra “heresia” deriva do grego *hairesis*, que significa “escolha”. Assim, uma acusação de heresia era a negação da escolha, ou a escolha “errada”. No período da Inquisição, desobedecer às opiniões dogmáticas dos bispos de Roma era uma ofensa punida com a própria vida.¹⁵

⁹ Perfeitos, ou “homens puros”.

¹⁰ Ibid, p. 24-27

¹¹ Ibid, p. 22

¹² GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 118.

¹³ BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993, p. 33

¹⁴ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 199

¹⁵ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 123.

Os Templários, assim como os Cátaros, foram associados ao Graal e também foram perseguidos pela Igreja romana. Hoje se levanta a hipótese de que a Igreja de Roma quis esconder algum mistério relacionado ao Graal, cuja divulgação não era de seu interesse. O fato é que a Igreja de Roma declarou herética a literatura sobre o Graal, que em sua maior parte foi difundida pelo movimento trovadoresco.

O movimento dos Trovadores da Idade Média surge nas cortes de Eleonor de Aquitânia¹⁶ e de sua filha Marie de Champagne. Estas regiões¹⁷ ficaram conhecidas por serem simpáticas ao catarismo, que tinha ampla adesão até por parte da elite.¹⁸

Os trovadores foram associados à heresia maniqueísta dos albigenses, que era exuberante nessa época, embora o movimento albigense fosse na verdade um protesto contra a corrupção do clero medieval. Com isso, os trovadores e sua transformação da idéia do amor se viram envolvidos na vida religiosa, de uma maneira muito complicada.¹⁹

Os Cavaleiros da Távola Redonda se constituíam numa ordem guerreira a serviço do rei. No entanto, Artur unia apenas tangencialmente os cavaleiros, o ponto de aglutinação que de fato os unia era uma força invisível, interna, à qual até mesmo Artur estava submetido. Esta força invisível era a virtude, plasmada no símbolo do Graal. Ela era o meio e a meta. Em nome da virtude os cavaleiros e seu rei buscavam a atitude correta, ética, mesmo que isto lhes custasse à vida. A busca pela virtude pode ser constatada nos relatos sobre as reuniões da Távola Redonda. Nestes encontros os cavaleiros contavam seus feitos heróicos e relatavam a superação dos inúmeros obstáculos. Estes relatos têm em seu cerne a exaltação da virtude. A busca pela virtude moldou o *ideal cavaleiresco* e produziu O Código de Honra dos Cavaleiros da Távola Redonda.

A literatura propulsora deste *ideal cavaleiresco* emerge no século XII e está diretamente vinculada a lugares específicos e figuras históricas emblemáticas constelando uma enormidade de temas e personagens, em múltiplas conexões: Heresia Cátara, Cruzadas, Eleonor de Aquitânia, Marie de Champagne, Trovadorismo, Bernardo de Clarvaux, Ordens de Cavalaria, Templários e outros.

Ciente que numa dissertação há que se fazer um recorte preciso do objeto, sob risco de não terminar o trabalho em tempo hábil, tocarei apenas tangencialmente no

¹⁶ A palavra Aquitânia vem do provençal *Acqs*, que significa Águas, e que se transformou em *Aix*, como *Aix-em-Provence*, cf. GARDNER, Laurence. **A linhagem do Santo Graal**. SP: Madras, 2004, p. 131.

¹⁷ Na região da Provence as línguas correntes eram: *occitano*, gascão, aragonês, catalão e basco.

¹⁸ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 195

¹⁹ *Ibid*, p. 196

aspecto histórico relativo a tais temas e personagens, focando a dissertação na análise do significado mítico-simbólico do Graal em sua conexão com o mito do herói, aqui definido pelo ideal da cavalaria medieval. Este é o objeto desta dissertação.

Segundo Laurence Gardner²⁰, o conceito do Graal como a taça usada por Jesus na Última Ceia não era tão popular até a era vitoriana. Isso aconteceu graças ao *Holy Grail* do Lorde Tennyson, publicado em 1859. Anteriormente, o Graal estava relacionado ao prato *esceule* da Eucaristia, bem como à taça usada por José de Arimatéia²¹ para recolher o sangue de Jesus crucificado. Seja como prato ou como taça, o Graal passou a ser reconhecido como o “Vaso Sagrado”, ou *vas uterus* descrito por Sir Thomas Malory²².

Nos contos originais da Idade Média, o Graal foi simbolizado por muitas coisas: um prato, um cálice, uma pedra, uma caixa de jóias, uma jóia e uma vinha. Entretanto, nossa hipótese é que o Graal não é um objeto material, ele simboliza o aspecto transcendente do ser humano, ou como Carl Gustav Jung definiu, o Graal é a *anima*, a alma de cada ser humano, seja homem ou mulher, que sempre será representada pelo elemento feminino.

O Graal está escondido no Castelo do Rei Pescador, possivelmente, uma referência ao corpo físico, como Bachelard observou em sua obra *A poética do espaço*. Se o Castelo simboliza o corpo e o Graal a alma, o caminho para unificar o imanente ao transcendente é a virtude. É ela que transforma o guerreiro e abre seus caminhos até o Graal. Não é o objeto da busca que transforma o herói, mas a busca em si mesma. Como diz Karlfried Graf Durckheim²³: “Quando você se lança numa jornada e o fim parece

²⁰ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 208

²¹ Segundo Laurence Gardner, opcit p. 191e192, nunca houve um lugar chamado Arimatéia, por tanto, se não era um lugar, o que significa esse nome? O cronista galês do século VI, Gildas II, descrevia José de Arimatéia como um *noblis decurion*. O *decurion* era um administrador das minas e o termo se originou na Espanha, onde os judeus que trabalhavam com metais tinham sido importantes nas famosas fundições de Toledo. Arimatéia era, de fato, um título, que derivava de elementos egípcios, hebraicos e gregos: *ha ra*, *ha ram*, *ha Rama*, que significa “do alto”, “do topo” e *Theo* “relativo a Deus. *Ha Ra Theo*, significa “Do mais alto de Deus” ou “Nobreza Divina”, que ficou corrompido linguisticamente para Arimatéia. No mito do Graal, José de Arimatéia recolheu o sangue do Cristo crucificado em uma taça e posteriormente levou-a para a Inglaterra. Na obra de Sir Thomas Malory, ele é o fundador da dinastia dos reis Pescadores.

²² Malory foi o autor da obra *A morte de Artur*, um clássico da literatura inglesa do século XV. Pouquíssimo se sabe sobre ele, alguns pesquisadores o identificam com um certo Sir Thomas Mallory (este com dois “l”) de Warwickshire, que lutou ora de um lado, ora de outro, na Guerra das Rosas, ocupou assento no Parlamento da Inglaterra, de 1444 a 1445, e faleceu em 1471. Outra teoria, atribuída a Leland e adotada por Sir John Rhys, afirma ter sido Sir Thomas Malory galês, porém esta não tem encontrada grande aceitação. Eis tudo o que sabe sobre este autor. Fonte: MALORY, Sir Thomas. **A morte de Artur**. Brasília: Thot, 1987.

²³ Karlfried Graf Dürckheim nasceu em München em 1896. Em 1914, no começo da Guerra Mundial, se alistou no exército alemão e foi destinado para a frente de batalha, onde permaneceu até o seu término em

cada vez mais distante, então você percebe que o verdadeiro fim é o percurso”, conforme citado por Campbell.²⁴

A palavra virtude deriva do latim “*virtute*”. Seu sentido é polissêmico, pois o prefixo “*vir*” indica tanto “virtude” quanto “virilidade”, ou seja, homem, masculino. Então virtude significa o poder de ativar, esta é uma função masculina. Não me refiro ao homem ou a mulher, mas sim, à centelha, faísca, energia em sua forma primordial que é ativa e representada pela figura masculina, pelo guerreiro.

Na concepção trovadoresca, a maior das Virtudes era o Amor e este era louvado nos seus aspectos temporal e espiritual, imanente e transcendente. O *amor cortês* vê a beleza como um reflexo da alma, uma exteriorização das qualidades morais, embora cante o *amor carnal* em verso e prosa.

O Cristianismo Romano enfocou fortemente o sentido de pecado e definiu o virtuoso como aquele que luta contra sua dominação. Segundo o Cristianismo, somos filhos do pecado original, resultado da transgressão de Adão e Eva quando comeram do fruto proibido. A nossa “natureza inferior” é um oponente que assume diversos nomes: Tentação, Satã, Satanás, Lúcifer, Belzebu, Diabo, Demônio, Baphomet, só para citar alguns, e que devem ser alvo do combate. O que pontua a Idade Média é o medo, sobretudo do demônio, em todas as suas versões e simbolismos. A literatura do Graal não faz referência explícita ao combate externo com o demônio, privilegiando o combate interno aos próprios defeitos. Este combate é re-significado pela virtude, ganhando novos contornos. A virtude é o caminho trilhado pelo guerreiro para a conquista do Graal, ou seja, a conquista de si mesmo. Esta é a hipótese norteadora desta dissertação.

Em relação aos procedimentos metodológicos, utilizei a pesquisa bibliográfica, com base, principalmente nos romances seminais dos séculos XII e XIII, *Perceval ou o Romance do Graal*, de Chrétien de Troyes e *Parsifal*, de Wolfram Von Eschenbach. Tais romances foram analisados na perspectiva do referencial teórico proposto por

1918. Estudou filosofia e psicologia nas Universidades de München y Kiel, obtendo o doutorado em filosofia em 1923. Desde 1925 até 1932 trabalha como professor assistente no Instituto de Psicologia da Universidade de Leipzig. Em 1930 consegue a habilitação para a cátedra como professor de filosofia e em 1932 obtém o professorado em psicologia, incorporando-se a Academia Pedagógica e Docente da Universidade de Kiel. Desde 1937 até 1948 permanece no Japão, onde toma contato e se aprofunda no budismo zen. Em 1948 funda em Rütte, vilarejo próximo a cidade de Tostmoos na Floresta Negra (Alemanha), junto com a Dra. Maria Hippus, o Centro de Desenvolvimento Psicológico Existencial, que até hoje dirige e onde mantém uma escola de psicologia iniciática.

<http://www.nossacasa.net/shunya/default.asp?menu=55> Acesso em 10/12/2008

²⁴ Cf. CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 240

Gilbert Durand, *as Estruturas Antropológicas do Imaginário e da mitologia comparada*, de Joseph Campbell. Em aspectos mais amplos da análise utilizei os referenciais teóricos de Gaston Bachelard, Carl Gustav Jung, Julius Evola, Emma Jung, Mircea Eliade, Max Weber, Emile Durkheim, Georges Duby e outros. Na redação usei o sistema de referência vancouver.

Para Gilbert Durand,

O mito surge como um discurso que traz para o palco personagens, situações e cenários mais ou menos não-naturais, sempre no campo do não-profano, onde se situa o discurso mítico. Como todo discurso, o discurso mítico é segmentável em pequenas unidades semânticas a que Lévi-Strauss chamou de mitemas.²⁵

Nesta dissertação não faço uso da mitocrítica dos textos literários referentes ao Graal, mas busco interpretar sua simbologia com base nas análises feitas por Durand nas *Estruturas Antropológicas do Imaginário*.

A descrição, a classificação e o estudo daquilo a que chamei o aparelho mítico pode constituir um auxílio precioso para o antropólogo na detecção de ideologias, de terminologias de uma sociedade e de uma época “aquilo que designei de mitanálise quando se trata de antropologia e de mitocrítica quando se trata de textos literários. O propósito desta grelha mítica é o de estudar escrupulosamente o *como*, deixando de lado, para interpretações mais ambiciosas, a descoberta do *porque*.”²⁶

Na obra *Campos do Imaginário*, Durand explicita aquilo que chamou de “aparelho mítico”.

Perenidade, derivações e desgaste constituem as evoluções ou manipulações que o mito vai sofrer, o que quer dizer que nós vamos levantar um problema de funcionamento ou ainda, se eu pretendesse utilizar a linguagem freudiana, um problema de aparelho. Fala-se de aparelho psíquico, vamos agora ver qual é o aparelho do mito. [...] A perenidade estaria do lado dos resíduos, enquanto as mudanças e as metamorfoses no interior do mito estariam do lado das derivações. [...] O mito é um quadro, se não formal, pelo menos esquemático e que é incessantemente preenchido por elementos diferentes. É a isto que chamo derivação. [...] O mito nunca desaparece. Mas ele desgasta-se, o que significa que existem, no movimento temporal do mito, períodos de inflação e de deflação. Existem períodos de intensidade e períodos de apagamento, de ocultação.²⁷

Assim como Durand, que diz, “Creio, efetivamente, que um mito nunca desaparece. Ele pode adormecer, pode definhar, mas está à espera do eterno retorno.”²⁸ Também eu acredito na perenidade do mito. As lendas do Graal tão intensas nos séculos XII e XIII retornam no mundo contemporâneo com uma intensidade renovada, reproduzindo, inclusive, o mesmo embate entre os ideários cristão e pagão. “Não existe

²⁵DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p. 95.

²⁶Ibid, p. 116.

²⁷Ibid, p. 97.

²⁸Ibid, p. 111.

um estado puro do mito, não existe o momento zero, o do início absoluto. Existem inflações e deflações. É por esta razão que o mito vive, é por isso que ele é endossado por culturas, por pessoas e por momentos particulares”.²⁹ No conjunto das obras literárias em torno do mito do Graal, estão entrelaçados temas cristãos e pagãos, como no caso explícito da obra escrita pelos monges católicos da Ordem de Bernardo de Clarvaux, onde estes discorrem sobre temas da religião celta: *O Vulgate Cicle des Cistercienses* que contém *l’Estoire del Graal, la Queste del Saint Graal, les Livres de Lancelot* e outros contos de Arthur e Merlim.³⁰

Heitor Megale faz a tradução do francês antigo do livro Merlim de Robert de Boron³¹ e na introdução o autor afirma o interesse da Igreja romana sobre a literatura celta.

Geoffrey of Monmouth declara ter traduzido as *Profecias de Merlim* do original galês para o latim, a pedido do bispo Alexandre. Entre outras obras em latim que trazem essas profecias está a *História Ecclesiastica*, de Ordericus Vitalis.³²

A nossa tradição moral, ocidental cristã, vive o eterno conflito entre a busca de tornar-se um ser melhor e a dificuldade de vencer a inércia para iniciar o movimento que leva ao despertar. O desejo de ser um “ser melhor” indica que o caminho do guerreiro na busca pelo Graal o leva a “torna-se aquilo que potencialmente ele já era”, mas que não tinha consciência, porque estava “dormindo”. Por mais paradoxal que seja, “ele encontrará o que não procurava”. Segundo Durand, ainda que uma das máximas de nossa cultura ocidental seja “só encontras aquilo que procuras”, o buscador termina encontrando aquilo “que não procurava”. Durand diz “Cristovão Colombo parte para encontrar a rota das Índias e descobre a América”.³³

Na literatura do Graal fica patente que o objetivo da busca não era a aquisição da virtude, entretanto, é isto o que acontece no final. Na busca por um objeto material, o guerreiro achou a virtude que não estava procurando. A busca pelo Graal-objeto (uma taça, um prato, uma pedra, ou seja lá o que for) conduziu o guerreiro na conquista de si mesmo, através da virtude, que é da ordem do transcendente.

O profundo e o mítico coincidem. O mítico seria como o inconsciente onde se formulam a tentam resolver-se em imagens as grandes questões às quais o consciente nunca

²⁹ DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p. 115.

³⁰ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p.197.

³¹ Robert de Boron foi um poeta francês do século XII, nascido no lugarejo de Boron perto de Montbéliard, responsável por fazer a conexão entre os mitos celtas de Merlim com a figura bíblica de José de Arimatéia, introduzindo a concepção cristã ao mito pagão, daí sua importância.

³² MEGALE, Heitor. **Merlim: Robert de Boron**. RJ: Imago, 1993, p. 12.

³³ DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p. 114.

consegue dar respostas lógicas sem antinomias, às grandes questões da condição humana: Donde viemos? Quem somos nós? Para onde vamos? O que é que nos espera depois da morte?³⁴

Ainda que o mito se modifique ao longo do tempo, existe um eixo que preserva sua integridade. Em torno desse eixo, as imagens se constelam. É este eixo que procuro.

No primeiro capítulo faço uma análise muito breve sobre personalidades e eventos históricos que deram significado ao mito do Graal, sem a pretensão de fazer uma pesquisa extensiva sobre tais temas. O objetivo é apenas situar histórica e geograficamente o mito e seus personagens. Neste capítulo faço menção a Eleonor de Aquitânia e sua filha, Marie de Champagne, a Bernardo de Clarvaux, a Segunda Cruzada, ao movimento Cátaro no Sul da França e aos Templários. Outros temas são igualmente conexos, como a Inquisição, entretanto, preferimos não tocar para não fugir do nosso objeto de estudo.

No segundo capítulo analiso o surgimento das Ordens de Cavalaria e dos distintos projetos eclesiais para elas, o de Bernardo de Clarvaux e o de Ramon Llull, destacando as semelhanças e diferenças entre ambos.

No terceiro capítulo faço um levantamento extensivo sobre as interpretações do Graal e, finalmente, no quarto capítulo trato do mito do herói e interpreto com base na teoria durandiana os símbolos do cavaleiro: o cavalo, a espada e a armadura.

Nas considerações finais faço um balanço do trabalho como um todo, recuperando minha hipótese inicial sobre o ideal de virtude como o elo entre o mundo material e o mundo espiritual, entre o mundo imanente e o mundo transcendente, ou como o caminho a ser trilhado pelo guerreiro.

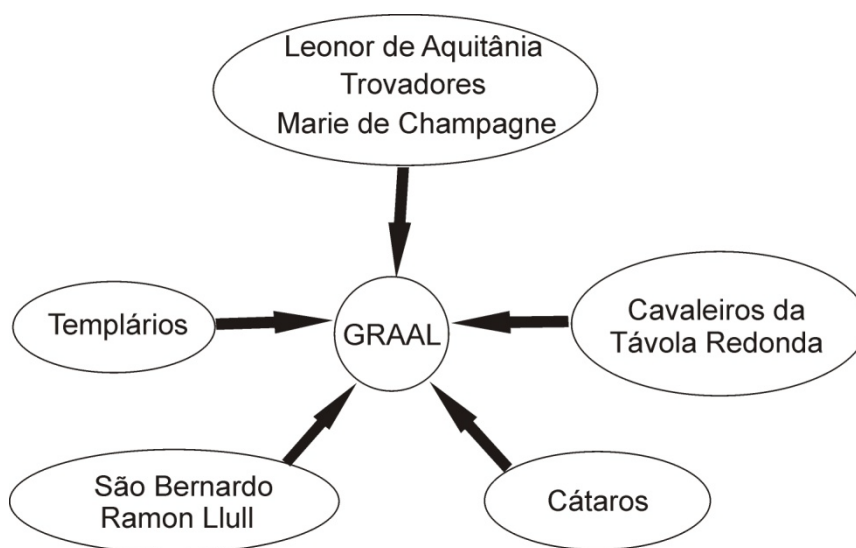
³⁴ Ibid, p. 113.



Figura 3

1. CONSTELANDO O GRAAL

O Graal constela uma enormidade de temas e personagens em múltiplas conexões. O conto de Chrétien não pode ser analisado fora de seu contexto. Ele é fruto de uma época e faz parte de um movimento histórico que buscou transformar a sociedade medieval. Para compreender o romance é necessário conhecer a história desse movimento. Dele faziam parte Leonor de Aquitânia e os trovadores, Marie de Champagne, Ramon Llull, Bernardo de Clarvaux, os Templários e os Cátaros, entre outros. Talvez haja um estranhamento quanto à reunião de pessoas e instituições tão diversas num único agrupamento, no entanto, todos eles partilhavam de idéias semelhantes consteladas pelo simbolismo do Graal. Tal ideário entrou em conflito com os interesses do poder eclesial constituído e provocou uma reação vigorosa por parte da Igreja católica que, prontamente, criou um mecanismo para exterminar os ideários dos Templários e da heresia Cátara: a Inquisição.



1.1 Os Trovadores

O trovadorismo foi um movimento literário que frutificou em torno dos castelos feudais da Europa, sobretudo na região de Aquitânia, desenvolvendo um tipo de literatura que redimensionou a visão do mundo medieval.

Os poetas e cronistas dessa época eram chamados de trovadores, pois no norte da França, o poeta recebia o apelativo *trouvère* (em Português: *trovador*), cujo radical é: *trouver* (achar), dizia-se que os poetas “achavam” sua canção e a cantavam acompanhados de instrumentos como a cítara, a viola, a lira ou a harpa. Os poemas produzidos nessa época eram feitos para serem cantados por poetas e músicos. Os trovadores tinham grande liberdade de expressão, entravam em questões políticas e exerceram destacado papel social. As poesias trovadorescas estão reunidas em cantigas, textos em prosa e as chamadas novelas de cavalaria, como *A busca do Santo Graal*.³⁵ Este tipo de literatura deu origem ao *amor cortês*, modificando para sempre a concepção de casamento e de relacionamento entre um homem e uma mulher.

Historicamente, o casamento sempre teve maior relevância como eixo da estabilidade social e política das famílias oriundas da nobreza e dos grupos sociais a elas ligados do que como desfrute do amor entre duas pessoas. Era o casamento por conveniência, regido por uma relação artificial e submetido a interesses e convenções. Entretanto, entre os séculos VIII e XI ocorreram grandes transformações culturais na Europa, surgindo com elas uma nova concepção de relacionamento amoroso.

O primeiro trovador que se tem notícia foi Guilherme IX (1071-1126), o *Trovador*, foi Duque da Aquitânia e da Gasconha e Conde de Poitiers, conhecido por ser um poeta sensual e amante dos prazeres mundanos. Foi também um dos líderes da Primeira Cruzada.³⁶ Entretanto, foi sua neta, Eleonor de Aquitânia, a principal divulgadora da literatura trovadoresca e dos ideais do *amor cortês*. Ela herda de seu avô o gosto pelo trovadorismo e o dissemina pelos reinos da França e Inglaterra. Dando sustentação e início a literatura do *círculo arturiano*.

Eleonor (1122-1204), Duquesa de Aquitânia, foi casada com Luis VII, rei da França, com quem teve duas filhas. Tendo conseguido legalizar sua separação, ela se casou novamente com Henrique II, rei da Inglaterra, com quem teve cinco filhos e três filhas, entre os quais se destacam Ricardo Coração de Leão e João Sem Terra. Eleonor era fluente em oito línguas e versada em astronomia, matemática e filosofia, numa época de analfabetos, mesmo entre a nobreza. Ela foi contemporânea de Bernardo de Clarvaux (sobre o qual retomarei adiante). Juntamente com ele organizou a Segunda Cruzada para a libertação da Terra Santa. Rica e culta, Eleonor estava decidida a mudar

³⁵ <http://www.brasilecola.com/portugues/trovadorismo.htm> Acesso em 10/12/2008.

³⁶ http://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_IX,_Duque_da_Aquit%C3%A2nia Acesso em 10/12/2008.

o papel da mulher na sociedade de sua época. Ela iniciou diversas transformações em sua Corte, introduziu roupas ousadas que realçavam as formas femininas, tinha um gosto refinado, luxuoso e sofisticado. Ela incentivou um novo tipo de literatura que revolucionou por completo os costumes da época. Os contos de amor floresceram e bardos cantavam o amor para “a princesa presa na torre”. Este tema será retomado em numerosos contos de fada ou em romances como Dom Quixote.

Na literatura trovadoresca o amor é visto como único requisito necessário para a união. Passa a existir uma preocupação com o prazer do casal, anteriormente, centrado unicamente na figura masculina. A mulher passa a ter direito à vida amorosa. Agora ela pode se entregar por amor e não por obrigação ou determinação político-familiar como ditavam os costumes que regiam os casamentos. No mito, Guinever escolheu Lancelot para ser o dono de seu coração, e não o Rei Artur com quem estava casada³⁷. Na história, Eleonor escolheu Henrique II da Inglaterra, por quem se apaixonou, conseguindo que o Papa anulasse o seu casamento anterior com Luis VII, rei da França, livrando-a de uma união que fora feita com base em interesses estratégicos.

Segundo Joseph Campbell, a coragem de amar se tornou a coragem de afirmar uma experiência individual contra a tradição da Igreja[...] deu ao Ocidente essa ênfase no indivíduo, no sentido de que cada um tivesse fé na sua própria experiência, em vez de simplesmente repetir o que lhe era imposto pelos outros. Isso sublinha a validade da experiência individual no tocante à humanidade, à vida, aos valores, contra o caráter monolítico do sistema. O sistema monolítico é um sistema mecânico: cada máquina funciona exatamente como qualquer outra, saída da mesma oficina.³⁸

Chrétien de Troyes pertencia à corte de Marie de Champagne, primeira filha de Eleonor com Luis VII. Tal como a mãe, Marie foi uma mecenas. Protegeu e incentivou os trovadores que propagavam o ideário do *amor côrtes*.

Chrétien foi o primeiro autor a escrever sobre o mito do Graal, certamente influenciado pelos mitos pagãos trazidos do Oriente pelos Templários e pela própria Eleonor. A produção literária de Chrétien de Troyes foi grande, “ele começou por traduzir Ovídio, trocando depois a antiguidade clássica pelas letras célticas. Compôs um

³⁷ Este triângulo amoroso está retratado na obra Lancelot, o Cavaleiro da Carreta. TROYES, Chrétien. **Lancelote, o Cavaleiro da Carreta**. RJ: Francisco Alves, 1994.

³⁸ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 197.

Tristão e Isolda, que se perdeu e, por volta de 1160, o poema *Erec et Enide*, o primeiro do círculo arturiano na literatura francesa.”³⁹

Na introdução da coletânea de textos de Chrétien de Troyes intitulada *Romances da Távola Redonda*, organizada por Jean-Pierre Foucher, este autor afirma que:

Em meados do século XII a lenda de Artur foi transcrita em versos franceses por um trovador normando, Robert Wace, no *Roman de Brut*. Pela mesma época Élie de Boron e Rusticien de Pise redigiram a lenda em prosa. O *Roman de Brut* narra entre outros episódios como o principie Artur nasceu.⁴⁰

Os contos de Chrétien contribuíram para a formação e solidificação do *amor cortês* baseados no *ideal cavaleiresco* da Idade Média. Que pregava uma nova visão de mundo, de novos papéis para homens e mulheres.

A expressão *courtoisie* (cortesia) relaciona-se com a vida no *court* (corte, em francês antigo) como a própria etimologia indica. O termo *courtois* (cortês) emprega-se tanto para qualificar as ações cavaleirescas e a polidez no trato entre pessoas nobres como para indicar uma arte de amar características da época. As regras do *amor cortês* fundamentaram-se numa elevação da mulher na sociedade feudal. Para atingir a perfeição o cavaleiro devia amar e servir uma dama. Para mostrar-se digno dela iria em buscas de aventuras, combateria e realizaria façanhas que provassem sua coragem. O *service d'amour* correspondia à homenagem devida pelo vassalo ao seu senhor.⁴¹

Em termos de mudanças comportamentais do século XII, podemos dizer que o maior feito foi à exaltação do Amor. A "princesa presa na torre", de inúmeros contos de fada, pode simbolizar a situação da mulher do século XII, presa aos velhos costumes, tanto quanto a "alma" presa à matéria. Ambas têm que ser libertadas. A libertação da dama, ou da alma, é a meta do Cavaleiro.

Na obra de Chrétien, a filha do rei Lot descreve a rainha Igraine. Ela é a mãe do Rei Artur e, como Eleonor, governa sozinha o seu reino. Também percebemos o paralelo entre a história e o mito, pois Eleonor é a mãe de Ricardo Coração de Leão, assim como a rainha Igraine é a mãe de Artur.

Verdadeiramente, senhora, ela é tão cortês, é tão bela e sensata que Deus não fez país onde exista tão amorosa mulher! Desde que Deus formou a primeira mulher da costela de Adão, nenhuma foi tão renomada! Ela bem merece. Educa as crianças tão bem quanto um mestre talentoso. Com efeito, a todos minha senhora a rainha ensina e instrui. Dela descende todos os bens. Tudo vem dela, que a tudo vivifica. Ninguém a deixa se sentido desalentado. Ela sabe o que cada um vale e o que pode fazer por ele e

³⁹ TROYES, Chrétien. **Guilherme de Inglaterra**. RJ: Lacerda editores, 1997, **notas do tradutor**, p.5.

⁴⁰ FOUCHER, Jean-Pierre. **Romances da Távola Redonda: Chrétien Troyes**. 2ª edição. SP: Martins Fontes, 1998, p. 10.

⁴¹ TROYES, Chrétien. **Yvain, o Cavaleiro do Leão**. RJ: Francisco Alves, 1989, **notas do tradutor**, p. IX.

como lhe agradar. Nenhum homem faz honra ou bem que não o tenha aprendido de minha senhora, e nenhum, por mais infeliz que esteja, deixa-a encolerizada.⁴²

É muito comum a idéia que as mulheres foram perseguidas na Idade Média, em contra partida, Regine Pernout se coloca contra a essa idéia, colocando que havia dois tipos de moral em confronto, a cristã e a cortês. Para a Igreja o casamento é um sacramento que legitima a união de duas pessoas para fins de procriação. A moral cortês, por outro lado, enaltece o amor irrestrito independente das convenções e conveniências, negando assim o sacramento do casamento. Se a moral cristã legitimava a união carnal, a cortês passou a defender a virtude da castidade despertando a noção da existência da dimensão divina no amor, invisível aos olhos da sociedade. Daí a idealização do amor, tese defendida por Oto Rahn, na obra “Cruzada contra o Graal”.

1.2 A Segunda Cruzada

Segundo Julie Roux, em 1144, os francos perderam Edessa e a Síria. No ano seguinte, Eugênio III, monge cisterciense, sucede Lucio II na cadeira de São Pedro.⁴³

O papa Eugênio III pretende reanimar a Europa para uma segunda Cruzada e coloca Bernardo para esta tarefa. Bernardo escreve para os nobres da Alemanha, França e Itália, pedindo-lhes o apoio para a nova Cruzada, aproveitando o ensejo, Bernardo pede também aos príncipes alemães o fim das hostilidades aos Judeus, ataques conhecidos como *progrom*⁴⁴.

O rei da França e sua rainha Eleonor de Aquitânia estão entre os primeiros dispostos a aderir à segunda Cruzada. Conrado III, regente da Germânia, mostra-se entusiasmado com a Cruzada. Bernardo viaja para Flandres e para a Alemanha, em 1146. Consegue convencer o imperador e os cavaleiros alemães na catedral de Espira.

A abadessa Hildegard Von Bingen⁴⁵ tem visões sobre a Cruzada e tenta dissuadir Bernardo, que se mantém firme em suas respostas às cartas da abadessa. Bernardo

⁴² TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 136

⁴³ ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d’Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM.

⁴⁴ O *progrom* era o nome dado a um ataque organizado contra uma comunidade judaica, com grande destruição e morticínio, insuflado ou tolerado pelas autoridades oficiais. Fonte: Dicionário Aurélio Digital versão 5.0

⁴⁵ Hildegard von Bingen (1098-1179) foi uma mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa em Bingen, contemporânea e correspondente de inúmeras personalidades históricas da época.

participa de uma celebração em Étampes, na cerimônia da partida dos cruzados. Suger, o abade de Saint-Denis é nomeado como um dos responsáveis pela administração do reinado na ausência de Luis VII.

Esta Cruzada foi um fracasso. Em 1150 estuda-se a possibilidade de uma nova Cruzada, com a direção de Bernardo, mas o projeto é cancelado. Posteriormente, a terceira e quarta Cruzadas serão organizadas pelos cistercienses. Gerardo, arcebispo de Ravena e antigo cisterciense será nomeado para presidir a terceira Cruzada. Morrerá em 1191 frente aos muros de São João do Acre. Em 1198, Lucas, abade de Sambucina, responderá pela organização da quarta Cruzada.

A importância da segunda Cruzada para o tema do Graal é a conexão que passa a existir depois dela com o movimento trovadoresco em sua concepção transcendente. O objeto de inspiração do *amor cortês* deixa de ser carnal, mundano, imanente, como no tempo do rei-trovador Guilherme IX, avô de Eleonor, e se torna uma busca espiritual para a “libertação da alma” presa “na torre da matéria”, o corpo físico, concepção dualista tão cara aos cátaros e antes deles os gnósticos, indicando que o contato de Eleonor com o mundo muçulmano que imperava em Alexandria foi inspirador, emblemático e fundamental para esta mudança de perspectiva nas canções e romances do Graal.

1.3 O Catarismo

A corrupção da Igreja Católica gerou uma insatisfação generalizada. O clero não mais seguia o que pregava. Em busca de resgatar as virtudes perdidas, surge um amplo movimento que retoma o cristianismo primitivo. Seguindo as palavras de Jesus: “Mostra-me em atos o que dizes em palavras.” Buscam seguir as escrituras ao pé da letra, seguir a mensagem de amor, veracidade e simplicidade do Cristo. Entre eles estarão os Cátaros, os Templários e os Franciscanos.

Os três grupos acima citados foram contemporâneos, compactuavam de ideais semelhantes. A Igreja Católica Romana reagiu, perseguiu e considerou hereges os Cátaros e os Templários. Os Franciscanos também encabeçaram um movimento contra a opulência da Igreja, alegando que Jesus e seus apóstolos eram pobres. Tal alegação foi declarada herética pela Igreja de Roma. Em Perugia, Itália, no ano de 1322 foi feita uma

manifestação contra a declaração da Igreja. João XXII junto com os Dominicanos combateu a teoria dos Franciscanos e no mesmo ano a bula papal *Cum inter nonnullos* declarava a doutrina Franciscana da pobreza de Cristo como herética.⁴⁶

O Catarismo surge no Condado de Toulouse, único feudo a levar o nome de sua cidade principal e um dos Estados mais importantes do Ocidente. No século XII esse condado era independente do rei da França e mais tarde ficou conhecido como Languedoc⁴⁷. As idéias cátaras rapidamente se espalham pela região da Occitânia, que compreende o sul da França, os vales Occitanos na Itália, o vale d'Aran (ou Aragão) na Espanha e Mônaco.⁴⁸

O Catarismo ganha força num momento em que a burguesia ascendia e o domínio dos reis se enfraquecia, e Eleonor de Aquitânia possuía grandes porções de terras na França, o que significava uma ameaça ao poder central. Por este motivo ela foi escolhida para se casar com Luis, futuro rei da França, aumentando consideravelmente seu efetivo territorial.

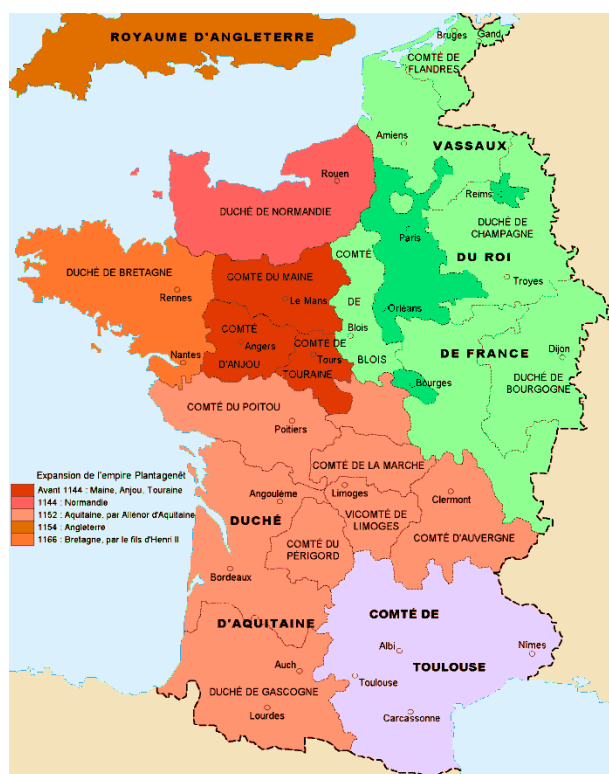


Figura 4

⁴⁶ BONI, Luiz Alberto de. **De Abelardo a Lutero: estudos sobre filosofia prática na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 243.

⁴⁷ Languedoc significa langue d'Oc ou língua dos Occitanos, cidadãos d'Oc, povo de origem celta.

⁴⁸ JULIEN, Lucienne. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993, p. 17

Neste mapa, podemos observar que somente a região verde-escuro corresponde às terras do rei da França, o verde-claro é a terra dos seus vassalos. Pela pequena extensão de suas terras, podemos supor a posição delicada do Rei da França. As regiões mais ricas estavam no sul, fora dos domínios do rei. A situação era propícia a uma revolução. O Condado de Toulouse será um dos principais alvos das Cruzadas Albigenses e também o berço do Catarismo.

Em virtude de sua atividade comercial, os burgueses eram amiúdes mais ricos que os seus senhores. Para saldar suas dívidas, o suserano vendia alguns de seus direitos aos seus credores[...] O vínculo feudal entre senhores e cidades era ainda enfraquecido pela co-senhoria[...] Às vezes a co-senhoria se aplicava a três ou quatro proprietários.⁴⁹

Parcialmente libertados do vínculo feudal, conscientes de seu poderio econômico e da fraqueza de alguns de seus senhores, os burgueses afirmam a sua independência e logo obtém para as suas cidades constituições cujo caráter é já democrático. Desde o século XII, *Tarascon-sur-Ariège*⁵⁰ é administrada por conselheiros designados pela população do aglomerado; Toulouse, capital da dinastia dos Raimon, é dirigida por *capitouls* eleitos; Narbonne, por seus burgueses.⁵¹

Na sociedade Cátara, a herança era repartida igualmente entre todos os irmãos, incluindo as filhas celibatárias,⁵² fato incomum numa sociedade medieval. A mulher possuía bens próprios, dos quais podia dispor sem o consentimento do marido ao contrair matrimônio. As senhoras da nobreza são, quando as circunstâncias o exigem, chefes militares; isso acontece com Adélaide de Burlats, Guiraud e Esclarmonde de Foix. Esta última desempenhou também um papel extremamente importante no domínio religioso, como sua irmã Zebelia, sua cunhada Philippa de Foix e suas netas Ermessinde e Indie de Fanjeaux. Em 1167, no concílio de Lombers, Esclarmonde foi incumbida de defender as teses cátaras perante os prelados romanos e parece ainda ter participado do último concílio de Parmiers antes dos sangrentos sucessos da Cruzada.⁵³

A escolha dos cônsules e dos *capitouls* inspira-se no espírito democrático: todos os cargos repousam na eleição e são temporários: em Saint-Gaudens os juízes são renovados anualmente no verão, durante as festividades de São João; os eleitores são

⁴⁹ JULIEN, Lucienne. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993, p. 21

⁵⁰ Tarascon-sur-Ariège (occitan:Tarascon d'Arièja) commune française située dans la région Midi-Pyrénées. <http://fr.wikipedia.org/wiki/Tarascon-sur-Ari%C3%A8ge>. Acesso em 10/12/2008

⁵¹ JULIEN, Lucienne. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993, p. 22.

⁵² Ibid, p. 22.

⁵³ Ibid, pág 22-24.

escolhidos entre os notáveis da cidade. Em Mossaic, monges, cavaleiros e burgueses fazem parte do colégio eleitoral.⁵⁴

Na Idade Média, as posições sociais eram definidas por hereditariedade, entretanto os Cátaros acreditavam no mérito, o *pretz*, que deveria ser conquistado. No conto de Perceval, o Rei Pescador possui o Graal, mas não pode usá-lo. Somente um cavaleiro de coração puro pode fazê-lo, mas tem que ser por mérito, ou seja, através de muito esforço pessoal. O Cavaleiro que alcançar o Graal pode usá-lo para curar o Rei Pescador e regenerar a terra devastada.

A mensagem do mito questionava o direito de governar do rei da França pelos Cátaros, já que o poder real era adquirido por consangüinidade e não conquistado pelo mérito.

“A melhor parte da tradição ocidental expressou reconhecimento e respeito pelo indivíduo como entidade viva. A função da sociedade é promover o indivíduo. Não é função do indivíduo sustentar a sociedade .”⁵⁵

A Igreja Católica Romana, também se sentia ameaçada pelas idéias Cátaras. Sua fé pregava que não havia necessidade de intermediários entre Deus e o homem, o templo de Deus é o corpo humano e isso ameaça qualquer instituição religiosa dependente dos dízimos. Os sacerdotes de Roma se aliaram ao rei da França no combate as idéias Cátaras. Elas não podiam se alastrar, por isso os massacres subseqüentes e as perseguições dos seus ideais, o Graal e as virtudes femininas.

Lucienne Julien afirma que os pilares da fé cátara eram o *pretz*, o *paratage* e a *convivencia*. Três palavras da língua d’oc que darão origem aos *ideais cavaleirescos*.⁵⁶

Pretz significa preço, valor. No catarismo, o verdadeiro valor não era material, mas espiritual. Na sociedade medieval apenas os nobres podiam se tornar cavaleiros, entre os cátaros, não. Para os Cátaros, as origens do cavaleiro não eram importantes e sim se ele era virtuoso, tinha honra, generosidade, cumpria com a palavra dada e se era capaz de ter compaixão, tudo isso significa o *pretz*. Perceval tinha sangue nobre, mas foi criado como um camponês, longe da cidade. Ele se torna cavaleiro pelo seu próprio esforço e mérito de suas ações. Outra referência ao *pretz* é que os únicos bens de Perceval são sua armadura, sua espada e seu cavalo. Os significados desses símbolos podem estar mais no campo simbólico que no material. A armadura da verdade, a

⁵⁴ Ibid, p. 23.

⁵⁵ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 202.

⁵⁶ JULIEN, Lucienne. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993, p. 23.

espada da justiça e o cavalo, símbolo de alguém que dominou a animalidade e a morte. Retomo estes símbolos no quarto capítulo.

Lucienne Julien dirá que o *paratage* é a regra de vida exterior e interior. O sentimento de honra corresponde à veneração do Espírito Divino, uma parcela do qual reside em cada individualidade. O respeito pela palavra dada corresponde ao respeito pelo Verbo, representado pelo Cristo. A homenagem prestada ao outro, em particular à mulher, a cortesia, o espírito de sacrifício, a consideração pelo próximo são as manifestação das qualidades da alma que geram o dom dos bens e o dom interior de si.⁵⁷

O termo occitano *Convivencia* possui exatamente a mesma grafia e significados da palavra portuguesa *convivência*⁵⁸. Sua meta é saber conviver pacificamente em grupo, aceitar e respeitar o diferente. “O cidadão occitano reclama para si a liberdade de pensamento, mas essa liberdade ele a aceita igualmente para outrem; quando acredita que esta se acha ameaçada, ele se revolta e, para defendê-la, dispõe-se a morrer”⁵⁹. Por analogia, o Cavaleiro da Távola Redonda está sempre pronto a morrer pelo outro, mesmo que seja um desconhecido. Ele luta pela liberdade dos indefesos, independente de quem seja o opressor. Perceval diz a sua amada:

Bela, não é hoje que irei albergar alhures. Quando deixar este castelo, terei devolvido a paz à vossa terra, se puder. Quero encontrar lá fora vosso inimigo, terei muito despeito se ele permanecer lá mais tempo, pois está errado. Se o vencer, se o matar, em paga requero vosso amor. Não desejo outra recompensa.⁶⁰

Joseph Campbell falando sobre as virtudes do Cavaleiro cita: “As cinco virtudes básicas do cavaleiro medieval podem ser lembradas aqui. Temperança, coragem, amor, lealdade e cortesia.”⁶¹ Estas são, justamente, crenças Cátaras.

⁵⁷ Ibid, p. 34.

⁵⁸ *Convivência* (De conviver + -ência) Substantivo feminino

a. Ato ou efeito de conviver; relações íntimas; familiaridade, convívio.

b. Trato diário.

Fonte: Dicionário Aurélio Digital, versão 5.0

⁵⁹ JULIEN, Lucienne. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993, p. 18

⁶⁰ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 52

⁶¹ Cf. CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 203

1.4 Os Templários

Nenhuma Ordem de Cavalaria despertou tanto interesse através das épocas como a Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo do Templo de Jerusalém (de Salomão em algumas versões), ou simplesmente, Os Templários.

Segundo Baigent, a primeira informação histórica sobre os Templários foi feita pelo historiador Guillaume de Tyre, que escreveu entre 1175 e 1185. Neste período a ocupação da Palestina já durava sete anos e a existência dos templários mais de cinqüenta. Assim, Guillaume escreveu sobre acontecimentos que antecederiam o seu próprio tempo. Tratou de eventos que não testemunhou, mas que aprendeu de segunda ou terceira mão. Não houve cronistas em Ultramar entre 1127 e 1144. Não existem registros escritos desses anos cruciais.⁶²

Escrevendo meio século depois, Guillaume diz que os templários se estabeleceram [na Terra Santa] em 1118 e se mudaram para o palácio do rei [o Templo de Salomão], supostamente para proteger os peregrinos nas estradas e rodovias da Terra Santa. Entretanto, naquela época havia um historiador oficial do rei Balduíno. Seu nome era Fulk de Chartres, que escreveu durante os anos em questão. Curiosamente, Fulk de Chartres não menciona Hugues de Payen, ou seus companheiros, ou qualquer coisa relacionada, mesmo remotamente, aos Templários. Na realidade, houve um intrigante silêncio sobre as atividades dos Templários durante os primeiros anos de sua existência.

De origem misteriosa, esta Ordem foi formada no século XII por nove monges-soldados que conjugavam vida monástica com atividades guerreiras. Aparentemente criada com a finalidade de defender de qualquer ataque ou roubo os peregrinos que se dirigiam à Jerusalém, a Ordem certamente possuía outros objetivos.

A literatura a respeito diz que por volta de 1118, o cavaleiro francês Hugues de Payens⁶³, acompanhado de oito cavaleiros, vai até o rei Balduíno, de Jerusalém e solicita sua aquiescência para defender os peregrinos cristãos em seu transitar pela Terra Santa. O rei concorda e lhes concede muitos privilégios entre os quais as edificações correspondentes ao antigo Templo de Salomão como local para sua habitação. Dez anos mais tarde, alguns deles partem para a França e participam do Concílio de Troyes, onde

⁶² BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993, p. 36.

⁶³ CELAYA, Fernando D. **Os Templários**. SP: Angra, 2001, p. 22. O autor comenta que alguns historiadores afirmam que Hugues de Payens era catalão e seu verdadeiro nome era Hug de Pinos.

expõem a necessidade de oficialização da Ordem através da aprovação dos seus estatutos. Estes foram redigidos por Bernardo de Clarvaux. André de Montbard, um dos nove cavaleiros, era tio de Bernardo. Hugues de Payens era parente do Conde de Champagne e possuía terras próximas de Troyes. Os demais cavaleiros se chamavam Godefroy de Sanint Omer, Payen de Montdidier e Archambaud de Saint Amand, dos quatro restantes só se conhecem seus nomes de batismo: Gondemare, Rosal, Geoffroy e Bisol. O conde de Champagne é incorporado ao grupo 1126.⁶⁴

Na opinião de inúmeros autores existiam motivos ocultos para a fundação de uma Ordem religiosa e militar para prestar idênticos serviços a uma outra já existente, a Ordem dos Hospitalários. Não existe registro da época, nem mesmo mais tarde, de peregrinos sendo protegidos por eles. E não podemos deixar de admirar que apenas nove homens pudessem pretender dar cabo de tão gigantesca tarefa.⁶⁵ Assim, mais do que a “proteção aos peregrinos”, os Templários vão se ocupar de outros interesses, inclusive políticos e econômicos.

Segundo Martin Bauer⁶⁶ Quanto às Regras dos Templários, redigidas por Bernardo de Clarvaux, elas se apresentam em duas versões, a oficial em latim e a francesa. A versão latina contém 72 artigos e fixa a convivência na Ordem, orientando a vida monástica. O lema *ora et labora* (ore e trabalhe) determina o cotidiano dos Templários. A regra fixa também a vestimenta e o penteado; externamente os Cavaleiros da Ordem devem ser reconhecidos pelo hábito branco, sobre o qual portam um manto branco. A marcante cruz pátea vermelha foi adicionada somente em 1147, sob o pontificado de Eugênio III. Assim como os monges Cistercienses, os Templários também devem manter seus cabelos curtos, mas, ao contrário dos monges cistercienses, os templários podiam portar barba.⁶⁷

A vestimenta branca usada pelos cavaleiros surgiu da necessidade de mostrar ao mundo que a Ordem do Templo defendia a castidade de seus membros e de que um cavaleiro Templário era um cavaleiro imaculado. Alguns anos após a concessão de uma bula papal à Ordem, a cruz de Cristo foi oferecida por Eugênio III, em 27 de abril de 1147, *a fim de que esse sinal triunfante seja para eles como um escudo para que não fujam diante de nenhum infiel*. Essa fabulosa cruz vermelha surgiu pela primeira vez colocada no lado esquerdo do manto, exatamente sobre o coração, tornando-se numa espécie de símbolo oficial.⁶⁸

⁶⁴Ibid, p. 31.

⁶⁵ BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993, p. 38.

⁶⁶ BAUER, Martin. **Os Templários: mito e realidade**. SP: PHL, 2007, 2ª edição, p. 31.

⁶⁷ Ibid, pág 34.

⁶⁸ SILVA, Pedro. **Templários: uma rica pesquisa sobre os Cavaleiros de Cristo revelando segredos, símbolos e história das Cruzadas**. RJ: Catedral das Letras, 2005, p. 31.

A regra dos Templários, documento central da fundação da Ordem, consiste de duas partes, triviais e nada espetaculares segundo Bauer. A convivência monástica é semelhante a dos cistercienses e as regras do uso das armas baseiam-se em considerações práticas e em um código de honra do cavaleiro. O revolucionário do texto de Bernardo está na combinação destes dois elementos.⁶⁹

Digno de menção é a estranha lacuna nas regras sobre o objetivo (um ou mais) da Ordem. Em nenhum lugar está indicada a tarefa atribuída a Ordem, ou seja, a proteção dos peregrinos a Terra Santa.⁷⁰

Muito já se escreveu na busca de uma explicação sobre esta lacuna, entretanto, da retrospectiva histórica o que se pode afirmar com segurança é que a proteção dos peregrinos não consta como objetivo nos estatutos da Ordem.

Sob a influência de Bernardo de Clarvaux, Inocêncio II exaltou a virtude dos Cavaleiros, lhes deu amplos direitos e garantiu a independência da Ordem de todas as autoridades eclesiásticas, com exceção do papa. Somente a ele os Templários deviam prestar contas. De acordo com a bula papal, os Templários não estavam sujeitos a nenhum poder temporal, portanto, ninguém podia lhes exigir vassalagem.⁷¹

Na introdução a regra escrita por Bernardo de Clarvaux, *De laude novae militiae* (elogio do novo soldado), ele analisa as contradições de uma Ordem como a Templária, que pretende ser religiosa, por um lado, portanto, dedicada à oração e à compaixão e, por outro, militar, dedicada à guerra e ao homicídio. Bernardo se encarregou de deixar claros os conceitos de “homicídio sujeito a penalidades” e “homicídio em nome de Cristo”, os quais desculpa e exalta, dando assim os fundamentos da “guerra santa” promovida pelos cristãos contra os muçulmanos no objetivo de libertar a Terra Santa.⁷²

A idéia de guerra santa e de prêmio final, o paraíso, à semelhança do conceito muçulmano de *jihad*, afirma que “Cristo é a recompensa da morte, quando se morre lutando contra o infiel, pois se encontrar a morte na batalha, o milites se reunirá com o Senhor”.⁷³ Na Terra Santa os Templários encontram não apenas o infiel contra o qual combater, mas, talvez mais importante que isso, eles entram em contato com as doutrinas e filosofias próprias das civilizações do Oriente, tais como as irmandades

⁶⁹ BAUER, Martin. **Os Templários: mito e realidade**. SP: PHL, 2007, 2ª edição, pág 34.

⁷⁰ Ibid, pág 34.

⁷¹ Ibid, p. 45.

⁷² CELAYA, Fernando D. **Os Templários**. SP: Angra, 2001, p. 26.

⁷³ Ibid, p. 42.

sufis, cabalistas e gnósticas, o que lhes valeu uma lista de imputações tais como idolatria, sodomia, magia e heresia, entre outras, provocando-lhes o mesmo fim que os cátaros: tortura e morte nas fogueiras da Inquisição.

No mesmo século de propagação da doutrina cátara, se deu igualmente a pujança do movimento trovadoresco e a criação da Ordem dos Templários, todos inspirados na busca mística do Graal. Na maioria das narrativas épicas, o Graal está perdido e somente os cavaleiros mais capazes e puros de coração poderão redescobri-lo, desde que saibam formular a pergunta correta: A quem serve o Graal?

É o que tentaremos responder nos próximos capítulos desta dissertação.



Figura 5

2. A CAVALARIA

2.1 SURGIMENTO DAS ORDENS DE CAVALARIA: DE VASSALOS A MILITES

Georges Duby⁷⁴, afirma que os nobres brabanteses se fazem armar cavaleiros e adornar com o título de *militēs* por volta de 1175, isto é, no próprio momento em que os hospitalares e templários se estabeleciam no ducado, formando o *miles christianus*, o combatente de Deus. Segundo Duby, esse fato ocorreu na segunda metade do século XII e devido à expansão das Ordens religiosas militares nos países alemães. O mesmo sucedeu na Lotaríngia⁷⁵.

A palavra *militia*, a partir do século XII, o que entendemos por cavalaria. Os escritores que traduziram para o francês antigo os textos latinos anteriores substituem sistematicamente o termo *militia* pela palavra cavalaria. Nos textos latinos da época romana clássica, a *militia* é o exército de Roma.⁷⁶

Tais *militēs* formam uma aristocracia que se fortalece, mas mantendo-se muito abaixo da elite das famílias “nobres”, que a proliferação natural das linhagens tornou ao mesmo tempo um pouco mais numerosas e, logo, menos ricas.⁷⁷ A nobreza medieval é independente da cavalaria e lhe é anterior. A nobreza é uma qualidade que vem dos ancestrais.⁷⁸ O momento em que um título particular é adotado para designar especialmente os membros de uma nova categoria social deve ser considerado como um

⁷⁴ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, A afirmativa de Duby baseia-se na obra *La noblesse en Brabant aux XII^e e XIII^e siècles: quelques sondages* de P. Bonenfant e G. Despy.

⁷⁵ A Lotaríngia (Lotharingia) foi um reino da Europa ocidental resultante da divisão do Sacro Império Romano-Germânico no Tratado de Verdun e que consistia numa estreita faixa de terra ao longo dos rios Reno e Ródano. O seu nome provém do imperador Lotário I. Este reino compreendia as regiões que hoje são Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Renânia do Norte-Vestfália, Renânia-Palatinado, o Sarre (estados da Alemanha) e ainda a Alsácia. O único rei da Lotaríngia foi Lotário (reinou entre 855 e 869), mas não conseguiu manter o seu controle. Com a sua morte, o reino foi dividido pelos seus tios Carlos e Luís, pelo Tratado de Meerssen.

Fonte: Wikipédia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lotar%C3%ADngia>

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 13.

⁷⁶ FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. SP: Madras, 2005, p. 15.

⁷⁷ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 4

⁷⁸ Ibid, p.7

ponto em que aquele grupo já está devidamente reconhecido, estabelecido, aceito pela sociedade e passível de transmissão para as futuras gerações.⁷⁹

Segundo Duby, a partir de suas pesquisas sobre os documentos da região de Mâconnais, principalmente dos cartulários da abadia de Cluny, afirma que nessa região a palavra *miles* surge exatamente no ano de 971, conforme atas que foram conservadas. A partir de então este termo substitui progressivamente os qualitativos *vassus*⁸⁰ ou *fidelis*⁸¹, no caso de subordinação vassálica, ou *nobilis*⁸², no caso de ilustres de nascimento.

Por volta de 1032, a transferência está consumada e o vocabulário *cavaleiresco* substitui as outras formas verbais que exprimiam a superioridade social. Eles são empregados de duas maneiras, individualmente como título pessoal ostentado no protocolo inicial ou final das cartas, ou coletivamente, para expressar a qualidade particular de certos membros de uma corte de justiça ou de certas testemunhas. Todavia, a palavra *miles* permanece de uso excepcional e bastante irregular.⁸³

Assim, por volta do ano mil, a palavra *miles* se difunde pelas regiões francesas como um título que qualifica determinados indivíduos. Alguns desses cavaleiros permaneciam numa condição muito modesta, atuando como servidores armados das grandes famílias. Duby assinalou os estudos de P. Petot que comprovou a existência de cavaleiros-servos em Flandres, em Champagne, em Berry, Paris e também na Alemanha.

Os atuais estudos indicam que no centro da França do século XI, os cavaleiros possuíam feudos minúsculos e sua fortuna era constituída primordialmente de alódios⁸⁴. A região do Mâconnais⁸⁵ apresenta uma situação distinta do resto da França, segundo os estudos de E. Perroy, os cavaleiros são incontestavelmente tidos como homens livres, pertenciam a famílias abastadas e a maioria deles reivindicava os mesmos ancestrais que

⁷⁹ Ibid, p. 24

⁸⁰ *Vassus* é uma palavra de origem céltica: *gwas*. Seus significados são: um homem jovem e dependente, um escravo, ou um homem das armas.

Fonte: <http://www.castlemaniac.com/lexique-medieval/lexique-medieval-Vassus.php>

⁸¹ *Fidelis*, indivíduo que jurou fidelidade, não necessariamente vassalagem.

Fonte: www.castlemaniac.com/lexique-medieval/lexique-medieval-Nobilis.php

⁸² *Nobilis*, é um substantivo latino que pode designar: uma pessoa importante do reino ou província, um homem iminente, um homem ilustre ou uma pessoa inferior aos príncipes, mas superior aos milicianos e aos homens livres.

Fonte: www.castlemaniac.com/lexique-medieval/lexique-medieval-Nobilis.php

⁸³ Ibid, p. 25.

⁸⁴ Alódios, do latim *alodiu*, frâncico *alôd*, significa “patrimônio livre”. Alódios são bens ou propriedades com isenção de direitos senhoriais. Fonte: Dicionário Aurélio Digital versão 5.0.

⁸⁵ O Mâconnais é uma pequena região no Saône-et-Loire distrito ao sul da Borgonha, França.

os castelões, seus senhores. Nessa região, a transmissão da investidura de cavaleiro era estritamente hereditária.

No Noroeste, nas regiões litorâneas do Norte e da Mancha, os cavaleiros viviam de uma “prebenda”⁸⁶, em condições domésticas no castelo de seu senhor. O direito de primogenitura impelia os outros filhos a fazerem fortunas por si mesmos, por isso ingressavam nas companhias militares de vassalos, constituídas nas “casas” dos poderosos.⁸⁷

Duby afirma que a França Medieval manteve a idéia de uma nobreza de sangue cujo brilho precedia e ultrapassava a honra da cavalaria. Adalbéron⁸⁸ exprimia isso dizendo que “os títulos dos nobres lhes vêm do sangue dos reis de que descendem”.

Ela estava também presente na literatura romanesca do fim do século XII, como por exemplo, no romance do Graal: Percival é nobre sem o saber. Sua mãe quis educá-lo fora da cavalaria, no entanto, a força de seu sangue real triunfa sobre sua educação tímida e o arrasta às *virtudes cavaleirescas*. Em outra passagem do mesmo romance, Galaad diz ao seu filho, que acaba de ser investido cavaleiro, “cuidai para que a cavalaria seja tão bem empregada em vós que o amor de vossa linhagem nela se possa preservar.”⁸⁹

A exaltação da condição de cavaleiro foi bem mais precoce nas regiões francesas que na Germânia. Duby, se referindo aos estudos de E. Dellaruelle e J. Chelini, aponta:

A formação nos meios eclesiásticos de um conceito do miles Christi, auxiliar da Igreja, que ganha a salvação cumprindo nos moldes da moral cristã os deveres do seu estado, deve ser colocada na época carolíngia, e foi durante o século X, que amadureceu rapidamente a noção de uma “ordem” de militares, encarregada de uma missão geral de proteção, entre o povo de Deus, digna, por isso mesmo, de certos privilégios jurídicos.

A Ordem de Cavalaria estava bem instituída quando foram introduzidas as instituições da paz de Deus. Uma das conseqüências dos regulamentos de paz foi estabelecer o *milites* num estatuto particular, muito superior aos dos camponeses. Era o momento em que se operava uma nova distribuição dos poderes de comando, em que se

⁸⁶ A *prebenda* é o rendimento de um canonicato, renda eclesiástica, ocupação rendosa e de pouco trabalho (*sinecure*), encargo ou tarefa desagradável, ingrata. Fonte: Dicionário Aurélio Digital versão 5.0

⁸⁷ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 15.

⁸⁸ Adalbéron de Laon viveu no século XI, era abade de Laon, localizada no norte da França. Ele ficou conhecido por sua teoria das ordens ou tripartição da sociedade segundo a função realizada. *Les oratores* (os que rezam), *les pugnatores* ou *bellatores* (os que combatem) e *les laboratores* (os que trabalham, ou mais precisamente, que laboram a terra).

⁸⁹ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 16.

instalavam os “costumes” exigidos pelos detentores do direito de convocação de *ban*⁹⁰ e dos quais foram isentados os cavaleiros. Seu grupo afirmou-se, já no século XI, muito antes da fundação das ordens religiosas militares, como um corpo privilegiado tanto no plano temporal quanto no espiritual, ao qual a Igreja propunha o exercício de virtudes particulares e tipos exemplares de vida religiosa.⁹¹

Depois de 1200, vemos as famílias de nobreza se enfraquecerem aos poucos pelo fracionamento das heranças, pela concorrência do príncipe que disputa com elas o chamado *poder banal*⁹², pela libertação das comunidades rurais, pela diminuição das rendas senhoriais, compensada, porém, por *rebates*⁹³ bem-sucedidos, notadamente pelo sucesso de algumas empresas de loteamento. Só poucas linhagens conseguem salvaguardar seu patrimônio: elas constituíram, em meados do século XIII, o pequeno grupo dos “pares”.

Mais da metade dos “nobres”, porém, não logrou manter-se na aristocracia, e isso no momento mesmo em que a situação dos cavaleiros se consolidava. Mais numerosos, detentores agora dos atributos do poder, flanqueando sua morada de torres e julgando os camponeses, os *milites* viram, de fato, afirmar-se ao longo do século o prestígio do seu título. Passaram a se autodenominar de *messire*⁹⁴ e logo foram os únicos a ter direito a esse qualificativo. Por volta de 1280, nas listas de testemunhas, deixou de ser feita a distinção entre nobres e os cavaleiros. O cavaleiro ficava num lugar distinto, à parte em relação a todos os outros, fato importante num mundo tão atento a hierarquia protocolar. O nobre não armado cavaleiro teve de ficar atrás dos cavaleiros não-nobres.⁹⁵

⁹⁰ *Ban*, na França Medieval, significava convocação de nobres para serviço militar.

⁹¹ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 16.

⁹² *Banal*, dizia-se da coisa pertencente ao senhor feudal, e de que os vassalos se serviam pagando um foro. Fonte: Dicionário Aurélio Digital versão 5.0.

⁹³ *Rebate*, desconto que se faz em letra, título de crédito, promissória, etc., quando trocado por dinheiro. Fonte: Dicionário Aurélio Digital versão 5.0.

⁹⁴ *Messire* é uma palavra do francês arcaico. É um título utilizado antigamente para pessoas distintas. Atualmente, é utilizado apenas para o chanceler da França. Interessante que *messire* é formado pela junção de “*mes*” e “*sire*”. *Mes* é um adjetivo de posse que significa “meu”. *Sire* é um título utilizado no trato com imperadores ou reis.

Messie já significa messias.

Messier é o homem encarregado de guardar os “frutos da terra” antes da colheita.

Messieurs é uma palavra que significa senhores.

Fonte: Dicionário Francês Dicoplus. www.dicoplus.org

⁹⁵ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 4.

No final do século XIII, os cavaleiros ganharam a liberdade pessoal, já que os príncipes os isentaram dos costumes banais. O título de cavaleiro era hereditário, seus filhos podiam ostentar e usufruir do título mesmo que não portassem armas. Essa franquia resultou, no século XIII, por constituir o grupo dos cavaleiros numa nova nobreza. No entanto, os “nobres” da velha estirpe ainda zelaram ciosamente, durante várias gerações, para não se misturar com eles. Somente nos últimos anos do século XIV é que as alianças matrimoniais e a extensão a todos os cavaleiros de “homem nobre” confundiram enfim estes dois grupos. Já em 1420 existia entre os habitantes de Namur⁹⁶ uma única classe superior de “fidalgos”.⁹⁷

Segundo indica J. Prawer em seu artigo “La noblesse et le régime féodal du royaume latin de Jérusalem”, logo após a primeira cruzada, a cavalaria e a nobreza estavam juridicamente confundidas no reino de Jerusalém.⁹⁸ No século XI, os costumes franceses distinguiam dois grupos jurídicos, os cavaleiros, livres de exploração banal, entre os quais se encontravam os nobres, e os outros. Nessa época, os nobres já se adornavam com o título *cavaleiresco*, evocando algum antepassado que tenha sido cavaleiro.⁹⁹

Nos primórdios do século XIII os limites entre a nobreza e a cavalaria eram pouco delimitados ou até inexistentes, tal fato decorre principalmente das liberdades fiscais, direito dos cavaleiros e seus descendentes. Ser nobre significava escapar ao fisco. Vale salientar que entre as medidas para ser cavaleiro encontrava-se uma que proibia a execução de tarefas camponesas ao cavaleiro.¹⁰⁰

A classe de Cavaleiro era amplamente aberta em seus primórdios. Para nela se introduzir, bastava realizar à cerimônia de investidura de Cavaleiro. A cerimônia de investidura, ao que tudo indica, não era delimitada ou controlada, no entanto, isso logo mudou. Esses novos-ricos logo cessam de fazer armar seus filhos. Entre os fidalgos, os cavaleiros se rarefizeram com muita rapidez, principalmente depois de 1350. Entre as razões estão os altos gastos em armamento e montaria, a manufatura da armadura sob

⁹⁶ A província de Namur, localizada na Bélgica, na região da Valônia. Sua capital, homônima, é Namur.

⁹⁷ Fidalgo- *filho de alguém*- é um indivíduo que tem título de nobreza.

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 5.

⁹⁸ PRAWER, J. **La noblesse et le régime féodal du royaume latin de Jérusalem**. apud DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 157.

⁹⁹ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 17.

¹⁰⁰ Ibid, p. 19.

medida envolvia um processo longo e custoso, além disso, o juramento de cavaleiro impunha deveres incômodos, expunha a perigos, enquanto o simples escudeiro era cada vez mais bem apreciado.

Mas a principal razão do abandono da investidura era que bastava contar com um cavaleiro entre os antepassados, alguém do sétimo grau, para usufruir dos privilégios fiscais, judiciários e militares, para ser “livre”¹⁰¹, a fim de se colocar entre os “homens de lei e de linhagem.” Foi essa classe jurídica que, na Namur da Baixa Idade Média, substituiu a antiga “nobreza”, quando até mesmo a sua lembrança acabou por se perder. Os cavaleiros eram constituídos em sua maioria por homens ricos, proprietários de casas fortificadas em cima de outeiros¹⁰², com torres *bloquehut*¹⁰³ e capelas, mas também haviam cavaleiros de origens modestas, artesãos e até mesmo criados.

Tal como na antiga *nobilitas*, o privilégio de alguém se fundamentava unicamente no seu nascimento, ou seja, sua linhagem, o que permitia que qualquer filho bastardo fosse também cavaleiro.¹⁰⁴

A questão da linhagem era de fundamental importância para o cavaleiro e aquele que lhe antecedeu, o nobre medieval. Todo nobre se dizia antes de tudo *de nobilis ortus* ou “fidalgo”, isto é, não se referia em primeiro lugar, ao seu poder ou riqueza, mas aos seus antepassados. A importância da ascendência é tamanha, que é ela que justifica a posição diferenciada do nobre, ainda que este antepassado seja um personagem mítico.¹⁰⁵

¹⁰¹ Nas cartas redigidas do início do século XII, “homem livre” tem o mesmo sentido de *nobilis* (nobre). Ibid, p. 1.

¹⁰² Pequeno monte.

¹⁰³ A torre de Bloquia (Bloquiau – Bloquehut – Blockhauss) fazia parte de um complexo militar construído pelo principado de Liège para se opor e defender do Duc de Brabant, no século XII. Fonte: http://www.wallonie-tournages.be/index.cfm?Content_ID=9161617&Decor_id=384831996

¹⁰⁴ DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989, 1ª edição, p. 5.

¹⁰⁵ Ibid, p. 8.

2.2 DOIS PROJETOS ECLESIAIS PARA A CAVALARIA

No começo, como veio ao mundo menosprezo de justiça devido à minguagem de caridade, conveio que pelo temor a justiça retornasse à sua honra. E por isso, de todo o povo foram divididos em grupos de mil e de cada mil foi eleito e escolhido um homem, mais amável, mais sábio, mais leal e mais forte, e com mais nobre coragem, com mais ensinamentos e de bons modos que todos os outros.¹⁰⁶

Apoiando-se, sobretudo na tese de Duby, Ricardo da Costa¹⁰⁷ afirma que dentro da Igreja Católica havia dois projetos eclesiais em relação à cavalaria. Cada um dos projetos gerou o seu tipo ideal de Cavaleiro, com identidade e códigos próprios.

Segundo Le Goff¹⁰⁸, no final do século XII a cavalaria era criticada por diversos grupos sociais, entre eles, a igreja e a nobreza. A Igreja denunciava o não cumprimento de sua missão original, além de adquirir valores mundanos como os torneios. A nobreza denunciava a transformação da Cavalaria em exércitos mercenários.¹⁰⁹

Devido à importância da Cavalaria como instituição, a Igreja Católica atuou sobre sua ideologia, construída a partir de elementos eclesiásticos e nobiliárquicos. A partir do século XI, a Igreja pretendeu moralizar o mundo militar, moldar a cavalaria a um código ético particular. As três principais determinações dessa ética seriam: fidelidade, valentia e generosidade.¹¹⁰

Para Duby, a ideologia¹¹¹ é um sistema de representações globalizante, deformante e estabilizador, que pretende preservar as relações sociais e mascarar

¹⁰⁶ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, p. 13

¹⁰⁷ Ricardo da Costa é historiador medievalista da UFES, acadêmico correspondente da *Reial Acadèmia de Bones Lletres de Barcelona*, membro do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e da comissão Brasileira de Filosofia Medieval.

¹⁰⁸ LE GOFF, Jacques. "Realidade sociais e códigos ideológicos no início do século XIII: um exemplum de Jacques de Vitry sobre os torneios". In: *O Imaginário Medieval*, 1994, p. 267-279 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XXVIII

¹⁰⁹ As chamadas Grandes Companhias. Ver TUCHMAN, Barbara W. *Um espelho Distante. O terrível século XIV*, 1990, p.205-213 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XXVIII

¹¹⁰ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, 1987, p. 118 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XXIX.

¹¹¹ *Ideologia*, de *ideo* + *logia*. Substantivo feminino.

a. Ciência da formação das idéias; tratado das idéias em abstrato; sistema de idéias.
b. [Filosofia] Conjunto articulado de idéias, valores, opiniões, crenças, etc., que expressam e reforçam as relações que conferem unidade a determinado grupo social (classe, partido político, seita religiosa, etc.) seja qual for o grau de consciência que disso tenham seus portadores.
c. [Política] Sistema de idéias dogmaticamente organizado como um instrumento de luta política.
d. Conjunto de idéias próprias de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica

funções sociais e econômicas. Ela não é um reflexo do vivido, mas um projeto de agir sobre a realidade social, permitindo ao grupo criar a identidade comum que coordena suas ações, fazendo-o agir coletivamente.¹¹² Numa mesma sociedade coexistem várias ideologias concorrentes, correspondendo a diferentes grupos sociais, étnicos, culturais e de relações de poder, transformando-se num verdadeiro projeto.¹¹³

O primeiro projeto capitaneado por Bernardo de Clarvaux (1090-1154), monge cisterciense, em sua carta *liber ad militae templi: de laude novae militae*¹¹⁴ propunha a integração da cavalaria à instituição eclesiástica e justificava a violência através da finalidade correta. Defendia a Cavalaria como o braço armado da Igreja, como integrante da própria instituição. Como exemplo, temos as ordens monásticas dos Templários e Hospitalários. Estes monges combatiam o demônio com a espada em punho e não somente com rezas.

Bernardo era sobrinho de um dos nove cavaleiros fundadores da Ordem dos Templários e também foi o patrono dos mesmos, além de ter redigido o código da Ordem.¹¹⁵

No Código dos Beneditinos o termo *miles Christi*, milícia de Cristo, significa o combate ao demônio e aos pecados capitais com rezas e jejuns. Entretanto com a guerra empreendida pela Igreja contra os Mulçumanos modificou o imaginário Cristão. A combinação de monge e guerreiro passou a ser algo novo e o sentido de *milícia de Cristo* passou a significar o combate mortal aos Mulçumanos. Os responsáveis por essa mudança foram o papa Gregório VII e São Bernardo.¹¹⁶

O segundo projeto ideológico da Igreja estava baseado no pensamento de Ramon Llull. Este pretendia controlar os Cavaleiros por meio de uma ética, atribuindo à Cavalarias objetivos, ideais e normas de comportamento. Diferentemente do projeto representado por Bernardo, que defendia o **monge guerreiro**, Llull propunha o

Fonte: Dicionário Aurélio Digital, versão 5.0

¹¹² DUBY, Georges. As três ordens ou o imaginário do feudalismo, 1982, p. 21 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p.XXIX.

¹¹³ DUBY, Georges. “História social e ideologias das sociedades” apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p.XXIX.

¹¹⁴ LIBER AD MILITAE TEMPLI: DE LAUDE NOVAE MILITAE. São Bernardo de Clarvaux. Tradução de Conrad Greenia, 1977. Fonte: ORB Online Encyclopedia historymedren.miningci.com/msubktem.htm

¹¹⁵ WARD, J. M. Upton, **The Rule of Templars – The French Text of The Rule of the Knight Templar**, Editora The Boydell Press, 1992, p. 2

¹¹⁶ Ibid, p. 2

guerreiro cristão, ou seja, o Cavaleiro não fazia parte da instituição católica, mas era doutrinado por ela. A Igreja Católica legitimava a função da Ordem da Cavalaria na sociedade e a colocava como a guardiã da Cristandade, embora sem fazer parte da estrutura eclesial.¹¹⁷

Este projeto procurava doutrinar a partir da literatura, produzida por seus clérigos para um público guerreiro, assim a luta estava sempre presente, mas por trás estava a ideologia cristã, as virtudes do cavaleiro ideal cuja função era de estar a serviço da monarquia e do papa. Assim foi sendo formada uma ideologia própria ao grupo, o *código cavaleiresco*, fundamentado no esquema ideológico das *três ordens do feudalismo*, ou dos *três estados* (dos que rezam, dos que combatem e dos que trabalham).¹¹⁸

A *literatura cavaleiresca* adotava uma postura romanceada da guerra e do guerreiro. Baseava-se nos mitos do ciclo arturiano para definir a Ordem da Cavalaria. Era uma ordem de homens nobres e probos¹¹⁹ que existia para trazer justiça aos homens. No entanto, na prática, a Ordem de Cavalaria servia para sancionar e legitimar o *status quo* estabelecido. Assim a cavalaria servia para defender os interesses da nobreza, do Rei e do Papa, ou seja, o poder instituído.

Tanto é nobre coisa o ofício de cavaleiro que cada cavaleiro deveria ser senhor e regedor de terra; mas, para os cavaleiros, que são muitos, não bastam as terras. E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si mesmo manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a Ordem de Cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes, condes¹²⁰, varvesores¹²¹, e assim os outros graus de Cavalaria; e debaixo destes graus devem estar os cavaleiros de escudo, os quais sejam gorvenados e possuídos pelos graus de Cavalaria acima ditos.¹²²

Nessa perspectiva, a Ordem da Cavalaria se colocava a serviço da Igreja e se submetia a ela por laços invisíveis, internos, ou seja, pelo ideal de virtude. Em nome da

¹¹⁷ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XXXI

¹¹⁸ DUBY, Georges. "História social e ideologias das sociedades" apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa** ao Livro da Ordem da Cavalaria, p. XXIX.

¹¹⁹ *Probo*, adjetivo, do latim *probu*. Significa: de caráter íntegro, honesto, honrado, reto, justo. Fonte: Dicionário Aurélio Digital, versão 5.0

¹²⁰ Grau imediatamente inferior ao conde na hierarquia feudal catalã

¹²¹ *Varvesores*: O correspondente em Portugal a infanções. Infanções é uma denominação de origem espanhola que correspondia a "filhos de alguém". Os infanções eram fidalgos de nascimento que não desempenhavam lugares da administração pública.

¹²² LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, p. 27.

Virtude os Cavaleiros buscavam a atitude correta, mesmo que lhes custasse à vida. Para o homem medieval virtude e fé se confundiam, eram indissociáveis.

2.3 O PROJETO DE BERNARDO DE CLARVAUX

Bernard de Fontaine¹²³ (1090-1153) era o abade do mosteiro de Clairvaux¹²⁴, foi canonizado em 1174 tornando-se Saint Bernard de Clairvaux ou São Bernardo de Claraval, em português. Bernardo nasceu em 1090 na cidade de Fontaine-lès-Dijon, filho do senhor de Fontaine, Tescelino e de Aleth de Montbard¹²⁵, nobres de condições medianas, mas de laços sanguíneos com senhores poderosos e influentes. Tescelino e Aleth tiveram seis filhos e uma filha. Bernardo é o único dos filhos que não é destinado a cavalaria, talvez por causa de sua frágil saúde. Bernardo vai estudar no Colégio Saint-Vorles de Châtillon-sur-Seine, ali conhece a Bíblia, os Padres da Igreja e sua teologia. Estuda a língua e os autores latinos.¹²⁶

Aos 18 anos regressa ao castelo de Fontaine para viver como um nobre da corte. Com 22 anos parte para a vocação monástica, com mais trinta companheiros, entre eles quatro de seus irmãos e dois de seus tios maternos, ingressam no mosteiro de Cîteaux. Recepcionados pelo abade Estêvão Harding, que mais tarde entrará em diversos conflitos com Bernardo.¹²⁷

Ele foi uma figura emblemática do século XII, de enorme influência, aconselhava até reis e papas. O apoio de Bernardo, no concílio de Troyes, a Ordem dos Templários foi fundamental para sua aprovação pelo papa e respectiva criação, sendo Bernardo também o seu patrono e redator do seu código. Também reformou a Ordem Cisterciense, redigindo seu código. No cisma de Anacleto, intervêm a favor de

¹²³ Fontaine-lès-Dijon é uma comuna francesa situada no departamento Côte-d'Or da região administrativa da Borgonha. Site oficial da comunidade: www.fontainelesdijon.fr

¹²⁴ A Abadia de Clairvaux é situada na França, na vila sous-la-Laferté, na região de Champagne-Ardenne, no departamento de Aube. É uma fundação cisterciense de primeira importância, fundada em 1115 pelo próprio São Bernardo.

Fonte: site da Ordem Cisterciense www.cister.net e o site da Abadia de Clairvaux abbaye-clairvaux.barsuraube.net

¹²⁵ MontBard é uma cidade no leste da França, sub-prefeitura do departamento Côte-D'Or, na região da Borgonha.

¹²⁶ ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d'Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM, p. 45.

¹²⁷ Ibid, p. 45.

Inocêncio II, conseguindo o suporte do rei da França Luis VI. A partir de então, usa de sua influência para eleger papas e bispos de sua ordem.¹²⁸

À sua morte, em 1153, a Ordem Cîteaux conta com 345 mosteiros, dos quais 167 são filiações de Clairvaux, fundações ou mosteiros que pedem para serem incorporados à Ordem. Em 1163 o seu culto é introduzido em Clairvaux e em 1174, o papa Alexandre III o canoniza. Bernardo produziu uma considerável quantidade de obras, é o maior escritor do seu tempo, apesar do seu estado de saúde sempre precário em virtude das austeridades que se impõe.¹²⁹

No ocidente, no final do século XI, o culto Mariano ganha vários adeptos, tornado-se muito popular, um dos principais responsáveis foi o próprio São Bernardo e, segundo os monges cistercienses da abadia de Acey, foi por causa de Bernardo que a Ordem Cisterciense adotou a virgem como sua protetora. Por sua fé, devoção e empenho em defender o culto Mariano, a Virgem recompensa Bernardo com o seu próprio leite. “São Bernardo, o orador de Maria, será representado muitas vezes bebendo fisicamente seu leite, manancial simbólico do verbo de Deus.”¹³⁰

Uta Ranke defende a tese que o culto Mariano foi criado pela Igreja Católica para combater o culto feminino e a veneração da Grande-Mãe, honrada pela religiosidade pagã.¹³¹

Os fiéis da Igreja de Saint-Vorles de Châtillon-sur-Seine, Borgonha, relatam um caso em que a Virgem jorrou leite do seu seio para Bernardo, caso tido como verídico por Roma em 1340. Este caso se caracteriza como a *narrativa fundante* do culto a virgem pregado por Bernardo de Clairvaux, essencial para um estudo imagético-simbólico.

Nesta igreja, certa imagem[...] da bem aventurada Virgem Maria presenteou milagrosamente seu filho [São Bernardo] e, entre outras coisas, o instruiu na fé católica[...] A imagem levou a mão ao seio e fez brotar milagrosamente três gotas de leite[...] na boca de seu devoto santo. Assim, havendo recebido as gotas do seio da dita imagem[...], compôs vários louvores de devoção[...] e escreveu devotamente o *Salve Regina*¹³²

¹²⁸ Ibid, p. 48-49.

¹²⁹ CAETANO, Bispo Edmilson Amador. “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998”. www.abadia.org.br/ordem4.htm

¹³⁰ Ibid, p.54-55

¹³¹ RANKE, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. RJ: Rosa dos Tempos, 1996.

¹³² Ibid, p.55

A Igreja justifica o milagre afirmando que, através do leite de Maria, Bernardo liga-se ao próprio Cristo menino. O monge Pedro de Celles, beneditino do final do século XII, descreve Bernardo como o filho lactante de Maria. Os monges Cistercienses do século XII se vêem como irmãos de leite com o menino Jesus, como filhos espirituais de Maria, que lhes dá simbolicamente seu leite, bebida celestial que representa a graça divina e permite crescer na fé. “Unamos a Jesus enquanto bebemos do mesmo peito[...] Os seios de Maria estão cheios de céu, recomfortam com uma suavidade indizível”, escreveu Adán de Perseigne¹³³, no final do século XII e início do XIII, abade do monastério de Perseigne da Diocese de Mans, em uma de suas cartas. A Virgem Maria, é a figura mediadora entre o céu e a terra, o divino e o humano, o crente e o Deus homem, concilia trabalho e contemplação ao transcendente, nos cuidados que dedica ao seu filho recém nascido, ela é o melhor exemplo do que deve ser a vida monástica, tal como o concebe os Cistercienses.¹³⁴

Beber o leite de Maria pode causar certa estranheza para um católico contemporâneo, no entanto, esse mesmo devoto moderno bebe e cultua o sangue do Cristo durante a missa.

No século XII houve uma mescla dos símbolos do leite Mariano com o sangue do Cristo, através do leite de Maria bebia-se o sangue do Cristo e vice-versa. Adán de Perseigne, em uma de suas cartas intitulada “as fontes que jorram do cordeiro”, descreve o sangue que jorra das chagas do Cristo a semelhança do leite que brota do seio: “Do corpo do Cordeiro jorram cinco fontes das quais temos necessidade[...] só se podem haurir das águas nas fontes do Salvador quando, das feridas do Cristo, os lábios da fé sugam os regatos da graça[...] Da adega de vinho que é seu lado traspassado, jorra o vinho da caridade que dá a vida.”¹³⁵

Augustin Rico Mansilla em sua obra “En torno a Gonzalo de Berceo: Los milagros de Nuestra Señora y el culto a la Virgen” define Bernardo com clara orientação Mariana e que suas palestras tinham ampla receptividade pelo povo. Mansilla

¹³³ Adam de Perseigne (1145-1221) ajudou na pregação da quarta cruzada. Conhecido na época por sua sabedoria e santidade. Seus sermões são publicados em Roma no ano de 1662 sobre o título de *Adami Abbatibus Perseniae Ordinis Cisterciensis Mariale*.

Fonte: Enciclopédia Católica

<http://www.newadvent.org/cathen/01134a.htm>

¹³⁴ Ibid, p.54 e 55

¹³⁵ PERSEIGNE, Adam de. **Epistola III**,37, Ed. a J. Bouvert, Sources Chrétiennes 66, Paris 1966. Tradução de P. Matias Fonseca de Medeiros, membro da Ordem Cisterciense do Brasil, p. 94-97

Fonte: Ordem Cisterciense <http://www.ocist.org/adam-matias.htm>

observa que o culto Mariano tem uma profusão justamente nos séculos XII e XIII, no entanto, ele não atribui a Bernardo, que este apenas encabeçou um movimento já existente de cunho popular e cita a hipótese de Atienza¹³⁶: A Igreja encabeçou o movimento mariano, não como consequência, mais ou menos coerente, de uma religião massivamente aceita, mas como uma revolução radical da consciência coletiva. Ao contemplar a devoção massiva da Virgem naquela encruzilhada histórica, pode-se notar que, longe de constituir um simples complemento da crença oficial, supõe-se uma nova maneira de enfrentar o feito religioso: uma alternativa, de raiz pagã (A Grande Mãe), preponderantemente assumida, que a autoridade eclesiástica teve que aceitar e renunciar a boa parte de seus esquemas básicos de sua teologia. Assim, a eclosão do culto a Maria pode haver começado como uma concessão da Igreja, obrigada por seu próprio programa de substituição de costumes pagãos.¹³⁷

O bispo Edmilson Amador Caetano¹³⁸, pertencente à Ordem Cisterciense, escreveu uma breve biografia de Bernardo, a “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998”¹³⁹. Ele nos relata a Ordem Cisterciense na época de Bernardo já tinha seu espírito e estrutura definidos, contudo, a Ordem apenas tornou-se o que é graças a Bernardo de Clairvaux. Ele foi o principal responsável pelo sucesso da Ordem. Segundo o bispo, mesmo dada a importância desse personagem histórico, a última biografia foi do século passado, “Vie de Saint Bernard”¹⁴⁰, realizado por Florent Zéphyr Elphège Vacandard¹⁴¹.

¹³⁶ ATIENZA, J.G.: **Nuestra Señora de Lucifer: Los misterios del culto a la Madre de Dios**. Ed. Martínez Roca S.A. Barcelona, 1991.

¹³⁷ MANSILLA, Augustin Rico **En torno a Gonzalo de Berceo: Los milagros de Nuestra Señora y el culto a la Virgen**. Biblioteca Gonzalo de Berceo, Madrid, Espanha, 2004.

www.vallenajerilla.com/berceo/arm/ricomansilla.htm

¹³⁸ Edmilson Amador Caetano é o atual bispo de Barreto e antigo abade do mosteiro de Nossa Senhora de São Bernardo em São José do Rio Pardo. (04/05/2008)

<http://diocesedebaretos.blogspot.com/2008/01/diocese-conhece-o-seu-novo-bispo-dom.html>

¹³⁹ O texto “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998” do bispo Edmilson encontra-se disponível no site da Ordem Cisterciense.

www.abadia.org.br/ordem4.htm

¹⁴⁰ VACANDARD, Florent Zéphyr Elphège. “Vie de Saint Bernard”, 2 volumes, Paris, 1895.

¹⁴¹ Florent Zéphyr Elphège Vacandard, foi um historiador da Igreja Católica, nasceu em 1849 na cidade de Melleville (Seine-Inférieure), comuna francesa da alta-Normandia. Faleceu em 1927, na cidade de Rouen, capital da Normandia. Recebeu sua formação teológica na Faculdade de Aumale e no “Grand Séminaire Aire”, em Rouen. Foi ordenado sacerdote, mas deixa a função para assumir o cargo de professor religiosos no Liceu Corneille. Foi presidente da “Academia de Ciências, literatura e artes de Rouen” e recebeu um prêmio da Academia Francesa por seus trabalhos.

Fonte: Biblioteca Intercultural das editoras Traugott Bautz em Nordhausen.

www.bautz.de/bbkl/v/vacandard_f_z_e.shtml

Segundo o bispo Edmilson, para Bernardo a estética, o estudo do belo, emana da palavra Deus, assim Bernardo favorece a leitura das escrituras e da música em detrimento da pintura ou escultura. Bernardo era rigoroso e disciplinado, inclusive, em seu código ele proibiu o monge distrair-se. É necessário ao monge ter fidelidade a regra, simplicidade, pobreza e, sobretudo caridade. Seguindo o seu exemplo, de modo especial ao que dizem respeito à pobreza, os cistercienses estabeleceram-se em “desertos”, onde realizam um duro trabalho manual, o é suficiente para seu sustento, permite também distribuir aos necessitados. Conhecem um despojamento que os aproxima daquele de Jesus Cristo e dos apóstolos. Rejeitam o sistema social da época, renunciam aos dízimos e feudos e, do mesmo modo, não aceitam os “benefícios” que poderiam ser propostos pelos homens da Igreja.

Imbuídos com a idéia da igualdade, a adesão ao mosteiro, não se faz mais conforme a origem social dos monges, todos vivem do mesmo modo. Todos os monges têm que seguir as determinações do Capítulo Geral do código da Ordem, ainda que seja abade ou o superior da Ordem. Segundo o Capítulo Geral, a simplicidade da vida aparece nos hábitos, nas construções realizadas com linhas geométricas “limpas”, estilo despojado, sem decorações. A espiritualidade não está dirigida a uma elite, mas a seres humanos de carne, permeados profundamente pelo desejo de converter-se.

Este quadro estaria incompleto se não se fizesse menção ao culto da Virgem das Dores e da Ternura, pronta para socorrer as mais diversas angústias, como para suscitar o respeito pela mulher, numa sociedade bastante violenta.

O prestígio pessoal de Bernardo e o seu poder de convencer fazem crescer continuamente a sua influência na Ordem, na Igreja e no mundo. Esta influência é exercitada em duas linhas principais: a primeira linha era a consolidação da Ordem Cisterciense e o reconhecimento da excelência da sua observância, a segunda linha, a Reforma da Igreja. Em 1115, Bernardo foi enviado com um grupo de monges para fundar Clairvaux e aí passa toda a sua vida como abade, renunciando a qualquer outra dignidade eclesial. Em 1118, Clairvaux funda sua primeira casa-filha e durante trinta anos o ritmo das fundações é de dois monastérios por ano, através de toda cristandade ocidental, com exceção da Europa Central.¹⁴²

¹⁴² CAETANO, Bispo Edmilson Amador. “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998”. www.abadia.org.br/ordem4.htm

Em 1119 funda o mosteiro de Fontenay e de Foigny em 1121. A partir de 1124, Bernardo se converte no membro mais destacado da Ordem Cisterciense, como consequência de um assunto que o afeta pessoalmente. Seu sobrinho, Roberto de Châtillon, que Bernardo considera como filho, foge de sua Ordem e em segredo ingressou na Ordem de Cluny¹⁴³. Ali, Roberto é aceito pelo prior Mateo, que o leva para o mosteiro de Cluny. Com esse ato, Roberto rompeu com seus votos de obediência e fidelidade a Ordem Cisterciense. Bernardo exige o retorno do sobrinho, os monges de Cluny se opõem, respaldados pela Santa Sé que lhes é favorável.

Bernardo replica escrevendo uma carta destinada a seu sobrinho. Nela, Bernardo tenta convencer o seu sobrinho, de que está sendo enganado: “Ah, criança insensata! Quem te fascinou para que descumprissem os votos que teus lábios pronunciaram?”¹⁴⁴ ou “Filhinho meu, se os perversos tentam te enganar, não concordes. Não creias em qualquer espírito. Que sejam os muitos que te saúdam. Mas mestre, um entre mil.”¹⁴⁵

Bernardo refere-se diversas vezes a Roberto como filho. Acusa a Ordem de Cluny, entre outras coisas, de ter dissuadido seu sobrinho, de falta de espiritualidade e de serem glutões. No entanto, o próprio Bernardo sabe que ele é o motivo da fuga do sobrinho: “É certo que a culpa de sua partida foi minha. Fui muito austero com um delicado adolescente, tratei com dureza desumana um jovem. De fato, essa era a causa de teus murmúrios contra mim, que eu recordo, quando ainda vivia conosco. E por essa mesma razão, segundo soube, não cessas de me desprestigiar. Não te culpo.”¹⁴⁶

¹⁴³ A Ordem de Cluny (do latim medieval cluniacenses, de Cluniacum, Cluny) constituem um ramo da Ordem beneditina reformada na abadia de Cluny, doada por Guilherme III, duque da Aquitânia, ao abade Bernon, dos condes da Borgonha, para que ali pudesse viver em uma comunidade de doze monges. Fundada em 909-910, a Ordem de Cluny conseguiu fugir à decadência e à secularização, com uma política de dependência direta de Roma. A Ordem de Cluny distinguiu-se por seu acentuado espiritualismo e sua liturgia elaborada que, dentre outras coisas, previa uma solene comemoração dos mortos e um culto privilegiado à cruz e a Maria. Enquanto crescia a reputação da abadia de Cluny, abades e monges introduziam em toda a Europa os costumes e as reformas pregados pelos monges de Cluny, que entre outras coisas, defendiam o retorno as antigas tradições da vida monástica. A Ordem esteve em crescimento, até quando Bernardo começou sua investida, quando esta entrou em decadência. Passou por diversas reformas, mas não conseguiu se reerguer e em 1790 a Ordem de Cluny foi suprimida e a abadia de Cluny fora destruída.

cf.uol.com.br/jubilaem/historia_texto.cfm?id=37

A cidade de Cluny fica na França, na região da Borgonha.

¹⁴⁴ Carta de Bernardo a Roberto, seu sobrinho que mudou da ordem cisterciense para a cluniese. Tradução prof. Dr. Ricardo da Costa (UFES). Tradução a partir da edição bilíngüe (latim-espanhol) Obras Completas de San Bernardo VII – Cartas. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, MCMXC, p. 02-59.

www.ricardocosta.com/textos/bernardo.htm

¹⁴⁵ Ibid

¹⁴⁶ Ibid

Bernardo publica a carta dirigida a seu sobrinho, tornando-a pública, o que ocasionou um conflito direto com a Ordem de Cluny. Pouco depois publica uma apologia a Ordem Cisterciense, que dedica a seu amigo Guillermo de Saint-Thierry¹⁴⁷, onde confronta a austeridade, pobreza e simplicidades da Ordem Cistercienses ao modo de vida dos monges da Ordem de Cluny.

O confronto com Bernardo é desastroso para a Ordem de Cluny, resultando na decadência desta. Os monastérios da Ordem de Cluny deixam de ser a referência arquitetônica para os novos monastérios e passa-se a adotar a arquitetura cisterciense. Nessa época, Bernardo já é um dos mais influentes e importantes personagens da cristandade ocidental e manteve seus ataques aos monges de Cluny.¹⁴⁸

Em 1128 está presente no sínodo de Troyes, para definir a missão e a estrutura da nova Ordem, a dos pobres cavaleiros de Cristo do Templo de Salomão, os Templários. Escreve o *liber ad milites Templi: de laude novae militiae*, documento em que defende e justifica a criação desta nova Ordem, criada para a guerra Santa, contra as hordas do príncipe das Trevas. “Eles são evidentemente os vingadores de Cristo contra os depravados e são corretamente considerados os defensores do Cristianismo.”¹⁴⁹

Um novo Guerreiro, nem monge, nem cavaleiro, mas os dois ao mesmo tempo. Um guerreiro Santo, que não teme homem ou demônio: “Uma nova Cavalaria surgiu na Terra[...] Ele é verdadeiramente um cavaleiro sem medo e protegido por todos os lados, sua alma é protegida pela armadura da fé assim como seu corpo é protegido pela armadura de aço. Ele é duplamente armado e não teme nem demônio, nem homem.”¹⁵⁰

O ano de 1130 é uma data chave para a vida de Bernardo: até agora tinha se consagrado somente à vida da sua comunidade e da sua Ordem, agora entra de modo ativo e decisivo na vida da Igreja, ajudando a resolver situações de crise que deriva da

¹⁴⁷ Guillermo de Saint Thierry (1085-1148) foi o primeiro biógrafo de São Bernardo. Abade beneditino de Saint-Thierry e, posteriormente, da Ordem Cisterciense. Junto com São Bernardo era adversário de Pedro Abelardo.

Fonte: Enciclopédia GER

http://www.canalsocial.net/GER/ficha_GER.asp?id=1485&cat=biografiasuelta

¹⁴⁸ ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d'Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM, p. 48.

¹⁴⁹ LIBER AD MILITAE TEMPLI: DE LAUDE NOVAE MILITAE. São Bernardo de Clarvaux. Tradução de Conrad Greenia, 1977. Fonte: ORB Online Encyclopedia

historymedren.miningci.com/msubktem.htm

¹⁵⁰ Ibid

dúplice eleição de Inocêncio II e de Anacleto II, situação que provoca um cisma que durou oito anos e que foi ocasião das primeiras viagens de Bernardo à Itália.¹⁵¹

Em 1134, morre Esteban Harding, a Ordem já havia adquirido uma estrutura sólida e uma autoridade definida, inicia-se nesses anos um enorme apogeu da Ordem, que vai durar até 1153. Esse crescimento da Ordem em influência, mosteiros e poder são atribuídos a liderança de São Bernardo.¹⁵²

Em 1145, o prior de Clairvaux, Godofredo de La Roche-Vanneau ganha às eleições da sede episcopal de Langres, substituindo um monge da Ordem de Cluny. Em 1145, outro cisterciense, Bernardo Paganelli, abade de San Anastasio e antigo monge de Clairvaux, é eleito papa, com o nome de Eugênio III.¹⁵³

Em 1145 percorre o Languedoc para pôr fim aos erros hereges. Em 1147, o papa Eugênio III, que tinha sido abade cisterciense de *Tre Fontane* (Roma)¹⁵⁴, dá-lhe a missão de pregar a II Cruzada, que foi um fracasso, do qual Bernardo se considerou responsável. Em 1150, sob a insistência de Suger, abade de S. Denis, tenta, em vão, convencer Eugênio III de retomar a Cruzada. Na primavera de 1153, inicia uma última viagem a Lorena, retorna a Clairvaux, onde recebe a notícia de morte de Eugênio III e morre também ele aos 20 de agosto do mesmo ano.¹⁵⁵

O bispo Edmilson, também relata em seu documento *Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione*, os ataques de Bernardo contra Abelardo, considerado culpado no concílio de Sens¹⁵⁶, em 1141.

2.3.1 O poder de Bernardo também se dá no âmbito da sucessão papal

Em 1130, a Igreja romana sofre um cisma como consequência da dupla eleição pontifical que enfrenta Inocêncio II com Anacleto II, esse conta com o apoio majoritário

¹⁵¹ CAETANO, Bispo Edmilson Amador. “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998”. www.abadia.org.br/ordem4.htm

¹⁵² ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d’Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM, p. 45.

¹⁵³ Ibid, p. 48.

¹⁵⁴ O mosteiro de *Tre Fontane* torna-se cisterciense em 1140. Bernardo dedicará ao papa Eugênio III o *Tratado De Consideratione*.

¹⁵⁵ CAETANO, Bispo Edmilson Amador. “Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998”. www.abadia.org.br/ordem4.htm

¹⁵⁶ Abelardo foi considerado culpado duas vezes, a primeira no concílio de Soissons em 1121 e posteriormente no concílio de Seins.

em Roma e tem o respaldo de Roger II da Sicília. Na Itália, Roger é um adversário forte demais para Inocêncio, que foge e vai se refugiar na França. Inocêncio pede ajuda ao imperador Lotário III, que não atende a seus pedidos, no entanto, Luís VI, rei da França, convoca um concílio especial em Étampes, 1130. Bernardo defende o direito de Inocêncio diante do concílio, convence o rei da França. Após o concílio, Bernardo pede uma audiência com o rei da Inglaterra, Enrique I, convencendo este também. Em 1133, Bernardo está na Itália, junto com Inocêncio II e as tropas do imperador. Os três, Inocêncio, Lotário e Bernardo entram em Roma, aparentemente o conflito está resolvido. Quando o imperador retorna a Alemanha, Anacleto reage e Inocêncio, mais uma vez tem que fugir da Itália.¹⁵⁷

Novamente, Bernardo e Inocêncio pedem ajuda a Lotário. Bernardo parte para reconquistar Milão, um dos bastiões de Anacleto. Na cidade, Bernardo é calorosamente recebido pelo povo e a nobreza decide construir uma abadia em homenagem ao monge, com o seu nome italianizado, Chiaravalle. Mesmo com os ataques de Lotário, Roger II ainda controla o Mezzogiorno (sul da Itália) e Anacleto ainda vive em Roma. Com a morte de Anacleto, em 1138, termina o conflito e Inocêncio é eleito Papa.

¹⁵⁷ ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d'Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM, p. 49.

2.3.2 Imagens de Bernardo de Clarvaux

Os milagres da lactação



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

Bernardo de Clarvaux e a segunda cruzada



Figura 10



Figura 11

2.4 O PROJETO DE RAMON LLULL

Ninguém melhor para definir *o que é a Cavalaria* do que um cavaleiro-filósofo medieval que escreveu uma obra sobre o assunto. Não qualquer obra, mas uma que compreendeu essência da Cavalaria. Ramon Lull (1232-1316) importante filósofo medieval, influenciou o pensamento europeu e foi o primeiro a escrever obras filosóficas em língua catalã vernácula. Filho de nobres, de muitas posses, dominava o latim e o árabe, o manejo das armas e era hábil na equitação. Estudioso da teologia e das filosofias cristãs, árabes e judaicas, ele tinha todos os requisitos do Cavaleiro. Em sua obra “O livro da Ordem de Cavalaria” ele depositou os ideais da Cavalaria e buscou instruir os futuros cavaleiros sobre as virtudes da ordem.¹⁵⁸

Llull foi matemático e é considerado um dos precursores da análise combinatória exercendo grande influência sobre o trabalho de Leibniz. Llull utilizou lógica, métodos matemáticos, diagramas combinatórios e notação simbólica para representar todas as formas de conhecimento num esquema que ele chamou de *Arbor scientiae* (árvore do conhecimento).¹⁵⁹ Com base em seus estudos místicos e em construções matemáticas, ele propunha um método de busca do conhecimento denominado de *ars inveniendi veritatis*, “arte de buscar a verdade”.¹⁶⁰

O autor do *Livro da Ordem de Cavalaria*, Ramon Llull, nasceu em Palma de Maiorca¹⁶¹ por volta de 1232 e morreu em 1316, provavelmente em Túnis, norte da África. Criado na corte real de Maiorca, teve formação *cavaleiresca*, tornando-se também trovador. Seu pai, nobre, participou da reconquista da ilha de Maiorca aos mulçumanos, em 1229, pelo rei Jaime I de Aragão, o *Conquistador* (1213-1276). Por esse motivo, foi recompensado com propriedades na ilha.¹⁶²

¹⁵⁸ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **Introdução de Ricardo da Costa**.

¹⁵⁹ J Fauvel and R J Wilson, The Lull before the storm : Combinatorics and religion in the Renaissance, *Bulletin of the ICA* **11** (1994), p. 49-58.

Escola de Matemática e Ciências de St Andrews, Escócia

[www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Llull.html](http://www.history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Llull.html)

¹⁶⁰ Enciclopédia Britânica

www.britannica.com/eb/article-9048651/Ramon-Llull

¹⁶¹ A cidade de Palma é a de maior extensão na ilha de Maiorca, a maior das ilhas do arquipélago das ilhas Baleares, província da Espanha. Situa-se no mar Mediterrâneo.

¹⁶² SOTO I COMPANY, Ricard. *Alguns casos de gestió colonial” feudal a La Mallorca Del segle XII*.p.349 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XV

Assim, Llull passou sua infância e juventude em torno da corte real. Sua educação foi direcionada para a carreira das armas, fato que influenciou consideravelmente sua produção posterior, imprimindo ao seu estilo um tom elegante e gracioso, por vezes cerimoniosos.¹⁶³ Segundo Llull nos conta, sua vida era fútil e frívola. Vivia da arte de trovar e compor canções e ditados das loucuras desse mundo.

Casou-se com Blanca Picany, tendo dois filhos, Domingos e Madalena. Foi nomeado administrador da casa real de Maiorca. Viveu na corte até os trinta anos, época em que teve uma visão de Jesus Crucificado. Durante dias a visão retornou. Inspirado por ela, Llull converteu-se ao cristianismo e se dedicou ao trabalho missionário. Em 1275 vendeu seus bens, deixando apenas o suficiente para o provento de sua mulher e filhos e partiu em peregrinação por diversos lugares sagrados na Península Ibérica.

Ricardo da Costa afirma que Llull era um missionário laico, embora seu pensamento esteja fortemente vinculado à espiritualidade franciscana. Ao contrário do que se costuma pensar, não existe nenhuma prova documental que Llull tenha aderido a qualquer ordem religiosa. Durante um período de sua vida esteve propenso a ingressar numa ordem, franciscana ou dominicana, mas foi dissuadido. Segundo o autor, Llull foi um pensador leigo e a iconografia posterior o franciscanizou.

Dedicou-se então à reflexão filosófica dirigida a cristãos, judeus e mulçumanos que pode encontrar em suas viagens a Chipre, Túnis, Armênia e Sicília. Percorreu diversas universidades na Europa (Paris, Nápoles, Roma, Bolonha, Montpellier e Barcelona)¹⁶⁴ Fundou em 1276 um colégio em Miramar, Espanha, onde os missionários cristãos podiam estudar a língua árabe, que dominava e que lhe permitiu adentrar no misticismo sufi islâmico.

Por volta de 1272 começou sua maior criação intelectual: *Ars Magna* (A Grande Arte), na qual buscou a redução absoluta de todos os conhecimentos aos primeiros princípios. Escreveu a *Árvore da Ciência*, extensa enciclopédia, contendo inúmeras passagens de valor literário, onde organizou todas as ciências como ramos de uma árvore.

¹⁶³ CARRERAS Y ARTAU, Tomás y Joaquín. *História de La Filosofía Española. Filosofía Cristiana de los siglos XIII AL XV*, p. 264 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XVI.

¹⁶⁴ SARANYANA, Josep Ignasi. *Vocabulário Filosófico em lenguas romances. Los primeros escritos catalanes de Ramon Llull* apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XIX.

Místico, poeta, filósofo, esforçou-se para abarcar o conhecimento num esquema de idealismo neoplatônico que propunha resolver todas as diferenças religiosas e estabelecer um mundo de paz. Para Llull, a inspiração criadora tem sua fonte no contato direto com Deus, tal como propõe Bernardo de Clarvaux. Llull sugere uma busca racional da fé através da matemática e da filosofia-mística.

Consolidou com seus escritos a língua catalã, então embrionária, e influenciou amplamente o misticismo por toda a Europa medieval, sendo precursor dos grandes místicos do século XVI.

A produção de Llull é imensa. Escreveu em latim, árabe e catalão cerca de duzentas e oitenta obras, destacando-se, além das já citadas: *O livro da contemplação*, verdadeira enciclopédia de conhecimentos teológicos e naturais; *Blanquerna*, novela autobiográfica e notável criação literária, em parte utópica pela ampla e profunda reforma social que defende; *Félix, ou o livro de maravilhas*, narração das viagens de um homem que procura ansioso a verdade, admirando-se do que vê.

No fim de sua vida, em 1311, Llull ditou aos monges cartuxos¹⁶⁵ de Vauvert¹⁶⁶ a história de sua vida, a obra *Vida Coaetania*. Vauvert era uma das três bibliotecas criadas por Llull em vida, com o objetivo de transmitir sua obra às futuras gerações (os outros depósitos eram em Gênova, financiados pelo patrício *Perseval*¹⁶⁷ de Spínola, e em Palma de Maiorca, com o apoio financeiro de seu genro). Estas três bibliotecas determinaram a futura tradição manuscrita luliana: uma linha francesa, uma italiana e uma catalã.¹⁶⁸

A autobiografia de Llull é fragmentária e em certa medida uma justificação de sua vida e obra para ser apresentada no Concílio de Vienne, no Delphinado. Existem duas versões da *Vita Coaetania*, uma em latim e outra em catalão. A versão em latim é considerada mais autêntica. Cogita-se que a versão catalã foi uma tradução da versão

¹⁶⁵ A Ordem Cartuxa foi fundada em 1084 por São Bruno de Colônia, no vale de La Chartreuse, ao norte de Grenoble. A palavra Cartuxa é uma latinização do topônimo Chartreuse. Seu modo de vida traduzia-se num eremitismo monacal mesmo no seio de uma comunidade religiosa. Por esse modo de vida austero a ordem nunca foi popular, tendo no ano de 1524 apenas 195 mosteiros cartuxos. LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XIII

¹⁶⁶ Vauvert é a contração das palavras *le val vert*, que significa o vale verde. No início do século 17, o Palácio de Luxemburgo e o jardim foram construídos no local do mosteiro Cartuxo. Atualmente, é a sede do Senado Francês.

¹⁶⁷ Homônimo de Perseval do Romance do Graal. Seria esse fato apenas alguma coincidência?

¹⁶⁸ O testamento de Ramon Llull, publicado em ROL, tom. XVIII, 1991, p. 251-263 apud LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XIV.

latina, mas ela possui detalhes adicionais, em sua maioria geográficos, não encontrados na versão latina. A biografia de Llull feita por Ricardo da Costa baseou-se na versão Catalã.

Llull tentou provar os dogmas cristãos a partir de argumentos lógicos e matemáticos. No entanto, essa abordagem matemática da fé não foi aceita. O papa Gregório XI o acusou Llull de confundir a fé e condenou seus ensinamentos.¹⁶⁹

2.4.1 O Livro da Ordem de Cavalaria

Llull surge no contexto em que as Ordens de Cavalaria buscavam uma identidade própria. Segundo ele, além da Cavalaria ter perdido seu rumo, todos os homens haviam se desviado igualmente do caminho. No entanto, para Llull a Ordem da Cavalaria poderia regenerar a si mesma e a sociedade. Bastava que ela retomasse seus valores primevos e sua missão original, tal qual Perceval, cavaleiro do romance do Graal que, através de sua espada e virtudes, salva os oprimidos e pune os injustos, incumbido de encontrar o Santo Graal, fonte de vida e salvação de toda a humanidade.

Llull afirmou que a Cavalaria deveria estar a serviço da fé cristã. O Cavaleiro é o herói que veio para regenerar o mundo, através da fé cristã, pacificar os homens e combater os infiéis.¹⁷⁰

Os cavaleiros deveriam imbuir-se dos mais nobres ideais, pois esta era uma missão divina e só os puros de coração teriam o direito de prestar tal serviço. Entre os homens, os cavaleiros eram os mais amáveis, mais sábios, mais leais, mais fortes, mais corajosos e de bons modos que todos os outros. No entanto, tal distinção, tamanhas qualidades num homem impunham enormes responsabilidades para com seus semelhantes e com Deus.

“Porque quanto mais nobres princípios tens, mais obrigado a ser bom e agradar a Deus e às gentes estás.”¹⁷¹

¹⁶⁹ J Fauvel and R J Wilson, The Lull before the storm : Combinatorics and religion in the Renaissance, *Bulletin of the ICA* **11** (1994), p. 49-58.

Escola de Matemática e Ciências de St Andrews, Escócia.

www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Llull.html

¹⁷⁰ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, p. 23

¹⁷¹ Ibid, p. 17

Com certo saudosismo, como se tivessem existido, Llull recorda os antigos valores e princípios propagados pelos Cavaleiros Arturianos. A Cavalaria primeva a que ele se refere é a cavalaria mítica da Távola Redonda. A definição que ele dá a Cavalaria é justamente a descrição dos ideais perseguidos pelos companheiros do rei Artur. Llull não se refere diretamente à Távola Redonda, ao rei Artur ou ao Graal, mas usa esses elementos do ciclo arturiano em sua obra. O velho cavaleiro feito ermitão, o bosque escondido, a relação entre o jovem cavaleiro e o velho cavaleiro ermitão, o escudeiro que adormece e é levado pelo cavalo e o aspecto fundamental do ciclo arturiano que utiliza, a necessidade de pureza para ser um Cavaleiro à serviço do Graal.¹⁷²

O clérigo rezava e convertia os infiéis pela palavra, o cavaleiro pela força e ambos estavam a serviço da Igreja. A proximidade entre o clérigo e o cavaleiro é observada e descrita por Llull: “Os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são o ofício de clérigo e ofício de cavaleiro; e por isso, a maior amizade deveria existir neste mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro.”¹⁷³

Nas palavras de Ramon Llull sobre a função da Cavalaria: “Ofício de Cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu Filho[...]”¹⁷⁴ A Ordem da Cavalaria e a Ordem dos Templários eram semelhantes em muitos sentidos. Ambas tinham em sua hierarquia superior os nobres, seguiam regras parecidas, tinham votos de castidade, juramentos de não furtar, trair sua causa ou seu senhor. Mas ambas, cavaleiro e templário, estavam a serviço da Santa Madre Igreja. Ramon Llull e Jacques de Molay, último grão-mestre Templário, foram contemporâneos e Ramon Llull, em sua obra *Vida Coetânea*, contou que se alojou durante um tempo na casa de Jacques de Molay.¹⁷⁵

¹⁷² Ibid, **introdução de Ricardo da Costa**, p. XXVI

¹⁷³ Ibid, p 25

¹⁷⁴ Ibid, p. 23

¹⁷⁵ Federico Gonzalez e Mireia Valls

www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab_rena/renac02a.htm

2.4.2 Imagens da Ramon Llull



Figura 12



Figura 13



Figura 14

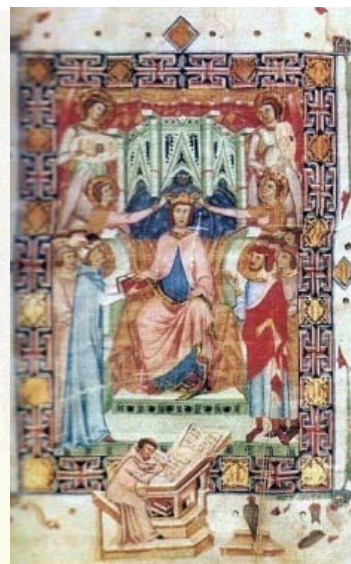


Figura 15

A ciência de Ramon Llull

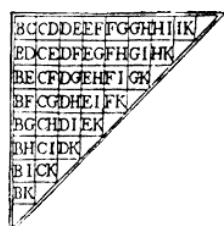


Figura 16

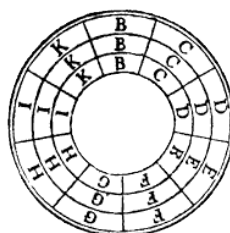


Figura 17



Figura 18

3. O SIMBOLISMO DO GRAAL

O Graal está associado à alma e como tal ao elemento feminino. Simbolicamente, o Graal/Alma é sempre representado por uma mulher. A mulher/alma é a chave do seu mistério. Ela o contém, o transporta, o recebe, analogia idêntica ao útero que recebe o óvulo, início de uma nova vida. A mulher recebe a semente masculina e a transforma num ser humano, o Graal recebeu o sangue do Cristo e o transforma em hóstia, alimento espiritual.¹⁷⁶ A alma está presa a matéria e precisa ser libertada.

Existem muitas interpretações do que seja o Graal, para uns, é um símbolo de regeneração e libertação em oposição à materialidade, à tirania e ao poder mal empregado, para outros, um símbolo do poder, porém transcendente a esse mundo e, ainda, o Graal representa o sentimento mais nobre, o amor, que brota do fundo do coração, morada da alma, o que justifica que somente um puro de coração poderá encontrá-lo. “[...] o Amor pode tornar-se um impulso religioso, também. Os trovadores reconheciam o Amor como a mais elevada experiência espiritual”¹⁷⁷

Os trovadores escolheram como “herói” de seus contos o cavaleiro, este era o guerreiro mais poderoso da idade média e durante um longo tempo nenhuma outra infantaria pode se opor a ele. O cavaleiro foi criado para a guerra. Símbolo da força e virilidade masculinas.

O cavaleiro da Távola Redonda era diferente do guerreiro comum, estava sempre em busca do amor sublime, só aceitava lutar por uma causa justa, a força bruta tinha que ser domada, direcionada para o bem. Ele desenvolvia virtudes femininas, tais como compaixão, bons tratos e ajuda ao próximo. Sua alma e seu lado feminino eram simbolizados pela mulher, que era cultuada e que assumia um papel importante nos contos trovadorescos, origem dos contos de fada que persistem até hoje. O ideal trovadoresco será o pivô de profundas mudanças no século XII, como também o alvo do contra-ataque Católico Ortodoxo representado pela Cruzada Albigense.

Neste capítulo, discorrerei as obras o Romance do Graal, escrita por Chrétien de Troyes e Parsifal de Wolfram Von Eschenbach. A primeira é de origem francesa e a segunda de origem alemã. Estas duas obras foram escolhidas por serem seminais. Toda

¹⁷⁶ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p.111

¹⁷⁷ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 196

a literatura sobre o Graal fará referência a uma ou a outra e, na maioria das vezes, a ambas.

O conto do Graal é um mito e, como tal, pode assumir múltiplas interpretações. O mito é um símbolo em aberto como atesta Gilbert Durand em sua obra *a Imaginação Simbólica*. Assim, faz-se necessário contextualizá-lo histórica, social, econômica, temporal e geograficamente, embora que de maneira apenas tangencial a fim de não fugir do foco do trabalho.

O nome completo da obra de Chrétien de Troyes é **Perceval ou o Romance do Graal**, é uma obra do século XII. Pouco se sabe sobre o autor, presume-se que ele tenha nascido em Troyes, “une comunne française” situada no território de Champagne.¹⁷⁸ Chrétien se diz “de Troyes”, local onde se encontra o principal castelo habitado por Marie, condessa de Champagne e filha da célebre rainha Eleonor de Aquitânia, e avó de Thibaut de Champagne, cantor bem conhecido do *amor cortês*.¹⁷⁹ Ele escreveu seis romances, a saber: Tristão e Isolda, Erec e Énide, Cligès, Lancelot ou o Cavaleiro da Carreta, Yvain e Perceval. Todos sobre o círculo arturiano.¹⁸⁰

Chrétien foi o primeiro poeta a introduzir o Graal, a taça que contém o sangue do Cristo, ao ciclo Arturiano. Dedicou uma obra inteira sobre o tema e chamou-a de o Romance do Graal. Nela, contam as aventuras de Perceval, jovem imaturo, ingênuo, que nunca saiu da casa da mãe. Perceval fora criado no meio da floresta, isolado da sociedade e aparte de suas origens. Desconhecia que seu pai foi um valoroso cavaleiro e que morreu lutando. Então, o primeiro desafio de Perceval foi deixar a mãe para partir em busca de sua identidade.

Durante a jornada, Perceval se transforma, faz a passagem do jovem para o adulto. Assim, o mito tem um caráter instrutivo e iniciático, cada lição, cada obstáculo vivido por Perceval também é vivenciado pelo leitor e o ensina a ser um cavaleiro à serviço do Graal e de um propósito maior. Como afirma Joseph Campbell: Todo mito fala sobre nós mesmos, nos ensina a viver em sociedade e encontrar nela o nosso lugar. A busca de si mesmo e do seu elo divino é um tema profundo, todos os homens santos dedicaram sua vida para ensinar e seguir nessa busca.

¹⁷⁸ Uma “comunne” é uma divisão administrativa, a menor circunscrição territorial francesa. Corresponde geralmente ao território de uma vila ou de um vilarejo. A “commune” mais conhecida e populosa é Paris.

¹⁷⁹ WALTER, Philippe. **Chrétien de Troyes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997, p.6

¹⁸⁰ Ibid

Segundo vários autores¹⁸¹ o Romance do Graal não tinha apenas pretensões da busca espiritual, mas de reescrever a própria sociedade. Suas mudanças eram profundas, questionavam as relações entre o homem e a mulher, a questão dos bens, hierarquia social, o poder dos reis e da Igreja Católica. Mudanças que ocorreriam séculos depois e algumas delas ainda não se concretizaram.

3.1 Interpretações do Graal

E a vida? E a vida o que é, diga lá, meu irmão?
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão?
Mas e a vida? Ela é maravilha ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é, meu irmão?
Há quem fale que a vida da gente é um nada no mundo,
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo,
Há quem fale que é um divino mistério profundo,
É o sopro do criador numa atitude repleta de amor.
O QUE É, O QUE É?
Gonzaguinha

Em torno do Santo Graal se desenrola a narrativa da jornada de Perceval e todos os personagens estão de alguma forma relacionados a ele. Investiguei as origens da Cavalaria, os protótipos de cavaleiro, contextualizei a época, no entanto, ainda não respondi a questão central da narrativa: O que é o Santo Graal?

Chrétien de Troyes descreve o Graal como uma taça. Já Wolfram como uma pedra trazida do céu por anjos. Na análise de um símbolo pequenos detalhes fazem grandes diferenças, no entanto, ambas as descrições estão intrinsecamente relacionadas, a análise de uma serve para a outra, dessa forma analisarei ambos os autores em paralelo. Tal escolha é decorrente da suposição de que ambos os autores tentam, cada um a sua maneira, apontar ao mesmo sentido metafísico. Como cita Campbell: “Pois os símbolos da mitologia não são fabricados; não podem ser ordenados, inventados ou permanentemente suprimidos. Esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si, intacto, o poder criador de sua fonte.”¹⁸²

O mito do Graal alcançou grande fama desde o século XII, quando foi escrito, até os dias atuais. Um mito que subsiste por um período tão prolongado tem que referir

¹⁸¹ Lucienne Julien, Anne Brenon e René Nelli

¹⁸² CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 15

a uma poderosa imagem arquetípica, como cita Emma Jung¹⁸³: “[...] é ainda mais assombroso que ele tenha obtido, de repente, tão grande fama e tenha sido motivo para uma produção literária tão vasta. Quando acontece algo assim é de se supor que se trata da *irrupção de uma imagem arquetípica* que representa um conteúdo psíquico especialmente intensificado.”¹⁸⁴

Para Durand, o Graal é um intenso símbolo da mãe primordial, do Regime Noturno, onde se valoriza o aconchego, repouso, proteção, as imagens digestivas e sexuais. “A persistência de tal lenda, a ubiqüidade de tal objeto mostra-nos a profunda valorização do símbolo taça, simultaneamente vaso, *grasale*, e tradição, livro santo, *gradale*, ou seja, símbolo da mãe primordial, alimentadora e protetora”.¹⁸⁵

“O Graal mostra: ao mesmo tempo prato com os alimentos de uma refeição ritual, vaso de regenerescência que restitui a vida ao Rei Pescador, enfim *Yoni*, cálice feminóide onde se enterra o gládio masculino e donde escorre o sangue.”¹⁸⁶ O receptáculo, a concavidade, o orifício, servem de convite para o repouso e o aconchego característicos do regime Noturno. Durand citando Bachelard: “A imaginação não só nos convida a reentrar na nossa concha como, também a esgueirarmo-nos em qualquer concha para viver aí o verdadeiro isolamento, a vida enroscada, a vida dobrada sobre si mesma, todos os valores do repouso”.¹⁸⁷ Como receptáculo, o Graal é uma alusão ao útero. Como orifício, é uma referência ao engolir e ao sexo.

Podemos destacar alguns aspectos desse símbolo, citando alguns: a pureza, a luminosidade, feito a partir de pedras preciosas e ouro (em Wolfram, ele é uma pedra verde), fonte de hóstias e alimentos, relacionado com o peixe, taça ou recipiente maravilhoso, objeto sagrado e o nome, Santo Graal. Todos esses pontos merecem um exame mais detalhado. Optarei por começar pelo nome, um dos caminhos usualmente percorridos para tentar explicar o mistério do Graal.

¹⁸³ Emma Jung (1882-1955) foi psicóloga junto com seu marido Carl Gustav Jung. Ela vinha de uma família abastada e foi quem financiou as pesquisas de Jung. Tinha grande interesse pelo trabalho dele e utilizou diversos conceitos deste no estudo do Graal, tema que investigou por quase trinta anos, quando a morte interrompeu seu trabalho. À pedido de Jung, Marie Louise Von Franz continuou e finalizou a obra. Fonte: JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 7.

¹⁸⁴ Ibid, p. 249

¹⁸⁵ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 256.

¹⁸⁶ Ibid, p. 255.

¹⁸⁷ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço** apud DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 253

Helinandus¹⁸⁸ deriva Graal da palavra latina *gradale* ou *gradalis*, que significa bandeja rasa ou alguidar, que é um vaso de barro ou de metal, baixo, em forma de tronco de cone invertido, e com diversos usos domésticos.¹⁸⁹ Outras origens da palavra Graal por Helinandus seria de *gratus* (grato ou bem-vindo); *Gratia* do espanhol que significa graça ou agradecimento; *Agréable* (agradável) de origem francesa, com a raiz *gré* (desejo).¹⁹⁰ Desejado por muitos, alcançados por poucos. Seria a essência do Graal o desejo? Segundo o Buda Sidarta Gautama a essência do sofrimento é o desejo. O desejo é que nos impede de alcançar a nossa verdadeira essência. Quando nos libertamos do desejo alcançamos o estado Búdico ou Crístico. Seria o Graal uma referência ou uma metáfora a esse estado de consciência? Retornarei a essas reflexões posteriormente.

O dicionário etimológico alemão das línguas românticas de F. Diez registra para Graal, *greal* e *grasal* ou *grazal* em francês arcaico, ou ainda *grèsal* em dialeto provençal, como sendo um recipiente, bacia ou pote de madeira, barro ou metal, na antiga Catalunha, comunidade autônoma da Espanha.¹⁹¹ Ainda hoje as formas *grazal*, *grazau*, *grial*, *grassale*, *grasal* e *grau* ainda são usadas no sul da França para designar diversos recipientes.¹⁹² No seu livro *Le sens de l'aventure et de l'amour*, Reto Roberto Bezzola o identifica com a palavra *garalis*, baseando-se num trecho do testamento do imperador Henrique I do ano de 873.¹⁹³

Outra derivação da palavra seria *sang real* (sangue real), *san greal* seria fruto de um erro de tradução por um copista medieval. Essa hipótese é defendida na obra “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada”¹⁹⁴ por Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln, embora não seja de autoria deles. Nesta obra, os autores irão defender que o

¹⁸⁸ Helinandus ou Hélinand de Froidmont, de origem francesa, viveu no final do século XII. Foi poeta e menestrel (muito apreciado pelo rei da França Philippe Auguste), gozou das delícias da corte, até quando decidiu ingressar na vida monástica. Depois de monge cisterciense, Helinandus dedicou-se a escrita e a pregação. Muito do seu trabalho foi perdido, mas em 1986 na Universidade de Groninguen (Holanda), começou um projeto de conservar e disponibilizar o trabalho de Helinandus. Sua obra mais proeminente foi o *Chronicon*.

Fonte: Universidade de Utrecht (menor província dos países baixos)

<http://www.cs.uu.nl/groups/IK/archives/helinand/hfinf.htm>

Enciclopédia católica New Advent <http://www.newadvent.org/cathen/07206a.htm>

¹⁸⁹ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 87.

¹⁹⁰ Ibid, p. 88.

¹⁹¹ Etymologisches Worterbuch der romanischen Spranchen, de F. Diez, Bonn, 1887, p. 602 apud JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 87

¹⁹² JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 87

¹⁹³ Ibid, p. 87

¹⁹⁴ BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993.

Santo Graal foi um mito criado para ocultar e assim poder subsistir a história da linhagem de Jesus Cristo e Maria Madalena. Outra hipótese dos autores é de que os Merovíngios seriam os descendentes de Jesus. Baseado nessa obra, Dan Brow escreveu “O código da Vince”, obra fictícia de enorme sucesso. Essa hipótese do sangue real já existia na época de Emma Jung, esta mesmo refutou tal idéia.¹⁹⁵ Tais conjecturas são decorrentes da tendência ocidental de tentar ler os mitos ou como se fossem mentiras ou de forma histórica, como se fossem fatos. Segundo Campbell: “Uma mitologia pode ser compreendida como uma organização de figuras mitológicas, conotativas de estados mentais que não pertencem em última instância a esse ou àquele local, embora as figuras em si pareçam, na superfície, sugerir uma localização concreta.”¹⁹⁶

Gilbert Durand vai comparar os mitos com uma casca de cebola, se você a descascar vai encontrar outra camada e se persistir, não irá encontrar nada. Os mitos não são acontecimentos, por isso, não podem ser analisados como tal, no entanto, a realidade, não é formada por acontecimentos, mas é a leitura mítica destes.

Neste ‘mundo pleno’ que é o mundo humano criado pelo homem, o útil e o imaginativo estão inextricavelmente misturados. É por essa razão que cabanas, palácios e templos não são formigueiros nem colméias, e que a imaginação criadora ornamenta o menor utensílio a fim de que o gênio do homem não se aliene nelas.¹⁹⁷

Os mitos são símbolos em aberto, ou seja, o sentido não está em si mesmo, mas ao que eles fazem referência. O melhor exemplo disso é a metáfora, do grego *metaphorá*, pelo latim de *metaphora*. Emprego de palavra ou expressão em sentido figurado que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado, ou seja, faz uma translação.

Campbell já relacionava metáfora com mito: “A vida de uma mitologia surge e depende do vigor metafórico de seus símbolos. Estes transmitem mais do que um mero conceito intelectual, pois, pelo seu caráter interior, eles proporcionam um sentido de participação real na percepção da transcendência.”¹⁹⁸

A transcendência segundo Campbell é algo além do que a mente possa alcançar, não existem palavras que a definam, está além do espaço e do tempo, além da dualidade intrínseca da matéria, por isso, só pode ser referenciada, atuando da mesma forma que a

¹⁹⁵ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 89.

¹⁹⁶ CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003, p. 29

¹⁹⁷ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 397

¹⁹⁸ CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003, p. 29

metáfora. “As linguagens metafóricas da mitologia e da metafísica não são denotativas de mundos e deuses reais, mas sim conotam níveis e entidades dentro da pessoa por eles tocada. As metáforas só parecem descrever o mundo exterior do tempo e do lugar.”¹⁹⁹ Da mesma forma as diversas escrituras sagradas e também os mitos estão se referindo ao mundo interno, no entanto, são interpretadas como eventos históricos. “Seu universo real é o mundo espiritual da vida interior. O Reino de Deus está dentro de você.”²⁰⁰

Como analogia, vejamos as poesias. Se um poeta quiser suscitar um sentimento, por exemplo, amor, ele não conseguirá passar este sentimento apenas escrevendo “amor”. Como ele faz? Ele referencia a este através das metáforas.

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer;
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
Luís de Camões

A poesia apenas nos comove se nos deixarmos levar pelas palavras, quando nos atemos ao sentido literal interrompemos o processo e perdemos o sentido a que se refere. A emoção não é fruto de uma construção mental, ela não pode ser racionalizada, a única maneira de entendê-la é sentido-a. Interessante que o sentido da experiência religiosa também é perdido quando se racionaliza e sistematiza como faz uma religião, como cita Campbell comentando Jung: “Carl Jung dizia que uma das funções da religião é nos proteger contra a experiência religiosa; pois na religião formal tudo é concretizado e formulado.”²⁰¹

Citando uma passagem Bíblica para ressaltar ainda mais as semelhanças desta com a metáfora: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como címbalo²⁰² que retine.” Coríntios

¹⁹⁹ Ibid, p. 29

²⁰⁰ Ibid, p 29

²⁰¹ Ibid, p. 38.

²⁰² *Címbalo*

13:1.²⁰³ “Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada.” Coríntios 13:2.²⁰⁴

No filme “Il Postino”, no Brasil saiu com o título de “O Carteiro e o Poeta”, é um filme dirigido por Michael Radford sobre a amizade entre o poeta chileno Pablo Neruda e o humilde carteiro Mario Ruoppolo que deseja aprender a fazer poesia. Baseado no livro “Ardiente Paciencia” de Antonio Skármeta. Um filme comovente, em que Neruda ensina seu amigo carteiro a ver a poesia no mundo. A chave da transformação de Mario é a metáfora, quando ele a entende, Mario entra nos domínios do poeta e passa também a ser poeta. Utilizando os conceitos de Campbell, Mario Ruoppolo teve uma experiência religiosa, uma ruptura com o mundo dual, permitindo o acesso ao transcendente. O filme demonstra bem a dicotomia entre Mario e os pescadores, após aquele ter se transformado.

Ninguém lê uma poesia de forma literal, por razões óbvias, a questão é por que a civilização Judaico-Cristã interpreta os mitos ou de forma literal ou como mentira. “Sempre que é objeto de uma interpretação que a encare como biografia, história ou ciência, a poesia no mito fenece.”²⁰⁵

Durand afirma que: “O mito é uma metáfora e como tal, constituída de imagens. E, ‘a menos que a psique coletiva tenha qualquer razão para ser de uma natureza diferente da psique individual, esta metáfora parece-nos pertinente’”.²⁰⁶ A partir de suas idéias: “A civilização ocidental e especialmente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação, ‘formentadora de erros e falsidades’.”²⁰⁷

A partir das observações desses autores, desconfio que a incapacidade de leitura dos mitos como metáfora em nossa sociedade seja decorrente da perda da faculdade da imaginação. Com uma imaginação deficiente, restam apenas duas possibilidades,

i. Antigo instrumento de cordas.

ii. Antigo instrumento, constituído por dois meios globos de metal que se percutiam um contra o outro; pratos.

Fonte: Dicionário Aurélio versão digital 5.0

²⁰³ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1477.

²⁰⁴ Ibid, p. 1477

²⁰⁵ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 244.

²⁰⁶ DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p.134.

²⁰⁷ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 21.

aceitarem o mito como verdade ou como mentira. “O purismo do regime científico do pensamento não é mais que o último estreitamento semiológico do *Regime Diurno* da imagem.”²⁰⁸ O problema é que essa incapacidade de leitura atinge todas as atividades humanas, sem a imaginação perde-se a possibilidade de “ver a beleza por trás das coisas” ou a “poesia da vida”. “Nunca a arte é considerada como uma manifestação original de uma função psicossocial, nunca a imagem ou a obra de arte é tomada no seu sentido pleno, mas sempre como mensagem de irrealidade.”²⁰⁹

É importante perceber que não há como se viver dissociado dos mitos, no momento que damos significado ao tempo e ao espaço, estamos criando mitos. Nossos sistemas religiosos, filosóficos e sociais são miticamente formados. “O mito promove a doutrina religiosa, o sistema filosófico ou, como bem viu Bréhier²¹⁰, a narrativa histórica e lendária”²¹¹ O mito, escreve Gusdorf²¹², é “o conservatório dos valores fundamentais”.²¹³

Ironicamente, ainda que negue tanto o mito, a própria filosofia francesa também é uma construção mítica. “O mito explicita um esquema ou um grupo de esquemas.”²¹⁴ Um esquema é uma figura que representa, não a forma dos objetos, mas as suas relações e funções. As diversas Ciências quando criam suas teorias ou suas análises estão criando mitos. A teoria do Big Bang é igualmente mítica quanto à teoria da criação no Gênesis. “Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa.”²¹⁵

O mundo racional e o mundo imagético não estão dissociados como afirmam os catedráticos do ocidente, o raciocínio lógico é uma função da imaginação e ambos estão presentes no mito. Segundo Durand: “O mito já é um esboço de racionalização, dado

²⁰⁸ Ibid, p. 397.

²⁰⁹ Ibid, p. 25.

²¹⁰ Émile Bréhier (1876-1952) foi um escritor, filósofo e historiador francês. Autor de diversas obras importantes sobre filosofia grega e filosofia medieval. Escreveu a obra “A história da Filosofia”, em sete volumes e, posteriormente, um suplemento sobre a filosofia oriental.

²¹¹ Ibid, p.63

²¹² Georges Gusdorf (1912-2000), nascido em Bordeaux, França, foi um importante filósofo. Foi aluno de Bachelard e, depois, nomeado professor da Universidade de Estrasburgo. Publicou em 14 volumes uma vasta pesquisa sobre a história das ciências humanas e o pensamento ocidental.

²¹³ Ibid, p. 397

²¹⁴ Ibid, p.63

²¹⁵ Ibid, p. 63

que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias.”²¹⁶

Henry Corbin (1903-1978) foi um filósofo francês. Especializou-se no mundo oriental, em particular no islã iraniano e na gnose chiita. Ele traduziu e editou alguns dos clássicos desse universo, como Sohrawardi, Molla Sadra Shirazi, Rûzbehân Baqlî Shîrâzî e Ibn Arabi. Henry Corbin participou do círculo de Eranos²¹⁷, um grupo de estudo que reunia diversos intelectuais para o estudo da espiritualidade. Foi fundado por Olga Froebe-Kapteyn em 1933. Entre os intelectuais estavam Carl Gustav Jung (Psicólogo), Heinrich Zimmer (especialista na Índia e historiador da arte), Karl Kerényi (especialista em mitologia grega), Mircea Eliade (especialista em histórias das religiões), Erich Neumann (psicologia analítica), Gilles Quispel (especialista em gnose), Gershom Scholem (especialista em misticismo judeu), Adolf Portmann (biólogo), Herbert Read (história da arte), Max Knoll (físico), Joseph Campbell (especialista em mitologia comparada), Rudolf Otto (especialista em história das religiões) e Gilbert Durand (este foi apresentado por Henry Corbin).

Eranos é uma palavra grega e significa um banquete em que os convidados têm que retribuir a hospitalidade ou com uma poesia ou com um texto. Na obra *Introduction á la Mythodologie*, Gilbert Durand descreve o círculo de Eranos como: A margem de todas as Universidades do mundo, que, livremente, os universitários mais eminentes criam uma nova ciência antropológica cuja base repousa sobre a faculdade essencial do *sapiens sapiens*: A conhecer seu inegável poder de simbolizar, sua **imaginação simbólica**.²¹⁸

A partir da constatação que Jung, Corbin, Campbell e Durand participaram do mesmo grupo de estudo podemos supor que existem vários paralelos entre suas obras. Todos eles concordam que é a imaginação que dá sentido as percepções, ou seja, a imaginação dá “forma ao mundo”. Em sua obra *Corpo Espiritual e Terra Celeste*, Henry Corbin afirma que a realidade é formada por três níveis:

1- Mundo Inteligível

Inteligência pura dos arquétipos inteligíveis. Mundo das idéias puras de Platão. A representação não é possível. Neste sentido corresponde ao mundo

²¹⁶ Ibid, p. 63

²¹⁷ O grupo ainda existe. Para maiores informações, consultar os sítios oficiais do grupo:

www.eranos.org www.eranosfoundation.org www.eranos.fr

²¹⁸ Ibid

arúpico (sem forma) da tradição oriental. Corresponde ao *Nous* dos gregos e ao *Nun* dos egípcios.²¹⁹

2- Mundo Imaginal

O mundo da alma, das formas imagináveis, visíveis, porém imateriais. Corresponde à *Psyché* dos gregos, aí habitam os Deuses-símbolos. Podemos relacioná-lo com o inconsciente coletivo de Jung. O Mundo Imaginal serve de intermédio entre o Mundo Inteligível e o Mundo Sensível.²²⁰

3- Mundo Sensível

Mundo físico das formas concretas, da manifestação final. Corresponde ao *Soma* dos gregos.²²¹

Segundo Durand, não é possível interpretar o mito apenas com o uso da razão, limitada demais para abarcar a dimensão deste objeto tão vasto, que engloba imaginação, razão e sentimento.

Campbell aponta a própria Bíblia como agente para a perda da metáfora religiosa na civilização judaico-cristã. Quando Moisés perguntou a Deus o que responder aos israelitas, quando estes lhe indagarem sobre o nome de Deus, “Deus respondeu a Moisés: ‘EU SOU AQUELE QUE SOU’ e juntou ‘Eis como responderá aos israelitas: (Aquele que se chama) EU SOU envia-me junto de vós.’” Êxodo 3:14.²²² Quando Deus se define como “EU SOU”, deixa de ser um símbolo e passa a ser um signo, ou seja, deixa de se referir a algo transcendente e passa a ser o próprio referenciado. O símbolo para existir necessita ter um significado em aberto. “Todas as nossas idéias religiosas são metafóricas de um mistério. É vital nos lembrarmos que, se você confunde a denotação da metáfora com sua conotação, perde completamente a mensagem contida no símbolo.”²²³

Ora, os estudos do Imaginário demonstram que os mitos são orientadores da sociedade e vice-versa, que Durand irá chamar de *trajeto antropológico*. “O trajeto

²¹⁹ LOUÇÃO, Paulo Alexandre. **Os Templários na formação de Portugal**. 5ª edição. Lisboa: Ésquilo, 2001, p. 59.

²²⁰ Ibid, p. 60.

²²¹ Ibid, p. 60.

²²² Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 103.

²²³ CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003, p. 85-86

antropológico, ou seja, a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”²²⁴. “O imaginário não é mais que trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito.”²²⁵ Com base em tais afirmações, posso concluir que se “Deus”²²⁶ se fecha em significado e, logo, na transcendência, as pessoas irão repetir esse ato interpretando os mitos com significados fechados, ou seja, são interpretados como fatos ou como mentiras. “Deus é um símbolo. A conotação de um símbolo está além de toda nomenclatura, numeração e categoria de pensamento.”²²⁷

Campbell cita que a experiência religiosa está em se identificar com esse aspecto vivificador, origem da vida, que ele chama de transcendente ou “Deus”. “Você não pode se identificar com Deus quando acha que Deus é um fato. Quando, por outro lado, pensa em Deus como uma metáfora daquilo que é o dinamismo da vida, e se apegue a isso, você é Deus.”²²⁸

No Gênesis encontramos outra passagem que alarga ainda mais a dissociação entre o homem e Deus. “‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’[...] Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher.” Gênesis 1:26-27.²²⁹ Ora, se criou o homem a sua imagem quer dizer que o homem não é Deus. Da mesma forma a fotografia, ela é formada a partir da imagem que ela captura, é uma cópia e nunca será o original. Geneticamente, os filhos são cópias dos pais, quase idênticas, pois existem mutações, ainda assim são cópias genéticas. Há de se convir que os filhos não são os pais, são seres distintos. Da mesma forma acontece com a interpretação de Deus. Nossa sociedade Ocidental o percebe como uma entidade distinta que nos observa, nos ama e, eventualmente, nos castiga. Não nos percebemos nem unidos ao Divino, nem como seres sagrados e também não enxergamos o que Campbell chama de “a nossa parcela transcendente”.

Por entender que o verdadeiro significado do Graal está escondido por trás das metáforas, justifico a escolha da interpretação simbólica e fantástica. Tal percepção

²²⁴ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 41

²²⁵ Ibid, p. 41

²²⁶ Refiro-me ao Deus Judaico-cristão

²²⁷ CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003, p. 86

²²⁸ Ibid, p. 98

²²⁹ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 49.

compartilhada por Campbell e Durand de análise dos significados dos mitos não é recente, o próprio imperador Juliano²³⁰ já tinha escrito: “Aquilo que nos mitos se apresenta inverossímil, é precisamente o que nos abre o caminho para a verdade.”²³¹ “Na realidade, quanto mais paradoxal e extraordinário for o enigma, tanto mais parece avisar-nos que não devemos confiar na simples palavra, mas esforçarmo-nos em torno da verdade oculta.”²³²

Julius Evola²³³ também analisou o mito do Graal. Ele pertencia a uma família da nobreza italiana e estudava esoterismo. Para ele, nas narrativas míticas “o lado mais fantástico e mesmo mais estranho, menos evidente e menos coerente, menos susceptível de ter valor estético ou histórico e, portanto, geralmente mais negligenciado, que oferece o melhor meio para colher o elemento central.”²³⁴ Nesta essência poderemos encontrar o sentido oculto do mito. Sabemos através dos trabalhos de Jung que o inconsciente se comunica através das imagens simbólicas e fantásticas, assim é nos *mitos mais fantásticos e surreais que poderemos “colher” mais elementos do inconsciente*. Nos mitos e sonhos encontramos o mesmo cerne, este mesmo é a chave para a compreensão do inconsciente.

Gilbert Durand acredita que a função imagética ou fantástica é a essência do espírito humano, toda criação humana, teórica ou prática é governada pela função fantástica. “Não só a função fantástica nos aparece como universal na sua extensão através da espécie humana, mais ainda na sua compreensão: ela está na raiz de todos os processos da consciência, revela-se como a marca originária do Espírito.”²³⁵

A partir dos mitos que formamos nosso senso de ética e de virtudes, sendo que essas mesmas noções de virtudes podem originar seus próprios símbolos. Os ideais de virtudes da cavalaria medieval podem ter originado o símbolo e o mito do Graal. “O próprio Graal pode, no fundo, representar o elemento **transcendente** com que esta cavalaria aspirava completar-se, o que aparecerá nitidamente nas formas da saga em que o reino de Artur acaba por ser confundido com o do Graal.”²³⁶

²³⁰ Flávio Cláudio Juliano (331-363) foi o último imperador pagão do império Romano e reinou por apenas 20 meses.

²³¹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 53

²³² Ibid, p. 23

²³³ Julius Evola ou Giulio Caesar Evola (1898-1974).

²³⁴ Ibid, p. 23

²³⁵ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 397.

²³⁶ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 53

Outra possibilidade ao nome do Graal é *graduale*, isto é, um livro usado na missa que tem esse nome por conter a chamada “canção dos degraus”, esta hipótese é defendida por P. Paris.²³⁷

“Nas canções religiosas e nas de *Minne*²³⁸, a palavra Graal é encontrada designando o valor mais elevado. Maria é comparada com o Graal e o próprio Deus é designado como ‘o mais elevado Graal’.”²³⁹ A amada é chamada de “Graal do coração” ou uma mulher casta é um Graal que deve ser conquistado. Com o correr do tempo, a palavra foi adquirindo um sentido mais mundano de festa e prazer. No século XV, o Graal era uma grande festa popular em Braunschweig, que acontecia a cada sete anos e realizada a última vez em 1481.²⁴⁰ Rudolf Steiner chamava a Antroposofia, movimento que ele fundou, de ciência espiritual ou ciência do Graal. Para o historiador alemão Franz Kampers (1868-1929) “o Graal é o reino das almas bem-aventuradas que viraram as costas ao mundo, e que a **Pedra** é o símbolo desse reino.”²⁴¹

“Tu és Pedro, e sobre esta **pedra** edificarei minha Igreja[...] Eu te darei as chaves do Reino dos céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus.”²⁴² Mateus 16:18-19. Nessa passagem, vemos o Cristo citar uma “pedra” como o elo entre o céu e a terra, o fundamento da sua Igreja, a chave do paraíso. Segundo a Igreja Católica, o Cristo estava se referindo a ela, no entanto, é de se indagar até que ponto existe analogias entre as palavras do Cristo e os mistérios do Graal.

Oto Rahn²⁴³ (1904-1939), medievalista alemão e especialista da SS²⁴⁴ sobre o Graal definia este como “A Igreja do Amor supremo e o seu símbolo.”²⁴⁵ A Igreja do

²³⁷ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 89

²³⁸ Minne significa “amor ideal”. Os minnesänger eram poetas e cantores da Alemanha dos sécs. XII e XIII, que corresponde ao trovador provençal

²³⁹ Ibid, p. 90

²⁴⁰ Ibid, p. 90

²⁴¹ RAHN, Otto. **Cruzada contra o Graal**. Lisboa: Occidentalis, 2007, p. 179. Obs. O negrito é meu.

²⁴² Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1304. Obs. O negrito é meu

²⁴³ Otto Rahn era definido pelas pessoas que o conheciam como alguém carismático, atencioso, introspectivo e discreto. Tal descrição era necessária, pois ele era homossexual e discordava das idéias Nazistas. Após escrever seu livro “A Cruzada Contra o Graal” estava endividado e as vendas iam mal, Himmler ficou interessado pela obra e convidou Rahn para a SS. Otto Rahn ficou um tempo nos campos de concentração, já em liberdade, suicidou nas montanhas. Suas últimas anotações foram: “Há muita tristeza no meu país, impossível para um homem tolerante e liberal como eu viver na nação que minha terra natal se tornou.”

²⁴⁴ A SS era a guarda pessoal de Hitler, estava sob o comando de Heinrich Himmler. SS é a abreviação de Schutzstaffel, que significa esquadrão de proteção. SS também faz alusão à suástica nazista, esta era formada por dois S quadrados.

²⁴⁵ RAHN, Otto. **Cruzada contra o Graal**. Lisboa: Occidentalis, 2007, p. 179

Amor para ele era o Catarismo. “Para o catarismo, o mundo era uma ilusão e os seres humanos viviam aí uma vida semelhante à morte.”²⁴⁶ Segundo Otto, só quem tinha recebido o *Consolamentum*, batismo cátaro, da Igreja do amor Supremo e cuja alma era una com o Espírito, vivia realmente, pois já tinha dado em expiação na floresta de Briziljan, a que defende o castelo do Graal, o que vulgarmente se chama vida.

No sentido terreno, os cátaros, os Perfeitos²⁴⁷ do Amor Supremo, tinham morrido para o mundo. Viviam no reino dos libertados e experimentavam antecipadamente a alegria paradisíaca da Transfiguração, como diziam os gnósticos quando falavam da salvação. “No começo, o homem, que tinha vindo do céu, foi colocado no Paraíso terrestre e, daí, expulso para este mundo.”²⁴⁸ “Os puros retornavam ao Paraíso aberto pelo Evangelho de Cristo e deixavam este mundo, fora do qual acreditavam alcançar o céu, o reino do Espírito, pela ruptura definitiva entre corpo e alma.”²⁴⁹

O dualismo entre o corpo e o espírito têm uma ressonância tão profunda na alma humana que irá influenciar toda a cultura ocidental, como cita Gilbert Durand comentando a obra “L’amour et l’ocident” de Denis de Rougemont (1906-1985), escritor e ecologista suíço: “Segundo Rougemont, este dualismo de inspiração cátara estruturaria toda a literatura do Ocidente, irremediavelmente platônica”²⁵⁰ A antítese é o cerne do regime Diurno. “O *Regime Diurno* da imagem, define-se, portanto, de uma maneira geral, como o regime da antítese.”²⁵¹

A antítese cátara tem uma origem mítica, a questão do bem e do mal, da luta entre Deus e o Diabo. Segundo Rahn, “Se a criação provém de um Deus bom, porque não a fez boa como ele próprio?”²⁵² Ao que este conclui: “Se desejou fazê-la perfeita e não consegui, então não é o todo-poderoso nem perfeito. Se a pôde criar perfeita e não quis, uma tal recusa é inconciliável com o Amor perfeito. Logo, não foi Deus quem criou o mundo terreno.”²⁵³ O perigo de deduções como esta é que tirar certezas de algo

²⁴⁶ Ibid, p. 179.

²⁴⁷ Os *Parfaits* eram os Cátaros que recebiam o *Consolamentum*, no entanto, a Igreja Romana acusava todos os cátaros de se intitularem perfeitos. Os Cátaros referiam a si mesmo como “bons cristãos” ou “bons homens”.

²⁴⁸ Ibid, p. 180

²⁴⁹ Ibid, p. 180

²⁵⁰ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 67

²⁵¹ Ibid, p.67

²⁵² RAHN, Otto. **Cruzada contra o Graal**. Lisboa: Occidentalis, 2007, p. 154

²⁵³ Ibid, p. 154

que envolve muito mais que a simples lógica aristotélica pode cair em contradições. “A explicação linear do tipo dedução lógica ou narrativa introspectiva já não basta para o estudo das motivações simbólicas.”²⁵⁴ Outro fator, é a ambigüidade dos símbolos, “uma regra fundamental da motivação simbólica, todo elemento é bivalente, simultaneamente convite à conquista adaptativa e recusa que motiva uma concentração assimiladora sobre si.”²⁵⁵

Os Cátaros acreditavam que foi Lúcifer quem criou a matéria, ou seja, tudo que é visível, material e perecível. Não se limitou a criar o conjunto das coisas terrestres, governa-as e esforça-se em mantê-las.²⁵⁶ “O Reino de Deus é o mundo invisível, absolutamente bom e perfeito, o mundo da Luz e da Eternidade: a Cidade Eterna.”²⁵⁷ Para os Cátaros, Jeohvá era Lúcifer. Jeohvá criou o mundo, apareceu para Moisés (tornou-se matéria para se fazer visível), colocou a inimizade entre o homem e a mulher, com diversas outras passagens rogando maldições, pragas ou proibições.²⁵⁸ Apenas tais crenças já justificavam a Cruzada Albigense promovida por Roma.

Otto Rahn acreditava que o Graal era um objeto, guardado e protegido na fortaleza de Montségur, último bastião Cátaro.

“Segundo as *Recherches* de P. Borel, a palavra deriva de *grais* (pedra): *Parce que ces vaisseaux sont faits de grais cuit; vaisseau de grais* é também o nome para louça de cerâmica.”²⁵⁹ A hipótese de Borel de derivar Graal de *grais* é baseada principalmente no relato de Wolfram que o descreve como um pedra trazida do céu por anjos neutros. “A pedra é chamada também ‘o Graal’.”²⁶⁰

No Parsifal, o Graal também era conhecido por *Lapsit Exilis*. “Eles são alimentados por uma pedra, e se dela nunca tivestes notícia, eu vo-la descreverei agora. Ela é chamada *Lapsit Exilis*. Suas virtudes miraculosas permitem que a fênix seja reduzida a cinzas e delas renasça para uma nova vida.”²⁶¹

A palavra *Lapsit Exilis* não tem tradução. Alguns interpretam como *Lapis elixir*, a pedra filosofal dos alquimistas, outros como *Lapis exilis* = pedra pequena

²⁵⁴ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 32

²⁵⁵ Ibid, p. 35

²⁵⁶ RAHN, Otto. **Cruzada contra o Graal**. Lisboa: Occidentalis, 2007, p. 156

²⁵⁷ Ibid, p. 156

²⁵⁸ Ibid, p. 158

²⁵⁹ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, **Notas do tradutor**, p. 87.

²⁶⁰ Ibid, p. 299

²⁶¹ Ibid, p. 299

insignificante. Aproximada da palavra *grés*, temos *grele*=granizo, e *grésil*=geada, ambas, granizo e geada, são pedras caídas do céu.²⁶²

Devido a impossibilidade de explicar a palavra *Lapsit Exilis* nos manuscritos originais de Wolfram, conjecturou-se outras palavras a partir das trocas de letras, tais como *lapsit electrix* e *lapis ex coelis*, este último, interpretava o Graal como um meteorito, que na antiguidade, eram conhecidos como pedras animadas.²⁶³ Outra possibilidade era *lápís betilis*, isto é, um *Batylos*, nome dado às pedras sagradas, nas quais se suponha haver vida divina. O vocabulário é de origem semítica e passou, mais tarde, aos gregos e romanos. As “pedras animadas” criadas por Uranus foram expostas em lugares sagrados e veneradas com unções e grinaldas ou, em mãos de particulares, foram usadas para diversas superstições, encantamentos e profecias.²⁶⁴ Ambos os autores do mito do Graal se encaixam nessa hipótese.

Para Chrétien: “Ao entrar na sala, tão grande luz emanou desse Graal que as velas perderam a claridade, como estrelas quando desponha sol ou lua.”²⁶⁵ Prossegue dizendo: “O Graal que ia à frente era feito do ouro mais puro. Tinha pedras engastadas, pedras de muitas espécies, das mais ricas e preciosas que existem no mar ou em terra.”²⁶⁶ Já Wolfram descreve: “A nobilíssima Dama que tinha o privilégio exclusivo de ser portadora do Graal chamava-se Repanse de Schoye. É que a natureza sobremodo sublime do Graal exigia que sua guardiã fosse intocada e sem mácula.”²⁶⁷

O pré-requisito para tocar no Graal era a pureza de coração, representado aqui, na forma de castidade. Praticamente todas as religiões colocam algum tipo de restrição sexual ou alimentar, inclusive todas as sociedades tem regras e proibições para estes dois atos. Na Bíblia existem diversas passagens sobre a castidade como chave para entrar no reino do céu. “Deve saber governar bem a sua casa, educar seus filhos na obediência e na **castidade**”²⁶⁸ Timóteo 3:4. “A **luxúria**, o vinho e o mosto²⁶⁹ tiram o coração.”²⁷⁰ Oséias 4:11.

²⁶² JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 88

²⁶³ Ibid, p. 112

²⁶⁴ Ibid, p. 112

²⁶⁵ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 66

²⁶⁶ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p.66

²⁶⁷ Ibid, p. 165

²⁶⁸ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1518. Obs. O negrito é meu.

²⁶⁹ Mosto Substantivo masculino, do latim *mustu*.

1.Sumo de uvas, antes de terminada a fermentação.

2.Suco, em fermentação, de qualquer fruta açucarada.

Eles te tratarão com ódio, e levarão todo o fruto do teu trabalho, e te deixarão nua e despida; descobrir-se-á a vergonha da tua prostituição, a tua luxúria e as tuas devassidões. Estas coisas se te farão, porque te prostituíste com os gentios e te contaminaste com os seus ídolos[...] A multidão as apedrejará e as golpeará com as suas espadas; a seus filhos e suas filhas matarão e as suas casas queimarão. Assim, farei cessar a luxúria da terra, para que se escarmentem todas as mulheres e não façam segundo a luxúria delas. O castigo da vossa luxúria recairá sobre vós, e levareis os pecados dos vossos ídolos; e sabereis que eu sou o SENHOR Deus.²⁷¹ Ezequiel 23:29-49.

Para o esotérico Eliphas Lévi e o gnóstico Samael Aun Weor a pedra filosofal dos alquimistas era o sexo. Eliphas afirma em sua obra “Dogma e ritual de alta Magia” que o controle sexual é a condição necessária para se ter domínio sobre a Magia. Desde a antiga China, os Taoístas acreditam que se nasce pelo sexo e se morre por ele, em cada gozo perde-se energia vital, ou seja, morre-se um pouco.

Richard Wilhelm especialista na cultura chinesa e amigo próximo de Jung, após seus estudos no oriente, acreditava no renascimento espiritual através de práticas meditativas e explicita suas crenças em sua obra “O segredo da flor de ouro”. Na Índia também encontramos idéias semelhantes a dos Taoístas, os Yogis que abdicam do mundo e vivem isolados para conseguir “sublimar” as energias sexuais.

Campbell também acredita nesse renascimento e afirma que o nascimento virginal de Maria é uma alusão ou metáfora a abertura de uma consciência superior. “Nascemos todos como animais e vivemos a vida dos animais: dormimos, comemos, reproduzimos e lutamos. Há, porém, outra ordem de vida que os animais não conhecem.”²⁷² O *mysterium tremendum et fascinans*, o Nascimento virginal, o nascimento no nível do coração ou ativação das características superiores do homem, o início de uma vida propriamente humana, espiritual.²⁷³

Nos mitos gregos os Deuses propagam sua ascendência divina tanto nos seres fantásticos, como as ninfas, quanto nos humanos. Os Deuses fecundam da mesma forma que o Espírito Santo fecundou Maria, ou seja, são nascimentos virginais. Horus também nasceu de uma virgem, sua mãe Isis entrou em comunhão espiritual com Osiris e foi fecundada, ainda que Osiris estivesse morto. A rainha Maia, mãe de Buda é

3.Enxame de abelhas.

Fonte: Dicionário Aurélio versão digital 5.0

²⁷⁰ Bíblia Online

www.biblionline.com.br acessado em 18/09/2008

²⁷¹ Ibid, acessado em 18/09/2008

²⁷² CAMPBELL, Joseph. **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003, p. 60

²⁷³ Ibid, p. 60

freqüentemente mencionada como uma virgem e ele nasceu pelo flanco esquerdo dela.²⁷⁴ Típicas entre os índios americanos são as histórias de jovens mulheres que engravidam dos raios de sol.²⁷⁵ Nos índios brasileiros temos as histórias dos filhos do boto (uma variedade de golfinho).

Pelo sexo se nasce e por ele a vida é renovada. A energia sexual é imensa assim como suas imbricações, como demonstram os trabalhos de Freud e Jung. Sua energia pode ser dominada e canalizada, essa é a tese dos yogis hindus e taoístas chineses. Eles acreditam que através da canalização da energia sexual se renasce.

Os animais, de forma geral, têm a sua vida sexual regida pelos hormônios, apenas quando a fêmea está no cio existe a cópula, quem rege é o instinto. No reino animal existem casos de cópulas sem fins de procriação, no entanto, apenas *o homem é capaz de vivenciar uma sexualidade superior, uma que não seja baseada nos instintos, mas nos sentimentos, que denominamos de amor. O Graal é a coragem de amar.* “Para os puros todas as coisas são puras. Para os corruptos e descrentes nada é puro: até a sua mente e consciência são corrompidas.”²⁷⁶ Tito 1:15.

Julius Evola levanta a hipótese de que o Graal na ‘literatura amorosa’ medieval representasse à alquimia sexual das tradições esotéricas. “O homem possui o princípio de uma força eminentemente viril, a qual, liberta da materialidade, se manifesta como poder mágico e de comando.”²⁷⁷ O sexo é tanto origem quanto término dessa força. “Essa força é paralisada pela sexualidade, a não ser que a esta seja dada uma orientação muito particular.”²⁷⁸

No mito de Perceval, o Rei Pescador está diretamente relacionado à sexualidade. Ele é possuí o Graal, também é coxo e essa deformidade segundo Durand é um dos indícios de que se trata de um sumo sacerdote, um “senhor do fogo”.

Em numerosas lendas e histórias relativas aos “senhores do fogo”, as personagens são enfermas, só têm uma perna ou são cegas de um olho e “lembram provavelmente mutilações iniciáticas”, proezas de ferreiros feiticeiros. O senhor do fogo, sendo ao mesmo tempo sujeito de paixão e ações contrárias, é muitas vezes dotado de poder de curar, cicatrizar, reconstituir pelo fogo e pelo forno.²⁷⁹

²⁷⁴ Ibid, p. 106

²⁷⁵ Ibid, p. 105

²⁷⁶ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1525

²⁷⁷ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 119

²⁷⁸ Ibid, p. 119

²⁷⁹ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, 307.

O Rei Pescador têm como objetivo ensinar a compaixão a Perceval, a essência da “arte do fogo”. “O amor é a primeira hipótese científica para a reprodução do fogo”.²⁸⁰ “O aspecto geral de nupcialidade da alquimia explica-se, em última análise, por ser uma arte do fogo”.²⁸¹

O Graal na história de Wolfram foi trazido do céu e guardado pelos anjos que permanecerem neutros na disputa de Lúcifer contra Deus.²⁸² Altamente significativo e também relacionado às idéias alquímicas de equilíbrio dos opostos. Joseph Campbell considera a descida do Graal pelo caminho do meio. “O Graal representa o caminho espiritual que se estende entre os pares de opostos, entre o medo e o desejo, entre o bem e o mal.”²⁸³ Campbell afirma que o Graal simboliza a fonte primeva, anterior ao tempo e o espaço, antes da separação dos pares de opostos. Segundo ele, é possível experimentarmos esse momento atemporal, que ele chama de “transcendência”, ou, simplesmente, de experiência religiosa. O Graal é um dos símbolos que se referem a essa experiência de transcendência.

Na obra *Wolfram und der Gral* (Wolfram e o Graal) de S. Singer, o autor afirma que o Graal é uma idéia oriunda dos círculos cátaros.²⁸⁴ Os anjos que guardam o Graal são aqueles que estão acima do bem e do mal, aqueles que mantêm a unidade, esta impossível de ser mantida num universo antagônico, dual e limitado.

Existe um mito gnóstico, que se supõe seja de origem egípcia, bem similar com a descrição de Wolfram. Neste mito, Lúcifer era o anjo mais belo, luminoso e poderoso das hostes celestes. A palavra Lúcifer vem do latim e significa “aquele que leva o archote” ou “a estrela da manhã”. *Ele não é a luz, mas o seu portador*. A luz é Deus, assim, é Lúcifer quem carrega Deus.

Lorsque Lucifer, l'Archange porte-lumière, s'est revolté contre le Créateur, il a été chassé des célestes séjours et précipité dans l'abîme des Ténèbres. Mais, au cours de sa chute, la magnifique émeraude qu'il portait sur son front s'est détachée et elle est tombée sur la terre, où elle a été recueillie par Adam et transmise ensuite de génération en génération.²⁸⁵

²⁸⁰ Ibid, p. 334.

²⁸¹ Ibid, p. 333.

²⁸² ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p. 300

²⁸³ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 206

²⁸⁴ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 113

²⁸⁵ MARKALE, Jean. **Broceliande: et l'enigme du Graal**. Paris: Pygmalion, 1989, p. 230.

Quando Lúcifer, o Arcanjo portador da luz, se revoltou contra o Criador, ele foi expulso das hostes celestes e precipitado no abismo das Trevas. Mas, durante sua queda, a magnífica esmeralda que ele portava na sua fronte se desprende e caiu na terra, onde foi recolhida por Adão e transmitida de geração em geração.

A **esmeralda verde** era seu olho, mas quando Lúcifer se rebelou contra Deus, a jóia partiu-se e sua visão, que antes era clara e límpida, ficou fragmentada e torpe. Em outra versão do mito, a pedra foi recolhida pelo Deus egípcio Thot e nela escreveu as chaves da vida eterna, as leis herméticas. A pedra caída do céu ficou conhecida como a Tábua Esmeraldina.²⁸⁶ Se bem que poderíamos chamá-la de pedra exilada em referência a seu antigo dono, a *Lapis Exilis*, o que nos remete aos mistérios do Graal ou ainda *Lapis Beryllus* (pedra central) ou *Lapis Erillis* (Pedra do Senhor).²⁸⁷

O mito gnóstico sofreu modificações, numa delas o *Wartburgkrieg*: uma pedra saltou da coroa de Lúcifer quando este foi atingido pelo arcanjo Miguel. Essa é pedra dos eleitos, caída do céu a terra; foi ela que Parsifal reencontrou e já tinha sido recolhida por Titurel, precisamente o fundador da dinastia do Graal. O Graal seria essa pedra Luciferina. Noutras versões do conto, a pedra caída da testa de Lucifer fora talhada em forma de taça por um anjo. Apelidada de Graal, a pedra-taça fora dada a Adão, quando este ainda permanecia no Paraíso. Depois da queda original, o filho de Adão, Seth, conseguiu reencontrar temporariamente o Paraíso, levou de lá o Graal para a terra.²⁸⁸

O mito da pedra dada a Adão também é encontrado na tradição árabe, a saga acerca da pedra negra de Kaaba. Dada por Gabriel a Adão, retomada pelo céu depois do dilúvio e, em seguida, trazida de novo à terra por Gabriel, para servir de “pedra angular” no centro da tradição islâmica.²⁸⁹

No documentário o Poder do Mito, Joseph Campbell nos relata outra versão desse mesmo mito. Nela, Deus pediu ao Diabo para servir ao homem, mas por amar tanto Deus, o demo não aceitou servir a outro que não o próprio Deus. Em represália, foi para o Inferno, lugar ou situação pessoal em que se encontram os que morreram em estado de pecado, expressão simbólica de reprovação divina e privação definitiva da comunhão com Deus. Lá Lúcifer sofre os maiores tormentos humanos e o maior deles é estar longe da pessoa amada. Este permanece no Inferno por amor a Deus, porque assim ele ordenou.²⁹⁰

A pedra frontal no mito gnóstico da queda de Lúcifer recorda o “terceiro olho” ou o olho de Shiva (Deus do pateão Hindu) presentes nos simbolismos hindus e budistas. “É um olho a que se atribui, quer a visão transcendente ou ‘cíclica’ (no

²⁸⁶ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 105

²⁸⁷ Ibid, p. 124

²⁸⁸ Ibid, p. 105-106

²⁸⁹ Ibid, p. 106

²⁹⁰ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 214

Budismo, é a *bodhi*, a iluminação espiritual), quer a um poder fulgurante.”²⁹¹ Segundo Evola, nas tradições yogis o “terceiro olho” corresponde ao “centro de comando” – *âjñâ-cakra* – que é, ao mesmo tempo, a mais alta sede da virilidade transcendente, aquela em que o *phallus* simbólico de Shiva se manifesta sob a forma de *itara*, à qual se atribui o poder de atreversar a **corrente do tempo**, e, portanto, de conduzir para além da morte.²⁹²

O Rei Pescador no conto de Wolfram chama-se Anfortas. Na sabedoria Arturiana Anfortas é mais que um nome, foi um título corrompido linguisticamente do latim *In fortis* (em força), mesmo significado do hebraico *Boaz* que, também foi um personagem bíblico, o bisavô de Davi. O nome *Boaz* designou também a coluna esquerda do Templo de Salomão.²⁹³

Quando jovem, Anfortas partiu em aventuras e seu grito de guerra era AMOR.²⁹⁴ Na localidade em que o rio Tigre sai do Paraíso, Anfortas encontrou um pagão, um homem vindo além dos limites conhecidos (provavelmente o pagão é uma alusão simbólica ao inconsciente). Este cavaleiro pagão tinha uma lança envenenada e na haste havia seu nome insculpido. Os dois lutaram, o pagão morreu e Anfortas foi ferido nos genitais e a ponta da lança permaneceu alojada em seu corpo.²⁹⁵ Nietzsche já tinha alertado para o cuidado ao matar seus monstros, pois pode estar perdendo o que tem de melhor. As psicopatologias estão aí para demonstrar os perigos da supressão das pulsões do inconsciente.

Para Campbell: “[...]a agonia do amor, a enfermidade que os médicos não podem curar, as feridas que só podem ser cicatrizadas pela arma que as provocou [...] A ferida é a ferida da minha paixão e a agonia do meu amor por esta criatura.”²⁹⁶ O ser amado é ao mesmo tempo a origem e a cura dos tormentos do amor, a ferida que não sangra. “A única pessoa capaz de cicatrizá-la é aquela que provocou o ferimento. Este é um motivo que aparece, de forma simbólica, em muitas histórias medievais, o motivo da lança que produz o ferimento. Só quando a lança toca de novo a ferida é que esta chega a cicatrizar.”²⁹⁷

²⁹¹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 120

²⁹² Ibid, p. 121

²⁹³ Cf. GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 188

²⁹⁴ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p. 303

²⁹⁵ Ibid, p. 303

²⁹⁶ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 205

²⁹⁷ Ibid, p. 205

No caso do rei Anfortas, a única pessoa capaz de curá-lo é Perceval, ainda assim, o simbolismo da lança citado por Campbell está presente no conto de Wolfram, este descreve a lança que sangra como aquele que se introduz na ferida do rei para abrandar a dor, no conto de Chrétien ela assume uma outra imagem e função. “O rei não consegue desfrutar um só momento de paz. Um frio interno o acomete, e seu corpo se torna mais gélido que a neve. Coloca-se então sobre a ferida o ferro da lança untado com um veneno abrasador, com o qual se extrai a frialdade do corpo.”²⁹⁸ O amor é a maior das agonias. “É verdadeiramente surpreendente a virulência desse veneno.”²⁹⁹ Veneno ou vida, pois para Campbell, “[...]o amor é ainda maior do que a morte e a dor, maior do que tudo. Isso é a afirmação da dor da vida, de uma maneira grandiosa.”³⁰⁰

O Graal é maior que a morte, fim e princípio da vida como descrevem seus autores, seu guardião sofre dos males do amor e apenas aquele que tiver compaixão, ou amor, será capaz de curá-lo, percebemos muitos paralelos entre o amor e o Graal. “O amor é o sentido da vida, é a culminância da vida.”³⁰¹

A única exigência para receber o Graal era formular a pergunta, “a quem serve o Graal”? O que significa em termos psicológicos ser complacente com a dor do outro. Apenas quem tem poder de dar, ou seja, apenas aqueles que têm **a coragem de amar poderiam receber o Graal**, o mesmo que dizer, só **um puro de coração**, pois é o amor que enobrece a alma.

Para Campbell, na idade Média e segundo as regras do *amor cortês*, a mulher apenas se entregaria a aquele que fosse capaz de amar, à semelhança do conto do Graal. “A exigência fundamental era que o indivíduo tivesse um coração gentil, isto é, um coração capaz de amor, não só de luxúria. A mulher tentaria avaliar se o candidato ao seu amor tinha um coração gentil, se era capaz de amar.”³⁰²

Outro símbolo da vida é a fênix, ave mágica citada por Wolfram no Parzifal, além de também ser um símbolo alquímico. A vida longa da fênix e seu dramático renascimento pelo fogo transformaram-na em símbolo da imortalidade, regeneração e renascimento espiritual. Emma Jung relaciona *exilis* (insignificante) com a caracterização da pedra filosofal, sempre descrita como destituída de valor, jogada no

²⁹⁸ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p. 309

²⁹⁹ Ibid, p.309

³⁰⁰ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 200

³⁰¹ Ibid, 202

³⁰² Ibid, 204

lixo e pisoteada na rua. “Até o alquimista Zozimo já dizia que o *Lapis* era ‘desprezado e altamente venerado, não presenteado e presente de Deus’”³⁰³

A busca do *Lapis elixir* pelos alquimistas, o tesouro oculto na matéria – matéria prima ou vilis – é uma busca idêntica a da empreendida por Perceval pelo Graal. “A arte real”³⁰⁴ visava a transformação da matéria, vulgarmente conhecida como transformação do chumbo em ouro, mas que no sentido esotérico era a transformação interior do próprio homem, queimar suas vicitudes pelo fogo transmutador para renascer como o homem dourado.

Num certo sentido, o Graal é uma tumba, contém os restos de Jesus (o seu sangue). “Desse modo, segundo a concepção da alquimia, a condição de estar morto e enterrado (= a existência inconcebível) é considerada o estado primário e por isso serve de ponto de partida para o *opus* (a obra), ao contrário da idéia corrente de que a morte e o enterro seriam normalmente o fim do processo de uma vida.”³⁰⁵

A morte é miticamente simbolizada como o maior dos limiares, passar por ela é uma iniciação. O Graal como símbolo de vida também tem o aspecto de morte, dada a ambigüidade dos símbolos. “Uma regra fundamental da motivação simbólica em que todo elemento é bivalente, simultaneamente convite à conquista adaptativa e recusa que motiva uma concentração assimiladora sobre si.”³⁰⁶

O Poeta Wolfram descrevia o Graal com capacidades de vencer a morte, tal como o messias. “Se um moribundo contemplar a pedra, a morte não poderá prevalecer sobre ele nas semanas seguintes.”³⁰⁷ “Tampouco ele irá envelhecer[...] A pedra tem o dom de instilar-lhes o viço da juventude.”³⁰⁸

Podemos também supor que morremos para uma vida para renascer para outra, tema já trabalhado anteriormente. O paralelo entre o Graal-morte e vida pode ser feito com outra figura mítica conhecida, Osíris, o senhor dos mortos e o guardião do Paraíso.

No século XV, Veldenaer relacionou o Graal ao paraíso terrestre, isto é, a busca do Graal significa a reconquista do estado primordial.³⁰⁹ Como já foi dito, algumas

³⁰³ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 115

³⁰⁴ Arte real era um dos nomes da alquimia.

³⁰⁵ Ibid, p. 100

³⁰⁶ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 35

³⁰⁷ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p. 299

³⁰⁸ Ibid, p. 299

³⁰⁹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 123

versões do mito do Graal dizia que ele pertencia a Adão, mas ele o perdeu em sua queda. Retomar o Graal significa mudar a sua natureza e retornar ao estado primevo.

3.2 O GRAAL E A INICIAÇÃO

A história de Perceval do filho que desconhece sua origem é simbolicamente o filho que desconhece seu pai e que parte em sua busca. Buscando o pai ele reconhece a si mesmo, esta é uma viagem de autoconhecimento. Esta busca está na raiz das questões: “Quem sou? De onde vim? Para onde vou?”

Através da razão a filosofia sonda tais mistérios, que estão na camada profunda do ser humano. Os mitos não, estes brotam do inconsciente para o consciente. “O inconsciente envia toda espécie de fantasias, seres estranhos, terrores e imagens ilusórias à mente – seja por meio dos sonhos, em plena luz do dia ou nos estados de demência.”³¹⁰ Os sonhos como catarse do inconsciente foi o cerne da obra de Freud, retomado e ampliado por Jung. Para Durand, os mitos são uma racionalização de tais pulsões do inconsciente, ou seja, os mitos atuariam como caronte, o barqueiro do Hades, ligando os dois mundos, o inconsciente com o consciente.

Campbell acredita que os mitos são a fonte dos sonhos. “O sonho é o mito personalizado e o mito o sonho despersonalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique.”³¹¹ Nos sonhos, as formas são distorcidas pelos problemas particulares do sonhador, ao passo que nos mitos, os problemas e soluções apresentados são válidos diretamente para toda a humanidade. Para ele, os mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humana. “Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas.”³¹² Os mitos seriam o *Axis Mundi*, o eixo central que dá a estrutura e forma a toda a atividade da vida humana. “As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito.”

³¹⁰ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 18

³¹¹ Ibid, p. 27

³¹² Ibid, p. 15

Jung também relaciona o inconsciente como matriz dos sonhos. Deste subsolo obscuro emergem os fenômenos da consciência, ou seja, o nosso “mundo conhecido” (a consciência) interage e é influenciado por nosso “mundo desconhecido” (o inconsciente). “Por mais que os sonhos se refiram a uma determinada atitude da consciência do sonhador e a uma situação psíquica particular, suas raízes mergulham profundamente no subsolo obscuro e dificilmente conhecível de onde emergem os fenômenos da consciência.”³¹³ Por falta de uma expressão mais precisa, ele chamou este subsolo obscuro de *inconsciente*. Não conhecemos sua essência em si mesma, nem é possível observar senão determinados efeitos seus, cuja textura nos permite arriscar certas conclusões a respeito da natureza da psique inconsciente. Como o sonho constitui uma expressão extremamente freqüente e normal da psique inconsciente, é ele que nos fornece a maior parte do material empírico para a exploração do inconsciente.³¹⁴

Jung acredita na *autonomia do inconsciente*³¹⁵, assim, o consciente e inconsciente são independentes, embora tenham vínculos, “como o sentido da maior parte dos sonhos não coincide com as tendências da consciência, mas revela divergências singulares, devemos admitir que o inconsciente, a matriz dos sonhos, tem um funcionamento independente.”³¹⁶

Podemos estabelecer relações entre os conceitos de sonho de Jung, com os conceitos de mito de Durand. Como já citado anteriormente, os mitos para Durand são uma racionalização das pulsões do inconsciente. Jung estabelece os sonhos como “uma parcela da atividade psíquica *involuntária*, que possui, precisamente, suficiente consciência para ser reproduzida no estado de vigília.”³¹⁷ Para Jung, os sonhos estão entre as manifestações psíquicas que mais trazem dados “irracionais”, pulsões do inconsciente. Parecem comportar um mínimo de coerência lógica e não obedece à hierarquia de valores que caracterizam os outros conteúdos da consciência e, por isto, são menos fáceis de penetrar e de compreender. De modo geral, o sonho é um produto estranho e desconcertante, por ter falta de lógica, uma moral destoante das convenções sociais, formas desgraciosas, contra-sensos ou absurdos manifestos.³¹⁸

³¹³ JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 229

³¹⁴ Ibid, p. 229

³¹⁵ Foi o próprio Jung que designou o termo *autonomia do inconsciente*.

³¹⁶ Ibid, p. 225.

³¹⁷ Ibid, p. 224.

³¹⁸ Ibid, p. 224.

A história da resolução do conflito de Perceval nos serve como eixo orientador para nossos próprios dramas. “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás.”³¹⁹

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno.³²⁰ Tal estrutura é tão recorrente que Campbell a considera o núcleo dos mitos, que ele denomina *monomito*, termo originalmente usado por James Joyce.³²¹

Resumidamente: O padrão usual consiste, em primeiro lugar, num rompimento ou afastamento da ordem e do contexto social local; em segundo, num longo e profundo retraimento para dentro e para trás, por assim dizer, no tempo, e para dentro para o fundo de sua psique; uma série caótica de encontros ali, experiências sombrias e aterrorizantes, e, pouco tempo depois encontros de um tipo centralizador, com experiências de realização, de harmonia que dão nova coragem, e aí, finalmente, nesses casos afortunados, uma jornada de volta com um renascimento para a vida. E essa é a fórmula universal da jornada do herói mitológico. É esse o padrão do mito e é esse o padrão das fantasias da psique.³²²

Assim como Campbell, Jung também percebe, nesse caso o sonho, como eixo orientador para resoluções de conflitos. Para ele existem três possibilidades. Se a atitude consciente a respeito de uma situação dada é fortemente unilateral, o sonho adota um partido oposto. Se a consciência guarda uma posição que se aproxima mais ou menos do centro, o sonho se contenta em exprimir variantes. Se a atitude da consciência é “correta” (adequada), o sonho coincide com esta atitude e lhe sublinha assim as tendências, sem, contudo, perder a autonomia que lhe é própria.

A questão é que mesmo conhecendo a situação do consciente, ignoramos a atitude do inconsciente. Como este último é não somente a matriz dos sonhos, mas também matriz dos sintomas psicógenos, este assume grande relevância prática. Normalmente deveria haver a harmonia entre o consciente e o inconsciente, mas, na realidade, ela ocorre muito poucas vezes, o desencontro entre os dois dá origem a uma multidão imprevisível de distúrbios psicógenos, que vão desde os inocentes atos falhos da linguagem às doenças e acidentes.³²³

Numa ótica Junguiana, a busca de Perceval pelo castelo oculto do Graal seria a representação simbólica da procura do consciente pelo inconsciente, ou, dito de outra

³¹⁹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 21

³²⁰ Ibid, p. 36

³²¹ Ibid, p. 53.

³²² CAMPBELL, Joseph. **Para viver os mitos**. SP: Cultrix, 2007, p. 163.

³²³ JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 230

forma, assimilar o ego a uma personalidade mais ampla. Da mesma forma que a negação dos ímpetus do “mundo obscuro” é fonte de patologias, a integração do aspecto renegado é a nascente de uma vida saudável e plena, simbolizados pelo Graal.

“A aventura última, quando todas as barreiras e ogros foram vencidos, costuma ser representada como um casamento místico (*hierogamos*) da alma-herói triunfante com a Rainha-Deusa do Mundo.”³²⁴ Esse zênite mítico é o casamento entre o consciente e o inconsciente, a união entre a alma e a *persona*. Trata-se da crise do nadir ou o canto mais extremo da Terra, no ponto central do cosmo, no tabernáculo do tempo ou nas trevas da câmara mais profunda do coração.

O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. “Ele deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne.”³²⁵

As tarefas impossíveis para o casamento místico é um tema recorrente a todas as épocas e lugares. Nas histórias que seguem esse padrão, o pai ou mãe, ou ainda, um monstro, desempenha o papel de carcereiro. Os testes propostos apresentam uma dificuldade desmesurada. Eles parecem representar uma recusa absoluta de deixar a filha seguir seu caminho.

Quando aparece um candidato a altura, não há tarefa nesse mundo que esteja além de suas capacidades. Auxiliares imprevisíveis e milagres de todos os tipos contribuem para o seu projeto. A própria princesa, sempre apaixonada pelo herói, lhe dá um objeto mágico ou lhe revela um segredo de suma importância para triunfar nas armadilhas.³²⁶ Pela superação das armadilhas e empecilhos o herói se transforma. Em muitos contos, o personagem apenas descobre capacidades ocultas em si nos momentos de necessidades.

A realização das tarefas impossíveis não é o ponto central do conto, pois, muitas vezes nem é realizada pelo próprio herói, mas por ajudantes mágicos ou auxiliares imprevisíveis, no entanto, todos esses contos têm em comum a firme *vontade* do herói em superar obstáculos que estão além de suas capacidades. Eu suponho que o

³²⁴ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 111

³²⁵ Ibid, p. 110

³²⁶ Ibid, p. 330

motivo de todos os obstáculos é fortalecer a força de vontade do herói, é através dela que ele conquista a princesa, sua outra metade.

Jung também acredita que o fortalecimento da vontade é um dos caminhos para restabelecer a harmonia entre o consciente e o inconsciente, conseqüentemente, solucionar as neuroses. Para ele, também existem outros métodos, tais como a prática do “naturismo”³²⁷, o método da persuasão racional ou a “análise do inconsciente”.³²⁸

Todos esses caminhos citados por Jung foram percorridos por Perceval. Ele volta a acreditar na força divina. A todo o momento existe algum personagem persuadindo Perceval a tomar o caminho “correto”, o da cavalaria. Perceval fortalece a sua vontade pela persistência e sempre escolhendo o caminho mais difícil. “Procurava as piores aventuras, as mais cruéis e mais duras; e se é verdade que as encontrou, fez belas proezas. Nenhuma empreendeu que não a fosse concluída a seu agrado”³²⁹

Perceval analisa e entra em contato com seu inconsciente através da dor, em particular, pelo sentimento de fracasso e saudades de sua amada Brancaflor (em Wolfram é Condwiramurs). Perceval somente inicia a busca pelo Graal por causa da bruxa Cundrie que o amaldiçoa e humilha na frente de todos os cavaleiros da Távola redonda porque fracassou em formular a pergunta e por isso: “As mulheres perderão os maridos, as terras serão devastadas, as donzelas sem socorro não poderão mais que ser órfãs e muitos cavaleiros morrerão. Todos esses males virão de ti”³³⁰

Quem será digno de subir ao monte do Senhor? Ou de permanecer no seu lugar santo? O que tem as mãos limpas e o coração puro, cujo espírito não busca as vaidades nem perjura para enganar seu próximo. Este terá a bênção do Senhor, e a recompensa de Deus, seu Salvador. Tal é a geração dos que o procuram, dos que buscam a face do Deus de Jacó. Salmos 24:3-6.

Jung dedica um valor inestimável aos sonhos, no entanto adverte: “A experiência me tem mostrado que, quando se tem algum conhecimento da psicologia dos sonhos, é-se facilmente tentado a superestimar o papel do inconsciente, o que

³²⁷ Naturismo

1. Concepção daqueles que tudo esperam das forças da natureza.
2. Valorização excessiva dos agentes físicos naturais como métodos terapêuticos, por exemplo, banhos e irradiações.
3. Filos. Naturalismo.

Fonte: Dicionário Aurélio versão digital 5.0

³²⁸ JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 231

³²⁹ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 108.

³³⁰ Ibid, p. 86

prejudica a força da determinação consciente.”³³¹ O consciente e o inconsciente são diretamente proporcionais, o inconsciente só funciona satisfatoriamente quando a consciência cumpre sua tarefa até o limite do impossível.

Um sonho pode suprir o que ainda falta ou vir em nosso socorro, quando nossos melhores esforços falharam. Quando se relega as tomadas de decisões ao sonhos, estes se apresentam cada vez mais banais e insignificantes. “Se o inconsciente fosse efetivamente superior a consciência, seria simplesmente difícil ver em que consiste afinal a utilidade do inconsciente, ou por que motivo o fenômeno da consciência surgiu no transcurso da evolução filogenética como um elemento necessário.”³³² Caso apenas se trate de um *lusus naturae* (jogo da natureza), o fato de um indivíduo saber que o mundo existe e ele também, não teria nenhuma significação.³³³

Evola afirma que a busca de Perceval é a reintegração heróica do seu aspecto transcendente, o que nas terminologias junguianas seria o inconsciente. Ainda que o inconsciente tenha um valor inestimável, também esconde seus perigos. Sua integração não se dá de forma simples e fácil, é necessário uma busca, uma luta ferrenha consigo mesmo, consciente X inconsciente.

Interessante que no conto de Chrétien e também no de Wolfram, uma das missões de Gawain, cavaleiro da Távola Redonda e companheiro de Perceval, foi vencer a prova do sono no “Lit Marveille” (leito das maravilhas) no Castelo encantado. “Jamais cavaleiro que se sentou em tal leito saiu vivo: esse é o Leito das Maravilhas, onde ninguém dorme nem cochila, nem repousa ou senta, pois jamais se levanta vivo.”³³⁴ Nesse caso, o sono representando o inconsciente. “Superar o ‘sono’ significa, em todas as tradições iniciáticas, participar numa lucidez transcendente, liberta dos condicionamentos da existência material e individual.”³³⁵

Gilbert Durand vai além, acredita que a função imagética ou fantástica, afora de ser a chave do inconsciente é a essência do espírito humano. “A alvorada de toda criação do espírito humano, teórica ou prática, é governada pela função fantástica”³³⁶

Campbell acredita que nossa psique está aprisionada numa vida banal e justamente as imagens iniciáticas têm a capacidade de abrir passagem para uma

³³¹ JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 238

³³² Ibid, p. 238

³³³ Ibid, p. 238

³³⁴ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 131

³³⁵ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 140

³³⁶ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 397

dimensão mais ampla. Numa sociedade que não oferece tais rituais iniciáticos, os sonhos assumem tal papel. “Ao que parece, há nessas imagens iniciáticas algo que, de tão necessário para a psique, se não for fornecido a partir do exterior, através do mito e do ritual, terá de ser anunciado outra vez, por meio do sonho, a partir do interior.”³³⁷

Um mito significativo está povoado por imagens iniciáticas. Em tais imagens podemos aplicar os conceitos e métodos do Imaginário de Gilbert Durand. Percebemos símbolos Uranianos na jornada do Graal. Os símbolos Uranianos são declinações de Uranos, o pai primordial, governava com o uso da força e pela força foi vencido por seu filho Cronos. O filho inicia a jornada em busca de si-mesmo e para isso ele tem que destronar/matar simbolicamente o pai. Nessa estrutura, o pai assume o papel da morte e esta é vencida pelo combate.

Na estrutura mística, o filho iria em busca do pai para tornarem-se um só. As diferenças deixam de existir, pois deixaram de ser dois seres distintos para se tornarem um ser único.

Na estrutura sintética, o filho o buscaria para retornar como seu mensageiro, ou seja, ele se impregnou com o poder do pai e manteve a sua individualidade. O filho que rouba algo do pai, como prometeu que roubou o fogo, também seria sintético, pois nesses tipos de mitos nem sempre há a luta, mas sempre existe a lãbia, a manha.

No conto de Perceval, a diferença que este recebe o poder do Pai, não pela força, mas pela compaixão. “Sem nos iludir sobre a ambivalência da pessoa grotesca do velho rei, ainda muito próximo da majestade e do poderio, é, no entanto, a caducidade, a cegueira, a insignificância, ou mesmo a loucura, que prevalece aqui.”³³⁸

Nos contos de fada, a ambivalência subsiste, o velho rei está constantemente pronto a conciliar-se com o jovem herói da luz, príncipe encantador que casa com a filha do velho real.³³⁹ Neste mito particular, a figura da princesa “presa na torre” que se casa com o belo cavaleiro é trocada pela figura do Graal. Observando desta forma, podemos interpretar a busca do Graal como a busca da alma, *a anima*, a parte feminina do cavaleiro.

³³⁷ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 22

³³⁸ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 94

³³⁹ Ibid, p.95

“O Graal se torna[...] aquilo que é logrado e conscientizado por pessoas que viveram suas próprias vidas. O Graal representa a realização das mais altas potencialidades espirituais da consciência humana.”³⁴⁰

Para Campbell, a contraparte feminina do herói é representada nos mitos como a hegemonia tirada ao inimigo, a liberdade ganha da malícia do monstro, a energia vital liberta das garras do monstro-tirano, as donzelas vigiadas por Dragões, a noiva raptada do pai ciumento, ou a virgem resgatada do amante não-sagrado. Como “outra metade”, ela assume o a estatura do herói. Se a estatura do herói for de monarca do mundo, ela é o mundo. Se ele é um guerreiro, ela é a fama. Ela é a imagem de seu destino, que ele deve libertar da prisão das circunstâncias restritivas.³⁴¹

A primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que Jung denominou “imagens arquetípicas”.³⁴²

A separação consiste numa radical transferência da ênfase do mundo externo para o mundo interno, do macrocosmo para o microcosmo, uma retirada, do desespero e da aridez da **terra devastada**, para a paz do reino sempiterno que está dentro de nós.³⁴³ “Numa terra devastada, a superfície não representa a verdade do que supostamente representaria, e as pessoas vivem vidas inautênticas.”³⁴⁴ Para Campbell, a terra devastada é uma vida inautêntica, uma em dissonância com o coração. A sociedade é uma **terra devastada**, carente de amor e o herói é justamente aquele que é capaz de sentir compaixão e trazer água para a secura da vida prática.

“O tema da história do Graal é que a terra, o país, todo o território de ocupação foi devastado. Isto se chama terra devastada. E o que caracteriza a terra devastada?”³⁴⁵ “É a terra em que todos vivem uma vida inautêntica, fazendo o que os outros fazem, fazendo o que são mandados fazer, desprovidos de coragem para uma vida própria. Isto é a terra devastada.”³⁴⁶ O herói é aquele que consegue viver uma vida

³⁴⁰ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 207

³⁴¹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 328

³⁴² Ibid, p. 27

³⁴³ Ibid, p.27

³⁴⁴ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 206

³⁴⁵ Ibid, p. 206

³⁴⁶ Ibid, p. 206

autêntica, capaz de realizar em si o que Campbell chama de as “potencialidades humanas”.

Jung, fala nas etapas do *processo de individuação*, que são todos aqueles momentos da vida individual em que as leis gerais do destino rompem as intenções, as expectativas e concepções da consciência pessoal, tal como o rio segue para o mar, tais etapas na vida do homem o levam para a *realização espontânea do homem total*.³⁴⁷ “O homem enquanto consciente do próprio eu é apenas uma parte da totalidade vital, e sua existência não representa a realização deste todo.”³⁴⁸ Quanto mais o homem se torna consciente do próprio eu tanto mais se separa do homem coletivo que ele próprio é, e se encontra mesmo em oposição a ele.

Jung percebe um paralelo entre os momentos críticos da vida e os chamados “grandes sonhos”, “talvez o reconhecimento da importância deste momento lhe advenha sob a forma de um sonho arquetípico que se imporá a seu espírito.”³⁴⁹ Esses sonhos carregados de sentido simbólico e figuras coletivas tem como finalidade exprimir um problema eterno que se repete indefinidamente, e não um desequilíbrio pessoal, por isso, as imagens oníricas as vezes são estranhas até ao próprio sonhador. Interpretar um sonho é uma tarefa exigente, dada a sua complexidade e a dificuldade de sondar a sua fonte, o inconsciente.

A interpretação dos sonhos para Jung requer: “*empatia* psicológica, capacidade de combinação, penetração intuitiva, conhecimento do mundo e dos homens e, sobretudo, um *saber específico* que se apóia ao mesmo tempo em conhecimentos extensos e numa certa *intelligence du coeur*.”³⁵⁰

Os temas recorrentes desses “grandes sonhos” são justamente os mitologemas do périplo do herói. Tratam de aventuras perigosas, de provas como a que encontramos nas iniciações. Há dragões, animais benfazejos e demônios. Encontramos o velho sábio, o homem-animal, o tesouro oculto, a árvore mágica, a fonte, a caverna, o jardim protegido por alta muralha, os processos de transformação, as substâncias da alquimia e a princesa a ser resgatada, sempre alguém está em apuros e o herói é aquele que se *sacrifica* para salvar o outro. **O sacrifício do herói e sua conseqüente regeneração da terra devastada são o âmago desta jornada mítica.** “Isto é o meu

³⁴⁷ JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, p. 234

³⁴⁸ Ibid, p. 234

³⁴⁹ Ibid, p. 234

³⁵⁰ Ibid, p. 228

corpo, que é entregue por vós; fazei isto em memória de mim.” Coríntios 11:24.³⁵¹ “O herói de ontem torna-se o tirano de amanhã, a não ser que *se* crucifique a *si mesmo* hoje.”³⁵²

A trajetória de Perceval tem muitas semelhanças com a trajetória de outros heróis. Moisés, por exemplo, fugiu do Egito e foi habitar a terra de Midiã (Exôdo 2, 15), ou seja, ele *partiu*, cruzando assim o limiar de um mundo conhecido para enfrentar outro desconhecido. Ele separou-se de tudo que lhe era caro e partiu em sua jornada. No monte Horebe, Moisés teve o seu primeiro contato com Deus. “E apareceu-lhe o anjo do SENHOR em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia[...] bradou Deus a ele do meio da sarça” (Exôdo 3, 2-4).

Este contato com Deus foi uma verdadeira *iniciação* para Moisés que além de todos os símbolos presentes no conto, ele recebeu o nome de Deus, que é um nome de poder, entretanto, a questão mais importante que resultou desse encontro foi justamente sua transformação psicológica. É justamente esta transformação que constitui a iniciação. Deus exige que Moisés volte e liberte seu povo. Em sua volta Moisés já não é um homem comum, mas um salvador, um herói. Novamente percebemos nesta trajetória as três fases do monomito (separação-iniciação-retorno).

A mesma estrutura está presente nos mitos de Prometeu que foi aos céus, roubou o fogo dos deuses e voltou à terra e o deu ao ser humano, contrariando Zeus. Jasão partiu em busca do velocino de ouro e retornou investido do poder de retomar do usurpador o trono que por direito era seu.

A estrutura do mito do herói independe do sexo. Psiquê, a heroína feminina, em sua jornada para rever seu amado Eros passou por diversas provas, incluindo sua descida ao Hades para pegar um pouco da beleza de Perséfone, a rainha do mundo dos mortos.

Todos esses mitos contêm em seu cerne a mesma estrutura do monomito. Joseph Campbell, em sua obra *O Herói de Mil Faces*, afirma que todos esses mitos são o mesmo mito, contado e recontado de diferentes maneiras, só que, a cada vez, ele tem uma face distinta. É o *Herói de Mil Faces*.

³⁵¹ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1475.

³⁵² CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 337

As conclusões de Campbell são decorrentes das análises dos sonhos “significativos” por Carl Jung. Segundo Jung, tais sonhos apresentam uma conformação simbólica. “Estes sonhos contêm os chamados *motivos mitológicos* ou mitologemas, que chamei de arquétipos.”³⁵³ Este termo designa formas específicas e grupos de imagens que se encontram, sob formas coincidentes, não só em todas as épocas e lugares, mas também nos sonhos individuais, nas fantasias, nas visões e nas idéias delirantes. “Tanto sua aparição freqüente nos casos individuais como sua ubiquidade étnica provam que a alma humana é singular, subjetiva e pessoal apenas por um lado, mas coletiva e *objetiva* quanto ao mais.”³⁵⁴

O conceito de monomito de Campbell estabelece as relações entre todos esses mitos, mas não explica a causa de sua semelhança.

Otto Rank³⁵⁵ identifica igualmente essas semelhanças e faz menção a algumas teorias de outros pesquisadores que também tentaram explicá-las.³⁵⁶ Entre elas a “Idéia de Povo” de Adolf Bastian³⁵⁷, que possuía uma ampla e diversificada formação acadêmica. Este autor desenvolveu esse conceito para explicar que as semelhanças nos mitos decorrem da existência de uma unidade psíquica da humanidade, ou seja, todos os humanos fazem parte de uma mesma rede neural. Este conceito será retomado por Carl Gustav Jung que desenvolverá a partir dele os conceitos de arquétipos e de inconsciente coletivo.

Outra teoria citada por Otto é a existência de uma comunidade original que cresceu e se espalhou por todo o globo enquanto retinha seus mitos originais. Isto explicaria as semelhanças entre os mitos. O primeiro autor que sugeriu a existência de uma comunidade original foi Theodor Benfrey³⁵⁸. Esta mesma teoria foi adaptada por Rudolf Schupert para explicar os símbolos recorrentes nos mitos.

Otto Rank discorda das teorias de Theodor Benfrey e de Adolf Bastian. Para ele, a fonte do mito é o próprio ser humano. A constatação das semelhanças entre diversos mitos diferentes pode ser atribuída ao próprio ser humano, que guarda semelhança em

³⁵³ JUNG, Carl Gustav. A natureza da psique, p. 233

³⁵⁴ Ibid, p. 233

³⁵⁵ Otto Rank (1884-1939) pesquisador, psicanalista, colaborador e colega de Sigmund Freud

³⁵⁶ RANK, Otto. **The myth of the birth of the hero: a psychological interpretation of mythology**. Publicado no Nervous and Mental Disease Monograph Series No. 18, The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, New York, 1914.

³⁵⁷ Adolf Bastian (1826-1905) foi um polímata, isto é, se destacou em vários campos. Ele ficou conhecido por sua contribuição para o reconhecimento da etnografia e da antropologia como áreas científicas.

³⁵⁸ Theodor Benfrey (1809-1881), filologista alemão.

todas as épocas e lugares independentemente de cor, de raça, de cultura ou de tempo histórico. Nesse ponto, Rank concorda com Campbell, a diferença entre eles é que para o primeiro, o mito do herói surge do drama infantil do incesto e para o segundo, o mito é uma produção espontânea dos recôncavos da psique, da parte mais transcendente do ser humano, impossível de ser explicada em palavras. Campbell afirma que o melhor termo que se tem para definir esta transcendência é “Deus”.

Podemos observar uma ponte entre esses dois autores Otto e Campbell. Para Otto, a rebeldia do filho contra o pai. Para Campbell, o mito do herói está relacionado com “a eliminação do ego infantil, quando vem à tona o adulto, seja menina ou menino”.³⁵⁹ Na eliminação do ego infantil há o embate contra o “pai dominador” e a “mãe devoradora”, no entanto, é uma luta simbólica, o monstro a ser vencido está dentro do próprio herói e não fora, plasmados na figura dos pais. “A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento”.³⁶⁰ “Para suavizar o cruel patricídio, a lenda representa o pai como algum tio cruel ou usurpador.”³⁶¹

Na jornada de Budha em busca da iluminação, o maior dos embates de Siddhartha foi o combate com a sua própria mente, ao que Budha disse quando a venceu: “Te peguei arquiteto, nunca mais criarás”. Aí está uma semelhança entre o mito e todos nós, o embate mental que enfrentamos no momento da transição entre o adolescente e o adulto.

Indo um pouco além, do esquema utilizado, vislumbra-se através dele, um ciclo metafísico que poderia ser assim representado: para tornar-se realmente um herói, um ciclo invisível é traçado dentro do indivíduo que consiste em desapegar-se da situação linear que está vivendo há algum tempo; passar por um aprendizado onde suas certezas anteriores são demolidas e superar-se usando o que restou para sua auto-reconstrução; e, por fim, ampliar ainda mais sua visão para perceber que, o único meio de continuar seu crescimento interior/espiritual é retornado renovado para doar desinteressadamente seu aprendizado àqueles que ainda não conseguiram nem perceber o início do caminho. O herói é aquele que dominou a si mesmo.

³⁵⁹ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 147

³⁶⁰ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 324

³⁶¹ Ibid, p. 337



Figura 19

4. A JORNADA DO HERÓI

4.1 O mito do herói e os rituais de passagem

Eu sai da minha terra
Por ter sina viageira
Com dois meses de viagem
Eu vivi uma vida inteira
Sai bravo, cheguei manso
Macho da mesma maneira

Estrada foi boa mestra
Me deu lição verdadeira
Coragem num tá no grito
E nem riqueza na algibeira
Capoeira do Arnaldo
Paulo Vanzolini

Todo rito de passagem é um ritual de iniciação que marca a transição de um status social a outro. O ritual de passagem é a reprodução simbólica do nascimento, o momento delicado e perigoso da saída do bebê da barriga da mãe e sua entrada para uma nova realidade. Assim como no nascimento, todo ritual de passagem necessita de desprendimento, esforço, sacrifícios físicos e mentais, muitas vezes acompanhados de marcas no corpo que atestam a bravura do iniciado.³⁶²

Otto Rank em sua obra *Der Mythos von der Geburt des Helden (O mito do nascimento do Herói)*, de 1909, analisa os mitos de Sargon, Moisés, Karna, Édipo, Paris, Telephus, Perseu, Gilgamesh, Cyrus, Tristan, Romulus, Hercules, Jesus, Siegfried e Lohengrin. Em sua análise ele destaca símbolos recorrentes a todos esses mitos, tais como a água, a luta para nascer, mesmo contra toda adversidade, e a vitória do herói.

Otto Rank ressalta que para compreender os mitos é necessário adentrar no reino da imaginação. “Numerous investigators have emphasized that the understanding of myth formation requires our going back to their ultimate source, namely the individual faculty of imagination. The fact has also been pointed out that this imaginative faculty is found in its active and unchecked exuberance only in childhood. Therefore, the imaginative life of the child should first be studied.”.³⁶³ A compreensão do mundo imagético é essencial para compreender o mito e para Otto, a fonte do mundo imagético é a criança.

³⁶² Como retratam em suas obras os pesquisadores Arnold Van Gennep, Victor Tuner, Jacques le Goff, Philippe Laburthe-Tolra e Jean-Pierre Warnier

³⁶³ RANK, Otto. **The myth of the birth of the hero: a psychological interpretation of mythology**. Publicado no Nervous and Mental Disease Monograph Series No. 18, The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, New York, 1914, p. 66

“Numerosos investigadores têm enfatizado que a compreensão da formação do mito requer o retorno para a sua derradeira fonte, a faculdade da imaginação individual”

Tecendo comentários sobre o livro de Otto Rank³⁶⁴, Campbell concorda que todos nós somos heróis ao nascer, quando enfrentamos uma tremenda transformação, tanto psicológica quanto física, deixando a condição de criaturas aquáticas, vivendo no fluido amniótico, para assumirmos, daí por diante, a condição de mamíferos que respiram o oxigênio do ar, e que, mais tarde, precisarão erguer-se sobre os próprios pés. Esta é uma enorme transformação, e certamente, um ato heróico, caso fosse praticado conscientemente.³⁶⁵

Os mitos são frutos dos dramas infantis, segundo Otto Rank. No caso do mito do herói, este decorre do drama do incesto. O filho se rebela contra o pai para conquistar o amor da mãe. Esta é a tese do seu mentor, Sigmund Freud, que irá chamar de complexo de Édipo.

A rebelião do filho contra o pai pode não ser apenas para conquistar a mãe, pode ser também para conquistar a sua independência. A eliminação do ego infantil é a maior das lutas na passagem do jovem para o adulto. Os embates internos são muito mais difíceis e complicados do que combater outro ser humano.

“Os rituais das primitivas cerimônias de iniciação têm sempre uma base mitológica e se relacionam à eliminação do ego infantil, quando vem à tona o adulto, seja menina ou menino”.³⁶⁶

Tanto os meninos quanto as meninas experimentam mudanças fisiológicas tão intensas a ponto de provocarem uma mudança psicológica transfiguradora, ou seja, a passagem não é apenas fisiológica, é sobretudo mental. O embate mental independe do sexo, ou seja, é tão difícil para o menino quanto para a menina fazer a transição para o adulto. Os ritos de passagem seriam uma forma de resolver os conflitos entre a mente e o corpo.

A independência é conquistada quando o jovem se desprende da dependência dos pais. O primeiro passo para a independência é à oposição a ordem vigente e todo herói começa como um rebelde.

“The hero himself, as shown by his detachment from the parents, begins his career in opposition to the older generation; he is at once a rebel, a renovator, and a revolutionary. However, every revolutionary is originally a disobedient son, a rebel

³⁶⁴ *O mito do nascimento do Herói*

³⁶⁵ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p.132

³⁶⁶ *Ibid*, p. 147

against the father” Entretanto, todo revolucionário é originalmente um filho desobediente, um rebelde contra o pai.”³⁶⁷

A oposição é um dos passos para encontrar a individualidade, mas não é o fim. Apesar da redundância, a auto-superação faz parte do “heroísmo do herói”. Isso nem sempre acontece, mas costuma fazer parte do processo.

A jornada do herói é mais profunda do que qualquer rebeldia, vai até o âmago do espírito humano, para depois retornar trazendo essa essência de vida e doá-la para a humanidade.

O início da jornada do herói pode começar com um objeto perdido ou um erro, aparentemente um mero acaso, e revelar um mundo até então insuspeito, controlados por forças desconhecidas.³⁶⁸ “Os erros não são um mero acaso, são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas[...] O erro pode equivaler ao ato inicial de um destino.”³⁶⁹

Para Campbell, a façanha do herói começa com o sentimento de vazio. Nos mitos, esse sentimento pode ser representado por um objeto perdido ou roubado, pode ser também alguém que se sente deslocado entre as experiências normais dos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa jornada que ultrapassa o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir seu lugar na sociedade, que acaba se tornando uma jornada de autoconhecimento. Normalmente, o herói perfaz um círculo que inicia com a partida e termina com o retorno. Essa jornada tem algo de uma busca espiritual, pois o jovem evolui de uma posição de imaturidade psicológica para a coragem da auto-responsabilidade, na passagem se morre e renasce. Esse é o motivo básico do périplo universal do herói.³⁷⁰

Arnold Van Gennep(1873-1975) é um dos mais importantes folclorista e etnógrafo francês. Ele cunhou o termo “ritual de passagem”. Fez um estudo sistemático dessas cerimônias e dedicou uma obra a elas, “Les Rites de passage” (Os Ritos de passagem - 1909).³⁷¹

³⁶⁷ RANK, Otto. **The myth of the birth of the hero: a psychological interpretation of mythology**. Publicado no Nervous and Mental Disease Monograph Series No. 18, The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, New York, 1914, p. 95

“O próprio herói, como demonstrado pelo desprendimento dos pais, começa sua carreira em oposição à geração mais velha. Ele é ao mesmo tempo um rebelde, um renovador e um revolucionário.”

³⁶⁸ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 60

³⁶⁹ Ibid, p. 60

³⁷⁰ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p.131-132

³⁷¹ Encyclopedia Britannica

<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/229199/Arnold-van-Gennep>

Van Gennep identificou três fases nos ritos de passagem. Primeiro *A separação*, o desprendimento dos pais e do ego infantil; *A margem*, seria a busca da autonomia, ou seja, buscar despertar as qualidades do adulto; *Agregação*, a aquisição do domínio de si, quando o jovem retorna não mais como criança, mas como adulto. Essa mesma estrutura está presente nos mitos de heróis e não é por acaso. Segundo Campbell, todo rito é uma encenação mítica.³⁷² A epopéia mítica é reproduzida no rito, somos transportados do mundo profano para o sagrado, do sobrenatural.

Para Durkheim, o sobrenatural é uma noção tida geralmente como característica de tudo que é religioso. Entende-se por isso toda a ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro.³⁷³ Ora seguindo essa idéia de Durkheim, o mundo imagético do ser humano faria parte do sobrenatural, pois escapa a ciência e também não faz parte do pensamento claro e sendo parte do sobrenatural seria objeto de estudo das religiões.

Durkheim afirma que a única forma segura e confiável de aquisição do conhecimento é a razão, quanto a isso, Bachelard discorre que o raciocínio não é a única forma de aquisição do conhecimento e fará a sua Fenomenologia Poética que abarca também a sensibilidade. O que escapa a Durkheim é que o raciocínio permite sem dúvida analisar os fatos, compreender a relação existente entre eles, mas não cria significado. Para que a criação ocorra, é necessário imaginar.³⁷⁴ Os mitos têm um aspecto de instrução, mas, sobretudo, eles atuam no mundo imagético, dando um sentido à vida.

O próprio Durkheim percebe a necessidade humana de criar sentido à vida, remetendo ao aspecto simbólico, imagético do ser humano, ainda que com certo desdém e que deve ser mantido à distância:

Os homens foram obrigados a criar para si uma noção do que é religião, bem antes que a ciência das religiões pudesse instituir suas comparações metódicas. As necessidades da existência nos obrigam a todos, crentes e incrédulos, a representar de alguma maneira as coisas no meio das quais vivemos, sobre as quais a todo momento emitimos juízos e que precisamos levar em conta em nossa conduta. Mas como essas pré-noções se formaram

³⁷² Ibid, p. 113

³⁷³ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3º edição. SP: Martins Fontes, 2003, p. 5

³⁷⁴ PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. RJ: Atlântica Editora, 2005, p.12

sem método, segundo os acasos e as circunstâncias da vida, elas não têm direito a crédito e devem ser mantidas rigorosamente à distância do exame que iremos empreender. Não são os nossos preconceitos, a nossas paixões, a nossos hábitos que devem ser solicitados os elementos da definição que necessitamos; é a realidade mesma que se trata de definir.³⁷⁵

A posição de Durkheim de reprimir o aspecto imagético do ser humano para alcançar a “verdade pura” é um dos pressupostos do pensamento científico, nascido da Revolução Científica, movimento do século XVII, que separou a Ciência da religião, especificamente das interpretações Teocêntricas da Igreja Católica. O problema é que o cientificismo foi predominante na sociedade ocidental e “rotulou” os mitos, chamando-os de “mentiras” que se contam para crianças. A razão foi dissociada da sua verdadeira fonte, o mito. Nessa busca pelo racional o sentimento foi abafado e o ser humano ficou dividido. As conseqüências desse movimento darão origem à diversas crises contemporâneas, tanto individuais, quanto sociais. Em nossa sociedade os ritos perdem importância porque são vivências profundamente emotivas e, na maioria dos casos, pouco ou nada lógicos.

Segundo Gilbert Durand em sua obra *L’Imagination Symbolique* a postura Científica de negar o mundo Imagético é reducionista, não contempla o ser humano de forma integral, razão e sensibilidade. Não percebe que a razão nasce do Imaginário. A própria Ciência é uma Hermenêutica, uma construção mítica, que Durand irá chamar de hermenêutica redutora em contraste com as hermenêuticas instaurativas.

La plus évidente dépréciation des symboles que nous présente l’histoire de notre civilisation est certainement celle qui se manifeste dans le courant scientiste issu du cartésianisme. Certes, comme l’écrit excellemment un cartésien contemporain, ce n’est pas parce que Descartes refuse de faire usage de la notion de symbole. Mais le seul symbole pour le Descartes de la III^e Méditation, c’est la conscience elle-même ‘à l’image et à la semblance’ de Dieu.³⁷⁶

A vida imagética tem um sentido próprio, mais abrangente do que a razão e quando tenta reduzi-la ao ato concreto em si, parte de seu sentido se perde.

³⁷⁵ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3^o edição. SP: Martins Fontes, 2003, p.4

³⁷⁶ DURAND, Gilbert. **L’imagination symbolique**. 3^a edição. França: Presses Universitaires de France, 1976, p.23

“A mais evidente depreciação dos símbolos que nos apresentam a história de nossa civilização é certamente aquela que se manifesta dentro dos atuais cientistas do cartesianismo. Certos, como escreveu excelentemente um cartesianista contemporâneo, não é porque Descartes recusa de fazer uso da noção de símbolo. Mas que o único símbolo para o Descartes da terceira meditação, é a consciência, ela mesma a imagem e semelhança de Deus.”

[...]na linguagem, se a escolha do signo é insignificante porque este último é arbitrário, já não acontece o mesmo com o domínio da imaginação em que a imagem – por mais degradada que possa ser concebida – é ela mesma portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária.³⁷⁷

De todos os cientistas os físicos são os que mais buscaram explicar a realidade tendo por base o pensamento científico. A Física Newtoniana afirmou que a realidade era concreta, absoluta e permanente. Esse pensamento perdurou durante séculos, até o aparecimento de Einstein e sua Teoria da Relatividade, quando demonstrou que o espaço e o tempo não são absolutos, eles podem ser contraídos ou expandidos, contrariando a lógica de espaço e tempo absolutos de Newton.

Nossa noção de realidade foi ainda mais afetada com as descobertas dos físicos quânticos. Estes descobriram que a matéria, aparentemente tão sólida, é constituída em seu âmago por átomos, que por sua vez são em sua maior parte enormes espaços vazios. Os elementos constitutivos do átomo têm propriedades que contradizem a razão: têm comportamento dual onda-matéria, efeitos de tunelamento, são regidos por uma incerteza intrínseca que obriga a representá-los em termos de probabilidades, entre outros efeitos que ferem o bom senso. Na frase célebre do físico quântico Niels Bohr: “Se a mecânica Quântica não lhe chocou, é porque você ainda não a entendeu.” Os físicos quânticos estão demonstrando que a realidade em sua essência não é nem lógica, nem sólida, não existindo essa concretude sonhada pelo cientificismo, pensamento que será retomado pelos cientistas do imaginário.

Na teoria do Imaginário a realidade é interpretada, criada a partir dos mitos, ou seja, é imagética. Segundo Juremir Silva, todo imaginário é real. Todo real é imaginado. O homem só existe na realidade imagética. Não há vida simbólica fora do imaginário. O mesmo já tinha sido percebido por Jacques Lacan no que se refere à sexualidade. Tudo acontece no imaginário: sexo, preconceitos[...] O concreto é empurrado, impulsionado e catalisado por forças imagéticas. Nisso não se esconde um velho idealismo, travestido de novo, em função de uma renovação de terminologia, mas transparece uma constatação antropológica: o ser humano é movido pelos imaginários que engendra. O homem só existe no imaginário.³⁷⁸

³⁷⁷ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p.28

³⁷⁸ SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**. Texto integrante da pesquisa em desenvolvimento **Rede de idéias: tecnologias do imaginário e comunicação**, p. 1

A frase célebre do Buda Sidarta Gautama de que nós fazemos a nossa própria realidade será amplamente aceita na teoria do Imaginário. A realidade não é fruto dos fatos, mas das interpretações que damos a estes. Da mesma forma, a eficácia do ritual não está no ato em si, mas no sentido que damos a ele, sua força vem da crença no transcendente. O que nos remete a noção de sagrado e profano.

Para Durkheim, o sagrado e o profano são dois mundos que nada têm em comum.

Não existe na história do pensamento humano um outro exemplo de duas categorias de coisas tão profundamente diferenciadas, tão radicalmente opostas uma à outra. A oposição tradicional entre o bem e o mal não é nada ao lado desta; pois o bem e o mal são duas espécies contrárias de um mesmo gênero, a moral, assim como a saúde e a doença são apenas dois aspectos diferentes de uma mesma ordem de fatos, a vida, ao passo que o sagrado e o profano foram sempre e em toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, como dois mundos entre os quais nada existe em comum.³⁷⁹

Durkheim explana que o homem nasce no mundo do profano e a sua passagem para o mundo do sagrado se dá por meio do ritual de passagem. Em que ele irá morrer no mundo do profano para renascer no mundo do sagrado. É o mito da morte e ressurreição do herói. A passagem para ele implica numa completa metamorfose.

Ora, essa mudança de estado é concebida, não como o simples regular desenvolvimento de germes preexistentes, mas como uma transformação totius substantiae. Diz-se que, naquele momento, o jovem morre, que a pessoa determinada que ele era cessa de existir e que uma outra, instantaneamente, substitui a precedente. Ele renasce sob uma nova forma. Considera-se que cerimônias apropriadas realizam essa morte e esse renascimento, entendidos não num sentido simplesmente simbólico, mas tomados ao pé da letra.³⁸⁰

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) retoma a idéia de divisão no rito de passagem, mas descarta a idéia do transcendente ou do sagrado e analisa sob uma ótica prática, social. Os ritos de passagem teriam uma função social, a de separar os iniciados dos não-iniciados. Bourdieu propõe que os ritos de passagem deveriam ser chamados de ritos de legitimação, ou ritos de consagração ou ritos de instituição. Porque não é a passagem que importa, mas sim, a instituição da ordem estabelecida, que obriga o indivíduo a viver segundo as expectativas sociais ligadas à sua categoria.³⁸¹

³⁷⁹ DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2003, p.22

³⁸⁰ Ibid, p.23

³⁸¹ SEGALLEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. RJ: FGV, 2002, p.50

Os ritos têm uma função social ligados a praticidade da vida, mas tentar explicar a sociedade apenas pela praticidade ou função social é esquecer que a sociedade é fruto dos mitos que engendra. Como já tinha observado Max Weber.

Cada tentativa de explicação [do racionalismo ocidental] deve, reconhecendo a importância fundamental do fator econômico, levar em consideração, acima de tudo, as condições econômicas. Mas, ao mesmo tempo, não se deve deixar de considerar a correlação oposta[...] As forças mágicas e religiosas e as idéias éticas de dever nelas baseadas têm sempre, no passado, entre as mais importantes influências formativas de conduta.³⁸²

Weber dedicará sua obra “A ética protestante e o espírito do capitalismo” para demonstrar como a influência de certas idéias religiosas afetou o desenvolvimento de um espírito econômico.³⁸³ As idéias religiosas que Weber se refere, são os mitos que aquele grupo criou e a que seguem. A razão, os atos conscientes são dependentes dos mitos que a norteiam. O mito nasce do Imaginário, e este tem uma significação própria, independente da razão.

O *Desencantamento do Mundo*, conceito de Max Weber, abordado em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* também contribuiu para o enfraquecimento dos ritos de passagem. O desencantamento do mundo é a perda da crença no sobrenatural e na magia. Os ritos de passagem tornaram-se mais um mero reconhecimento do esforço despendido pelo indivíduo do que o veículo de transformação interior.

Tão grande processo histórico no desenvolvimento das religiões – a eliminação da magia do mundo, que começara com os antigos profetas hebreus e, juntamente com o pensamento científico helenístico, repudiou todos os meios mágicos para a salvação como sendo superstição e pecado, atingindo aqui a sua conclusão lógica.³⁸⁴

A salvação não virá por milagre, ação do sobrenatural, mas pelo esforço próprio, o ascetismo protestante, que prioriza as obras materiais em oposição ao metafísico.

Para o católico, a absolvição de sua Igreja era a compensação para as suas próprias imperfeições. O sacerdote era um mágico que fazia o milagre da transubstanciação e que tinha em suas mãos as chaves da vida eterna[...] Ele distribuía redenção, esperança de graça, certeza de perdão, garantindo assim o relaxamento daquela tremenda tensão à qual o calvinista estava condenado por um destino inexorável, que não admitia mitigação. Ele não poderia esperar o perdão pelas horas de fraqueza[...]³⁸⁵

³⁸² WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. SP: Martin Claret, 2006, p.32

³⁸³ Ibid, p. 32

³⁸⁴ Ibid, p. 83

³⁸⁵ Ibid, p. 91

As perdas da crença no sobrenatural e na magia mudaram não apenas a nossa percepção do mundo, mas também a forma como lidamos com ele, com o outro e com nós mesmo. Mudou as nossas concepções míticas.

“Uma vez que o ascetismo se encarregou de remodelar o mundo e nele desenvolver seus ideais, os bens materiais adquiriram um poder crescente e, por fim, inexorável sobre a vida do homem, como em nenhum outro período histórico.”³⁸⁶

A perda da função imagética de nossa sociedade dessacralizou os ritos de passagem, dos quais, desembuídos do seu sentido primordial, restam apenas à forma ou formalidade.

A perda do sentido do rito de passagem pode estar no fato de não haver marcas definidas da transição do jovem para o adulto, como assinala Martine Segalen:

A razão profunda do desaparecimento desses rituais também diz respeito ao fato de a idade da juventude não ser mais conquistada de repente, como outrora. A passagem se estende indefinidamente, sem que seja possível marcar com clareza um ‘antes’ e um ‘depois’, uma vez que os momentos de se adquirir o direito à sexualidade, à independência econômica e residencial e, mais amplamente, ao estatuto de adulto não coincidem mais.³⁸⁷

Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano*, fala que para o homem moderno o nascimento, o casamento e a morte não passam de acontecimentos de âmbito individual ou familiar, com a exceção de celebridades ou chefes de Estado. Numa perspectiva a-religiosa da existência, todas as passagens perderam seu caráter ritual, quer dizer, nada mais significam além do que mostra o ato concreto de um nascimento, de um óbito ou de uma união sexual oficialmente reconhecida.³⁸⁸

Campbell cita que poucos vislumbram o sentido do rito do batismo, que constitui nosso ritual de passagem contemporâneo. “A interpretação popular do Batismo é de que ele ‘retira as máculas do pecado original’, recaindo a ênfase antes sobre idéia de purificação do que sobre a do renascimento.”³⁸⁹ Não obstante, esse sentido aparece

³⁸⁶ Ibid, p.135

³⁸⁷ SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. RJ: FGV, 2002, p. 67

³⁸⁸ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 151

³⁸⁹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 246

claramente nas palavras de Jesus: “Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus” João 3:5.³⁹⁰

Nas sociedades antigas os ritos de passagem eram um grande evento. Por exemplo, a união sexual era sagrada. A iniciação sexual dos gregos se dava nos templos e eles chamavam o casamento de *télos*, a consagração, e o ritual nupcial assemelhava-se ao dos mistérios nos templos. Os egípcios e os maias eram iniciados nos templos através das sacerdotisas que, na Grécia, se chamavam *Hieródulas* e em Roma, *Vestais*. Nessas sociedades os jovens eram conduzidos aos templos para sua iniciação sexual.

As iniciações dos nossos índios Tupinambás se constituíam de rituais dolorosos de iniciação em que toda a tribo participava. Este é um ponto importante, mesmo que as provas nos rituais sejam difíceis e dolorosas a tribo (no sentido de grupo) e inclusive entidades sobrenaturais acompanham o neófito, que é assistido em sua passagem. A participação da tribo significa: “Você não é o primeiro, nem será o último, essa passagem é difícil e estamos aqui para lhe ajudar, agora você terá que ser forte”. Se o neófito conseguir vencer as provas do ritual, significa que ele está pronto para assumir as suas novas responsabilidades.

No passado a iniciação sexual era acompanhada por toda a comunidade através dos rituais. Há décadas atrás, era costume o pai levar seu filho para o prostíbulo e ficar do lado de fora esperando o resultado. Talvez essa não seja a melhor forma de fazer a passagem, mas o fato é que a figura paterna estava presente e acompanhava o jovem nessa iniciação. Após o seu primeiro encontro com a meretriz o jovem tornava-se adulto, mas não é o ato sexual em si que importa e sim as transformações psicológicas trazidas por ele e que, de certa forma, remonta ao mundo imagético, à criação mítica da imagem que cada um tem do que é ser jovem e do que é ser adulto. Afinal o que diferencia um jovem de um adulto? A partir daquele momento o jovem deixava o seu mundo infantil e adentrava no mundo dos adultos.

Na sociedade contemporânea não há um momento definido em que o jovem deixa o seu mundo adolescente para assumir o adulto. É possível manter apegos infantis mesmo depois de casado e com filhos. Em nossa sociedade contemporânea os jovens

³⁹⁰ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1386

são deixados à mercê de si próprios para fazerem seu ritual de passagem sozinhos, quando quiserem, como se fosse algo natural. O peso psicológico dessa passagem é grande, as migrações de uma fase a outra não acontecem de forma natural. O resultado é que a passagem acontece de forma banal e sem assistência. Nosso herói está sozinho, desarmado e o sagrado foi banalizado. As armas do herói serão discutidas no próximo capítulo.

4.2 Símbolos do cavaleiro: o cavalo, a espada e a armadura

Herman Hesse afirma que todos os caminhos têm como finalidade concluir a obra permanentemente inacabada que é o ser humano, ainda assim, há os que mal logram a serem homens e continuam sendo animais.

A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Todos levam consigo, até o fim, viscosidades e cascas de ovo de um mundo primitivo. Há os que não chegam jamais a ser homens, e continuam sendo rãs, esquilos e formigas. Outros que são homens da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. Mas cada um deles é um impulso em direção ao ser.³⁹¹

Refletindo sobre esse texto, percebo que não existem caminhos falsos, todos são verdadeiros, todos levam “em direção a si mesmo”. Não acredito que existam caminhos melhores ou piores, entretanto, acredito em objetivos diferentes. Existem infindáveis objetivos e inúmeras possibilidades de caminhos para cada um deles. A maioria dos objetivos são para saciar um desejo mundano, por exemplo, o sexo, alguns são mais altruístas, outros revelam uma “sede de conhecimento” sobre algum tema específico. Em nossa sociedade contemporânea temos até um livro sobre as pessoas que perseguiram os objetivos mais bizarros, o *Guinness book*. Entretanto, todos os objetivos possíveis, em suas múltiplas variações, são facetas de um objetivo único, que está presente em todos os seres, dos mais inconscientes aos mais conscientes, dos mais simples aos mais complexos, dos menores aos maiores, todos os seres vivos têm em seu cerne o ímpeto de *desejar viver*, o que em si também é um objetivo. Mesmo os suicidas possuem a aspiração de uma vida idealizada. Como já observou o poeta Gonzaguinha:

³⁹¹ WEIL, Pierre. **Esfinge: estrutura e símbolo do homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977, p. 5

“A vida é sempre desejada, por mais sofrida que seja”. Nas palavras de Joseph Campbell: “O segredo da vida é viver”. Gilbert Durand afirma que a função imagética surge a partir do medo da morte, isto é, do desejo de querer viver. As estruturas do imaginário são reações a esse drama. Como exemplo da mitificação desse temor escolhi o Gênesis, por acreditar que a Imagética plasmava tal drama na figura de Deus. Tal análise é bem limitada e específica, portanto, apenas serve como exemplo.

“O Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: ‘Faça-se a luz!’ E a luz foi feita”. Gênesis 1:2-3.³⁹² Como observou Durand, as águas límpidas são o primeiro espelho. Ainda assim, por nossas leis físicas Deus não podia ver a si mesmo, pois o reflexo necessita da luz. Quando ele fez a luz, dividiu o que antes era ligado e informe e viu a si mesmo. “Mesmo no domínio do imaginário a clareza é acompanhada pelos processos de distinção”.³⁹³

O Gênesis é uma descrição mítica da criação, descreve passo-a-passo como Deus criou e quanto tempo levou, no entanto, não responde por que Deus criou ou, dito de outra forma, por que Deus quis ver a face de Deus? Deus pode tudo, é ilimitado, o que em si, constitui um limite, pois poder fazer tudo é o mesmo que não fazer nada. Deus não pode viver. O que nunca nasceu, nem morreu, não pode viver. Deus quis viver, assim traçou o primeiro limite, dividiu a si mesmo e criou. Deus por si não pode viver, mas pode viver pela sua criação, o que é uma explicação mítica do desejo universal do “querer viver”. Dessa forma, todos os objetivos ou desejos são variações desse objetivo universal. Entretanto, na multiplicidade de objetivos apenas um único contempla o âmago da vida, *a procura de si*, ou dito de forma metafórica, *a busca pelo Graal*.

Como uma jornada interior, as armas do herói não podem ser objetos concretos. Para a função fantástica não é a forma ou o utensílio em si que define seus significados simbólicos, mas, sobretudo, são caracterizadas por suas relações e funcionalidades.³⁹⁴

4.2.1 O cavalo

³⁹² Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 49

³⁹³ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 158

³⁹⁴ Ibid, p. 71

Analisando as imagens de animais, Durand afirma que “de todas as imagens, com efeito, são as imagens de animais as mais freqüentes e comuns. Podemos dizer quer nada nos é mais familiar, desde a infância, que as representações animais.”³⁹⁵ “É de resto notável que as crianças nunca tenham visto a maior parte dos animais com que sonham, nem os modelos das imagens com que brincam”.³⁹⁶ Uma figura tão recorrente e universal tem que se referir a um conteúdo arquetípico.

O psicólogo Pierre Weil analisou o símbolo da esfinge na sua tese de Doutorado na Universidade de Paris.³⁹⁷ Ele descobriu que a esfinge é um modelo simbólico do homem. Geralmente, composta por três animais, o touro, a águia e o leão, sendo que variações ou adições são comuns, como a inclusão da serpente. Ele relacionou cada um dos animais a um aspecto humano. O touro com o aspecto instintivo-sexual. O leão com o aspecto sentimental e a águia com a mente. Como quarto símbolo, temos o homem ou o anjo, representando o aspecto integrador dos animais, ou, aquele a quem os animais se referem.

No Egito, a esfinge se chamava *Seshey*, o que significa poder de iluminar. Outro nome da esfinge era *Hor em akhet* que significa Horus no horizonte.³⁹⁸ Weil também encontrou o símbolo da esfinge na tradição judaico cristã, querubim vem da palavra *kerub* e sua origem pode ser *karub* que significa rezar ou *krub*, cada uma das letras sendo a primeira letra de um dos animais da esfinge. Pierre Weil também encontrou relações entre o nome de Deus, Jeová ou *JHVH*, e os animais da esfinge.³⁹⁹

Weil relaciona os animais da esfinge com a teoria evolutiva desenvolvida por Ouspensky e Gurdjeff. Segundo a análise deles, o homem atual está inconsciente ou adormecido, preso a um dos três primeiros estágios. Para evoluirmos temos que acordar, isto é, tomar consciência de nós mesmos, o que significa dominar nossos animais.⁴⁰⁰

1º Estágio: Dominado pelos instintos e pelos impulsos motores. É o homem físico. Representado pelo Touro

2º Estágio: Homem emocional. Tal como o Leão, símbolo desse centro, este homem percebe a si como um “rei”. Ele quer ser cuidado, o importante para ele é sentir. Entregue as paixões e os sentimentos intensos.

³⁹⁵ Ibid, p. 69

³⁹⁶ Ibid, p. 69

³⁹⁷ WEIL, Pierre. **Esfinge: estrutura e símbolo do homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

³⁹⁸ Ibid, p. 32

³⁹⁹ Ibid, p. 78

⁴⁰⁰ Ibid, p. 115, 116 e 117

3º Estágio: Homem intelectual, dominado pelos seus pensamentos. Ele é frio e calculista. Simbolizado pela águia.

4º Estágio: Tomou consciência de si mesmo e tem noção da existência de uma *unidade*, de uma consciência e de um eu permanente. Já possui um desejo permanente de se desenvolver.

5º Estágio: É o homem que chegou a ter ao mesmo tempo a *unidade* e a *consciência* de si mesmo. Nesse estágio, ele desperta um centro superior de consciência.

6º Estágio: É o homem que adquiriu uma *consciência objetiva* que seria dirigida por um outro centro que lhe permite um domínio, ainda não permanente, sobre todas as suas funções psicossomáticas. Possui novos poderes fora do entendimento do homem comum.

7º Estágio: Possuiria consciência e domínio permanentes, teria uma vontade livre.

Os hindus classificam cada indivíduo pela importância que este dá a cada um dos aspectos da vida. Segundo eles, existem quatro sentidos da vida, o que resulta em quatro classificações para o homem.⁴⁰¹

1. *Kama*: Prazer, sexo, realização de si no plano sensual.
2. *Artha*: Realização de si no plano social, no plano da ação.
3. *Dharma*: Dever, virtude, busca da perfeição do nosso ser.
4. *Moksha*: Libertação total das cadeias da existência. Realização do eu.

De forma camuflada, encontramos semelhante classificação dos homens no mito grego “o julgamento de Paris”. Num banquete dado no Olimpo, todos os deuses foram convidados, menos a deusa da discórdia, Eris. Esta, por vingança, jogou uma maçã dourada com a inscrição “para a mais bela”. Imediatamente iniciou um furor, qual seria a dona da maçã? Hera, Afrodite e Atenas, as deusas mais importantes e poderosas, emergiram da turba como “donas legítimas” da maçã. Zeus foi apontado para ser o juiz da disputa, no entanto, este recusou e escolheu Paris como árbitro. Antes de escolher qual deusa era a mais bela, cada uma delas aparece para Paris e oferece uma dádiva, entre elas, sabedoria, riqueza, força, terras, poder, mas Paris escolhe a mortal mais bela, oferta de Afrodite, agora, escolhida a deusa mais bela. Tal escolha provoca a fúria de Hera e Atenas, que mais tarde, terá consequências trágicas para Paris. A mortal escolhida foi Helena de Tróia, o que desencadeou a guerra de Tróia, evento em que até

⁴⁰¹ Ibid, p. 117

os deuses se envolveram. Não seria o *juízo de Paris* uma alusão a algo semelhante à classificação hindu, entre todas as riquezas do mundo, qual é aquela que você busca, isto é, julga como a mais bela?

Os homens têm a capacidade de modificar o seu ambiente e a natureza. Além de se dirigirem para fora, as ações do homem também se voltam para dentro. O homem é capaz de modificar a si mesmo, de buscar seu desenvolvimento interno e tornar-se uma pessoa melhor. Esta é a meta constante de qualquer sistema religioso ou filosófico. Nos sistemas religiosos, essa busca envolve o desenvolvimento de um elo entre o homem e o sagrado. “Praticamente todas as escolas esotéricas, através desta libertação ou desenvolvimento do homem propriamente dito, têm como objetivo também conseguir estados privilegiados de iluminação e êxtase místico.”⁴⁰² Essa busca sempre passa pelo controle dos vícios, do sexo e da alimentação, o que nos remete aos trabalhos de Durkheim e Eliade sob a dicotomia entre o Sagrado e o Profano.

A esfinge é um modelo do homem, assim, o homem ainda preso aos vícios e autômato, é representado pelos animais descontrolados. O cavaleiro é aquele que domou o seu cavalo, isto é, controlou seus animais internos. No sistema de Ouspensky e Gurdjeff corresponde ao quarto nível evolucionário. A jornada de Perceval ou o conto do Graal é a narração da evolução do homem, do estágio mais bruto e grosseiro até se tornar rei do Graal, culminância da evolução humana.

“Sobre uma almofada de *achmardi* verde ela trazia a quintessência da perfeição paradisíaca, **princípio e fim de toda a aspiração humana**. Esse objeto, o Graal, era superior a qualquer ideal terreno.”⁴⁰³ O Graal é o princípio e fim, culminância dos ideais terrenos, observemos as similitudes com esta passagem do Apocalipse de João. “Eu sou o Alfa e Ômega⁴⁰⁴, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que vem, o Dominador.” Apocalipse 1:8.⁴⁰⁵ As descrições do Graal e de Deus são similares, no entanto, percebo que o Graal representa a libertação do homem da animalidade, enquanto que a descrição de Deus feita por João é de “Dominador”. É possível que João estivesse se referindo ao Demiurgo, ao “Deus criador da matéria”. Se tal é o caso, podemos transpor a mesma analogia ao Graal, sendo assim, este têm o domínio sobre a matéria. A matéria está

⁴⁰² Ibid, p. 124

⁴⁰³ ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006, p. 165. Obs. O negrito é meu

⁴⁰⁴ Alfa e Ômega, a primeira e última letra do alfabeto grego. Indica que Deus é o **princípio e o fim**.

⁴⁰⁵ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1556

contida pelo Universo. Nosso Universo possui quatro dimensões (três espaciais e uma temporal). A noção de tempo e espaço e os sentidos atribuídos a estes são criações da função imagética. Ela organiza e estrutura o tempo e o espaço, assim, é a imaginação que domina o Universo e, conseqüentemente, a matéria.

Durand define a capacidade imagética como “*intelecto agente*, retriz⁴⁰⁶ do saber da espécie humana inteira, princípio de universalidade e de vocação transcendental.”⁴⁰⁷ *Pela função fantástica a humanidade surgiu, por esta função a humanidade se mantém. “toda cultura inculcada pela educação é um conjunto de estruturas fantásticas.”*⁴⁰⁸ Ela define as organizações sociais, estrutura, modo de vida, metas e objetivos, isto é, também orienta o futuro da civilização humana. A função fantástica é análoga a “Aquele que é, que era e que vem”.

O Graal representa o aspecto transcendente do homem e Perceval o guerreiro que conquistou o Graal. Ambos estão entrelaçados, assim como seus significados, dessa forma, para compreendermos o âmago do Graal temos que levar em consideração o próprio Perceval.

O Graal é símbolo de regeneração e libertação. Da mesma forma, o herói também é símbolo da libertação e regeneração da *terra devastada*. Se foi libertado é porque antes havia um estado de prisão, isto é, de *limitação*. Um limite é uma linha de demarcação, uma fronteira, um ponto até onde se pode chegar. O herói é aquele que cruzou “a linha”, ultrapassou os limites, foi além da região conhecida, embarcou “numa aventura”. “A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido.”⁴⁰⁹

O herói foi às regiões do desconhecido para lá encontrar a si mesmo, isto é, o herói conquistou a si mesmo. “O herói é o homem da submissão autoconquistada.”⁴¹⁰ Esta é a diferença entre o tirano e o herói, o primeiro, apenas consegue conquistar aos outros, mas não a si mesmo. “O exílio leva o herói a encontrar o Eu em tudo”⁴¹¹

Nessa busca de si, o herói tem que enfrentar diversos perigos externos que são reflexos dos medos internos. O maior dos medos é a morte. No conto do Graal, o nosso herói é um cavaleiro. Numa leitura literal, o cavaleiro domina a arte da equitação, no

⁴⁰⁶ *Retriz*. Cada uma das penas da cauda, que orientam o voo das aves.

⁴⁰⁷ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 398

⁴⁰⁸ *Ibid*, p. 397

⁴⁰⁹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 85

⁴¹⁰ *Ibid*, p. 26

⁴¹¹ *Ibid*, p. 371

entanto, numa leitura simbólica, ele é aquele que dominou o seu animal interno, isto é dominou os significados míticos representados pelo cavalo.

Em sua busca por compreender os símbolos animais, Gilbert Durand analisa o símbolo da esfinge com base na obra *Métarmorpheses e symboles de la libido* de Carl Gustav Jung. “Jung vê nas montadas do herói o símbolo dos instintos dominados”.⁴¹² Nesta obra, Jung afirma que o símbolo animal é a figura da libido sexual. Indistintamente, pássaro, peixe, serpente, bode, touro, carneiro, javali, burro e cavalo, todos são símbolos fálicos. Sendo a esfinge, a máxima desse caráter sexual dos animais. Para Jung, a esfinge é a condensação simbólica do desejo do incesto de Édipo. “A esfinge constitui o resumo de todos esses símbolos sexuais, ‘animal terrível, derivado da mãe’, e ligado ao destino incestuoso de Édipo[...] O animal em geral e a Esfinge em particular seriam ‘uma massa de libido incestuosa’”.⁴¹³ Com base nessa análise, o Cavaleiro é aquele que dominou sua sexualidade.

Durand descrê que a tese de Jung é “ao mesmo tempo demasiado vaga quanto à elaboração do material e demasiado precisa e limitada quanto à interpretação.”⁴¹⁴ A elaboração do material é vaga porque não levou em consideração as funcionalidades dos animais, isto é, o animal é suscetível de ser sobredeterminado por características particulares ligados a sua funcionalidade, prima-se por suas qualidades, que não se ligam diretamente a animalidade, tais como: a troca de pele da serpente com a qualidade de regeneração e a capacidade de voar com o pássaro.⁴¹⁵ Limitada por abranger apenas “uma observação clínica unicamente localizada na personalidade do europeu contemporâneo”.⁴¹⁶ Para Durand, a imaginação teriomórfica (que tem forma animal) está ligada a uma camada ontogenética⁴¹⁷ mais primitiva que o complexo de Édipo, e sobretudo a uma motivação mais universalizável.

Durand procurou as categorias motivantes dos símbolos, isto é, os regimes e as estruturas do Imaginário, nos comportamentos elementares do psiquismo humano. Da mesma forma, ele vai relacionar um comportamento elementar da psique humana aos significados simbólicos dos animais. Segundo ele, um desses comportamentos

⁴¹² DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 167

⁴¹³ Ibid, p. 72-73

⁴¹⁴ Ibid, p. 73

⁴¹⁵ Ibid, p. 71

⁴¹⁶ Ibid, p. 72

⁴¹⁷ *Ontogenia*, substantivo feminino. Desenvolvimento do indivíduo desde a fecundação até a maturidade para a reprodução; ontogênese. Fonte: Dicionário Aurélio, versão digital 5.0

elementares é a inquietação provocada pelo movimento rápido, presentes tanto em animais selvagens como em crianças pequenas. “As primeiras experiências dolorosas da infância são experiências de mudanças: o nascimento, as bruscas manipulações da parteira e depois da mãe e mais tarde o desmame.”⁴¹⁸ A mudança e o ruído são representações simbólicas do medo diante da fuga do tempo.⁴¹⁹ Assim, o cavalo, como os símbolos animais, no imaginário assume a sua funcionalidade, a cavalgada. Esta é a representação da fuga, do movimento brusco, da velocidade, da efervescência e de veículo violento. “O cavalo é isomorfo das trevas e do Inferno”.⁴²⁰

O simbolismo do cavalo está ligado aos grandes relógios naturais, o sol e a lua, portanto, “o cavalo é o símbolo do tempo”.⁴²¹ O cavalo aquático também se reduz igualmente ao cavalo infernal. Não só porque o mesmo esquema do movimento é sugerido pela água corrente, as vagas alterosas e o rápido corcel, mas porque o cavalo é associado à água por causa do caráter terrificante e infernal do abismo aquático.⁴²² Como último simbolismo do cavalo tem o trovão. “É, portanto, sob o aspecto de um cavalo ruidoso e espantadiço que o folclore, como mito, imagina o trovão”.⁴²³ Campbell também associa o relâmpago a espada. “A espada é a contraparte do relâmpago”⁴²⁴

Em todas as constelações o cavalo assume uma representação da morte, assim no imaginário, o cavaleiro é aquele que dominou a própria morte, ou aquele que cavalga a morte, ou ainda, aquele que traz a morte. “O cavalo pérfido, espantadiço, transformando-se numa montaria domada e dócil, atrelada ao carro do vitorioso. É que diante do vencedor como diante do tempo só há uma única atitude possível”⁴²⁵, escolher resistir e retardar os malefícios que o invasor ou o tempo provocam no vencido, ou escolher colaborar. A primeira atitude origina o regime Diurno e a segunda atitude, o regime Noturno do Imaginário. “E a história, longe de ser um imperativo, não passa de uma intimação diante da qual a escolha e a liberdade são sempre possíveis”⁴²⁶

⁴¹⁸ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 74

⁴¹⁹ Ibid, p. 75

⁴²⁰ Ibid, p. 75

⁴²¹ Ibid, p. 78

⁴²² Ibid, p. 79

⁴²³ Ibid, p. 79

⁴²⁴ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997, p. 210

⁴²⁵ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 81

⁴²⁶ Ibid, p. 81

Para um cavaleiro medieval, como para qualquer outro guerreiro, a morte faz parte da rotina. A diferença entre um mercenário e um cavaleiro a serviço do Graal já havia sido definida por Bernardo de Clarvaux quando distinguiu o “homicídio sujeito a penalidades” e “homicídio em nome de Cristo”, os quais desculpa e exalta. Matar ou morrer não são importantes no mito do Graal, o essencial é a busca pela virtude.

No conto de Chrétien, a primeira proeza de Perceval foi ter vencido o Cavaleiro Vermelho, condição para ter se transformado num cavaleiro, assim, ele adquiriu além da montaria, as armas próprias desse guerreiro.

4.2.2 A espada

Toda aventura acaba se tornando uma jornada interior. Cada aventura encerra diversos perigos e, para enfrentar os desafios, o herói recebe armas mágicas. “A arma de que o herói se encontra munido é, ao mesmo tempo, símbolo de potência e de pureza. O combate se cerca mitologicamente de um caráter espiritual, ou mesmo intelectual, porque ‘as armas simbolizam a força de espiritualização e de sublimação’”.⁴²⁷

Do ocidente ao oriente encontramos guerreiros cuja arma principal era a espada. Assim, existem diversos mitos e lendas em torno desse objeto. “A espada é o arquétipo para o qual parece orientar-se a significação profunda de todas as armas e se ligam inextricavelmente num sobredeterminismo as motivações psicológicas e as intimações tecnológicas”. Antes de analisar seus símbolos, descrevo resumidamente seus componentes.

A espada do cavaleiro medieval é formada por uma lâmina comprida, metálica, reta, afiada e com gumes dos dois lados. Essa lâmina era fixada no cabo da espada, feito de madeira. Os principais componentes de uma espada são a lâmina, a guarda, o cabo e o pomo.

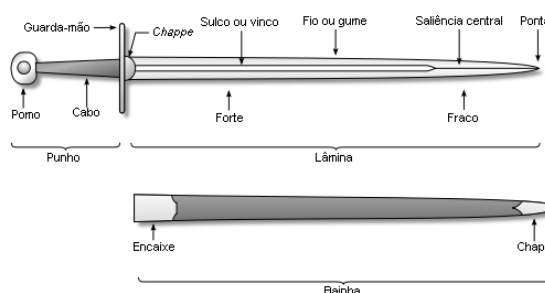


Figura 20

⁴²⁷ Ibid, p. 161

A lâmina é a extensão de aço que forma a espada. Uma lâmina típica possui seis áreas: Gume, ponta, faces da lâmina, vinco, ricasso e espiga. A guarda é uma peça de metal que impede a espada do oponente deslizar até o punho e cortar a sua mão. Além disso, o peso da guarda serve como contrapeso, favorecendo o controle e manipulação da espada. O cabo ou empunhadura, da espada é normalmente feito de couro ou madeira. Ele é preso à espiga da lâmina para proporcionar uma forma confortável de empunhar uma espada. O pomo, ou o copo da espada, fica na extremidade da espada onde está a empunhadura. De diâmetro maior do que a empunhadura, assim, impedindo que a espada escape da mão, além do que, serve como contrapeso da lâmina. Eles também podem ser usados como uma forma de fixar a empunhadura à espiga e eram às vezes forjados na mesma extensão de aço que a lâmina.⁴²⁸

As armas ofensivas são símbolos do herói solar do regime Diurno. A luz solar ao tornar claro realça as diferenças, de forma análoga, o herói solar rejeita o diferente e através do “choque impetuoso das armas” transforma os não-semelhantes em iguais, ou aniquila-os.

No regime Diurno temos os esquemas verbais de distinção como, por exemplo, separar, dividir, excluir. Tais verbos são funcionalidades da espada devido a sua natureza cortante. Nesse Regime, existe uma valorização do indivíduo e da figura masculina, rejeita-se a “feminilidade traidora”, assim seus símbolos como a noite, a lua, o sangue menstrual, o tempo, as águas e a própria mulher terão um caráter nefasto e vil.⁴²⁹

“Não permito à mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois

⁴²⁸ Gume ou fio - a parte afiada da lâmina. Ponta - extremidade da espada mais distante do punho. Faces da lâmina. Vinco ou sulco - freqüentemente chamado de baixo-relevo de sangue ou calha, o vinco é um baixo-relevo estreito que corre pela maior parte da extensão de muitas espadas. O vinco serve para diminuir o peso da lâmina sem diminuir a resistência. Ricasso ou *chappe* - encontrado em algumas espadas, o ricasso é a parte sem fio da lâmina, próxima à guarda. Era normalmente usada em espadas mais pesadas para permitir segurá-las com a outra mão, se necessário. Espiga - porção da lâmina coberta pelo punho. Uma espiga inteira é da mesma largura que o resto da lâmina e se estende para além do punho através do pomo. Uma espiga parcial não se estende totalmente pelo punho e normalmente não possui mais que a metade da largura da lâmina. A espessura e largura de uma espiga dentro do punho determinarão o manuseio da espada.

Fonte: ciencia.hsw.uol.com.br/fabricacao-de-espadas1.htm acessado em 10/12/2008

⁴²⁹ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 125.

Eva.” Timóteo 2:12-3.⁴³⁰ “E não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada de transgressão.” Timóteo 2:14.⁴³¹

Durand afirma que as armas cortantes ou pontiagudas são a antítese diáirética do sulco ou da ferida feminizada.⁴³² Nas constelações do tipo Diurno, o falo é representado como símbolo de potência e poder, assim, na imagética, esse simbolismo se manifesta nas armas.

Para Ramon Llull, a espada é símbolo da cruz, da justiça e do poder. “Ao cavaleiro é dada a espada, que é feita a semelhança da cruz, para significar que assim como nosso Senhor Jesus Cristo venceu na cruz a morte [...], assim o Cavaleiro deve vencer e destruir os inimigos da cruz com a espada”.⁴³³

A cerimônia de investidura do Cavaleiro é realizada pelo toque da espada de um Cavaleiro já cingido. Ramon Llull descreve a cerimônia nos seguintes termos: “O escudeiro diante do altar, deve ajoelhar-se e levantar seus olhos, corporais e espirituais, a Deus e suas mãos a Deus. E o cavaleiro deve cingir-lhe a espada, para significar castidade e justiça.”⁴³⁴

Para Durand, a cerimônia de investidura é um ritual de transmissão de poder e retidão moral. “Nobreza da espada ou da lança sublinhada por toda tradição medieval que fazia do gládio e da cerimônia de armar cavaleiro o símbolo de uma transmissão de potência e, simultaneamente, de retidão moral”.⁴³⁵

Os símbolos que gravitam em torno da ascensão ou da luz são sempre acompanhados de uma intenção de purificação. “A transcendência como a claridade, parece exigir sempre um esforço de distinção”.⁴³⁶ Todo ritual iniciático ou de purificação subte-se uma noção de distinção, que é a marca da estrutura Heróica. A própria palavra “puro” já significa: sem mistura, sem alteração, exclusivo, só, límpido. Purificar, por sua vez significa: limpar, isentar, livrar, depurar ou purgar.

⁴³⁰ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1518

⁴³¹ Ibid, p. 1518

⁴³² DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 160

⁴³³ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, p.77

⁴³⁴ Ibid, p. 73

⁴³⁵ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 168

⁴³⁶ Ibid, p. 170

Os dois protótipos cristãos do guerreiro são um arcanjo e um príncipe mítico, São Miguel e São Jorge, em nome dos quais serão armados os cavaleiros da Idade Média.⁴³⁷ São Miguel e São Jorge são derivações do deus combatente judaico-cristão. “Não só o prestígio do deus combatente contaminou a hagiografia católica, como também parece ter inspirado todas as instituições de cavalaria, todas as ‘sociedades de homens’ ou guerreiros”.⁴³⁸

Os Cavaleiros são reproduções do Deus Solar. Eles eram símbolo de justiça, luz, retidão moral, verticalidade e potência, tais palavras assumem, em diversas culturas, sentidos isomórficos.⁴³⁹ “Para muitos povos, o sol é considerado o olho de Deus[...] o disco solar ‘que vê tudo’[...] o olho solar é ao mesmo tempo o justiceiro”.⁴⁴⁰ Chrétien descreve os Cavaleiros armados com armaduras e escudos faiscantes, elmos claros e lanças reluzentes.⁴⁴¹



A espada, além de símbolo de transmissão de poder, assume em diversos mitos o simbolismo de passagem estreita e perigosa. No conto *Lancelote, o Cavaleiro da carreta* de Chrétien de Troyes a espada aparece na forma de ponte, permitindo a passagem pelo fosso perigoso do castelo.

Figura 21

Durand afirma que o gládio junto da taça é um resumo, um microcosmo da totalidade do cosmo simbólico.⁴⁴² “Porque se o gládio, ou a lança do legionário que trespassou o flanco de Cristo, é freqüentemente associado ao Graal não é, de maneira nenhuma, por razões lingüísticas e históricas, mas sim, como viu Guénon, por ‘complementaridade’ psicológica”.⁴⁴³ O gládio, com suas qualidades ofensivas, alude ao regime Diurno e a taça, ao regime Noturno. Esses dois regimes antagônicos são referenciados pelo mesmo símbolo, a armadura, dependendo a qual funcionalidade se sobressai dela.

⁴³⁷ Ibid, p. 162

⁴³⁸ Ibid, p. 163

⁴³⁹ Ibid, p. 157

⁴⁴⁰ Ibid, p. 153

⁴⁴¹ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 27

⁴⁴² DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 255.

⁴⁴³ Ibid, p. 255

4.2.3 A armadura

O poderoso Cavaleiro, alto em cima de sua montaria, empunhado bravamente sua espada alude ao regime Diurno, ainda assim, ele está sempre portando sua armadura e seu escudo, que tanto podem reforçar as características de *herói solar*, como podem aludir ao regime Noturno da Imagem.

Mas a ambivalência das coberturas protetoras, muralhas, couraças, muros, etc., presta-se à confusão de fontes arquetípicas: elas são, bem entendido, ‘separação’ da exterioridade, mas também provocam, como veremos mais tarde a propósito da casa, as fantasias da intimidade que pertencem a uma família arquetípica completamente diferente.⁴⁴⁴

“A *couraça, cerca fortificada*, marca uma intenção de separação, de promoção do descontínuo e é só a este título que podemos conservar essas imagens do fechamento sem as sobrepor aos simbolismos da intimidade.”⁴⁴⁵

Devido ao caráter ambíguo das funcionalidades da armadura, ora atuando como afastamento, ora como proteção, é necessário observar a qual dessas funções os escritores do mito do Graal, Chrétien e Wolfram, se referiam no desenrolar da estória. Para a compreensão da simbologia da armadura é indispensável verificar as principais fontes do mito: a Bíblia e a mitologia dita pagã. A profunda religiosidade do homem dos séculos XII e XIII transparece e norteia os romances cavaleirescos. Outras fontes igualmente importantes são as descrições de Bernardo de Clarvaux e Ramon Llull sobre a armadura do Cavaleiro.

Em seus respectivos contos do mito do Graal, tanto Chrétien quanto Wolfram descrevem Perceval com uma armadura muito peculiar, era toda vermelha, o que lhe rendeu a alcunha de *O Cavaleiro Vermelho*. Fazendo um paralelo com a Bíblia, durante a Paixão, Jesus aparece portando vestes vermelhas. “E os soldados, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram sobre a cabeça, e lhe vestiram roupa de púrpura” João 19:2.⁴⁴⁶ “Saiu, pois, Jesus fora, levando a coroa de espinhos e roupa púrpura. E disse-lhes

⁴⁴⁴ Ibid, p. 168-169.

⁴⁴⁵ Ibid, p. 169.

⁴⁴⁶ Bíblia Online

www.biblionline.com.br acessado em 16/12/2008

Pilatos: Eis aqui o homem” João 19:5.⁴⁴⁷ “E, despiando-o, o cobriram com uma capa escarlate” Mateus 27:28.⁴⁴⁸ O manto do Cristo nas iluminuras é vermelho, em referência às passagens bíblicas citadas. Pelo mesmo motivo, as vestes dos cardeais e do papa são vermelhas ou púrpuras. O vermelho corresponde à realeza iniciática, a cor real⁴⁴⁹ e a cor da fé.⁴⁵⁰ Em contrapartida, o manto branco é sempre símbolo da pureza. No simbolismo da Paixão de Cristo tanto a capa como o manto podem assumir o significado da armadura, isto é, o de investidura.

No Apocalipse, a Palavra de Deus se veste de vermelho. “E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus.” Apocalipse 19:13.

Para Évola, o Cavaleiro Vermelho evoca o tipo do herói apto a alcançar o graal.⁴⁵¹ Quando Perceval matou o primeiro Cavaleiro Vermelho que aparece no romance, ele tornou-se o próprio Cavaleiro Vermelho, apoderando-se de sua armadura e espada, indicando que houve uma transmissão de poder através da prova das armas.⁴⁵²

Nas culturas pré-cristãs a túnica vermelha era usada pelas *hierodulai*, que significa “mulheres sagradas”, plural de *hierodule*. Suas túnicas eram vermelhas e representavam a *ritu* (verdade), que originou a palavra “ritual”.⁴⁵³ A Virgem Maria foi freqüentemente retratada usando vermelho. Entretanto, o conceito das *mulheres de capa vermelha*, ocupando alto posto, enfurecia a hierarquia do Vaticano que, apesar da veneração à Mãe de Jesus, determinou que ela não seria dignificada com o privilégio de portar o manto vermelho ou escarlate, prerrogativa dos sacerdotes. Em 1649, a Igreja emitiu um decreto determinando que todas as imagens da Mãe de Jesus deveriam mostrá-la portando apenas as cores azul e branco.⁴⁵⁴ Por meio de uma distorção lingüística a palavra *hierodule* foi traduzida para “meretriz” e o vermelho ficou diretamente associado com a prostituição. *Hierodule* está na raiz da palavra *Hieros Gamos*, ritual do matrimônio sagrado entre os babilônicos, porém, o conceito de *Hieros Gamos* passou para a Bíblia como “A prostituta da Babilônia” no livro do Apocalipse

⁴⁴⁷ Ibid, acessado em 16/12/2008.

⁴⁴⁸ Ibid, acessado em 16/12/2008.

⁴⁴⁹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 255.

⁴⁵⁰ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 122.

⁴⁵¹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 167.

⁴⁵² Ibid, p.168.

⁴⁵³ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 146.

⁴⁵⁴ STARBIRD, Margaret. **A mulher do vaso de alabastro**. RJ: Sextante, 2004, p. 123.

17:5.⁴⁵⁵ “Na sua frente estava escrito um nome simbólico: Babilônia, a Grande, a mãe da prostituição e das abominações da terra.”.⁴⁵⁶

Ema Jung, afirma que:

O sangue simboliza a alma, mas também pode simbolizar o sofrimento[...] as cores vermelha e branca, as cores clássicas da alquimia e que aludem aos princípios masculino e feminino a serem unidos. O par clássico da alquimia são o “homem vermelho ou escravo” (*servus rubeus*) e a “mulher branca” (*mulier candida*) e não é por acaso que Perceval é o Cavaleiro vermelho e a sua amada é Blanchefleur.⁴⁵⁷

Em toda iconografia o coração e o Amor são sempre vermelhos. O vermelho é a cor do sangue, nosso fluído vital. O vermelho também significa ferida e sofrimento. O sangue que escorre da menstruação representa a passagem do tempo, a água negra.

Esta água negra é sempre, no fim de contas, o sangue, o mistério do sangue que corre nas veias ou que se escapa com a vida pela ferida, cujo aspecto menstrual vem ainda sobredeterminar a valorização temporal. O sangue é temível porque é senhor da vida e da morte e porque na sua feminilidade é o primeiro relógio humano.⁴⁵⁸

O temor pelo sangue leva o Judeu tradicional a só comer *Kasher*. A comida que não estiver de acordo com a lei judaica é chamada de *Treyf*, cujo sentido literal é “rasgado”, c se refere à carne de qualquer animal que tenha morrido por qualquer meio que não o sacrifício ritual. Para ser *Kashrut* o animal deve ter sido abatido de acordo com cuidados ritualísticos e o alimento preparado com sua carne deve estar isento de qualquer vestígio do seu sangue. A carne é lavada inúmeras vezes antes de ser cozida.

Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; porquanto é o sangue que fará expiação pela alma[...] Porquanto a vida de toda a carne é o seu sangue; por isso tenho dito aos filhos de Israel: Não comereis o sangue de nenhuma carne, porque a vida de toda a carne é o seu sangue; qualquer que o comer será extirpado. Levítico 17:11-14.

Pela cor vermelha, Perceval está relacionado com o Cristo, ambos têm como missão regenerar a Terra devastada. Segundo Évola, as qualidades viris, embora integradas, são canalizadas em relação a uma missão precisa. Ao herói admitido no castelo do Graal cabe curar, reafirmar ou assumir o reino. Se ele fica indiferente perante o problema, mudo diante do rei ferido, demonstra sua falta de compaixão, o que resulta em maldição. Aos iniciados do Graal cabe uma missão supra-pessoal, que é a verdadeira

⁴⁵⁵ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 146.

⁴⁵⁶ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1571.

⁴⁵⁷ JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995, p. 136.

⁴⁵⁸ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 111

medida de sua qualificação. Conhecer o Graal e, contudo, não perguntar para que serve é uma prova de insuficiência do herói, ainda adormecido.⁴⁵⁹

O par alquímico vermelho-branco se entrelaçam também na obra *La mort d'Arthur*, de Malory, o conto começa com Galahad herdando um escudo sobrenatural. Ele se encontra com o misterioso Cavaleiro Branco que lhe explica que “a força do enigmático escudo branco estava em sua cruz vermelha”.⁴⁶⁰

No *Perlesvaus*⁴⁶¹, romance do século XIII, Perceval leva uma cruz vermelha em seu escudo. Ele encontra 33 homens em vestes brancas, cada um portando uma cruz pátea vermelha no peito. Os Templários se vestiam de branco e portavam um manto branco com a cruz vermelha,⁴⁶² indicando o entrelaçamento entre as cavalaria mítica e histórica.

Bernardo de Clarvaux descreve que o Cavaleiro Templário possui duas armaduras, a da fé e a de metal. Duplamente protegido, não tem medo nem de demônios nem de homens.⁴⁶³

Ramon Llull define a armadura do cavaleiro como:

Cota de malha significa castelo e muro contra vícios e faltas; porque assim como castelo e muro estão protegidos em volta para que homem não possa entrar, assim cota de malha é fechada e tampada por todas as partes para que dê significado à nobre coragem de cavaleiro a fim de que não possa entrar nele traição, nem orgulho, nem deslealdade, nem nenhum outro vício.⁴⁶⁴

São Paulo faz uma descrição importante da “armadura do cristão” na Epístola aos Efésios.

Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do demônio. Pois não é contra o homem de carne e sangue que temos que lutar, mas contra os principados e potestades, contra os príncipes deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal (espalhadas) nos ares. Tomai portanto a armadura de Deus, para que possais resistir nos dias maus e manter-vos inabaláveis o cumprimento de vosso dever. Fique alerta, à cintura cingidos com a verdade, o corpo vestido com a couraça da justiça, e os pés calçados de prontidão para anunciar o Evangelho da paz. Sobretudo, abraços o escudo da fé, com que possas apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Toma, enfim, o capacete da salvação e a espada do Espírito, isto é, a palavra de Deus. Efésios 6:11-17.⁴⁶⁵

⁴⁵⁹ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 158.

⁴⁶⁰ GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005, p. 141-143.

⁴⁶¹ ANÔNIMO. **Perlesvaus**. Madrid: Ediciones Siruela, 1986.

⁴⁶² Ibid, p. 214.

⁴⁶³ LIBER AD MILITAE TEMPLI: DE LAUDE NOVAE MILITAE. São Bernardo de Clarvaux. Tradução de Conrad Greenia, 1977. Fonte: ORB Online Encyclopedia.

historymedren.miningci.com/msubktem.htm

⁴⁶⁴ LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000, p. 79.

⁴⁶⁵ Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999, p. 1502-1503.

As descrições de armadura de Bernardo de Clarvaux, Ramon Llull e São Paulo constelam no regime Diurno. São armaduras com fins de separar, apartar o outro. Como exemplos bíblicos da armadura de proteção do regime Noturno existem as seguintes passagens:

“O meu escudo é de Deus, que salva os retos de coração” Salmos 7:10.⁴⁶⁶

“Deus é o meu rochedo, nele confiarei; o meu escudo, e a força da minha salvação, o meu alto retiro, e o meu refúgio. O meu Salvador, da violência me salvás” 2 Samuel 22:3.⁴⁶⁷

“O caminho de Deus é perfeito, e a palavra do SENHOR refinada; e é o escudo de todos os que nele confiam” 2 Samuel 22:31.⁴⁶⁸

“O SENHOR é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza, em quem confio; o meu escudo, a força da minha salvação, e o meu alto refúgio” Salmos 18:2.⁴⁶⁹

“Depois destas coisas veio a palavra do SENHOR a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão” Gênesis 15:1.⁴⁷⁰

“Toda a Palavra de Deus é pura; escudo é para os que confiam nele” Provérbios 30:5.⁴⁷¹

Por fim, existe um isomorfismo que liga a armadura, ao ventre materno, ao túmulo, a cavidade em geral e a morada fechada.⁴⁷² A armadura é um objeto côncavo próprio para conter o ser humano, no imaginário, a armadura pode assumir a função de vaso.

O vaso situa-se a meio caminho entre as imagens do ventre digestivo ou sexual e as do líquido nutritivo, do elixir da vida e de juventude. Pouco importa que o recipiente seja de cavidade profunda, caldeirão, tacho ou tigela, ou de cavidade pequena, cuveta, gamela, taça ou colher. Porque pelo jogo confuso do sentido passivo e do sentido ativo o interesse arquetípico desliza pouco a pouco do continente para o conteúdo.⁴⁷³

⁴⁶⁶ Bíblia Online

www.bibliaonline.com.br acessado em 18/09/2008.

⁴⁶⁷ Ibid, acessado em 18/09/2008.

⁴⁶⁸ Ibid, acessado em 18/09/2008.

⁴⁶⁹ Ibid, acessado em 18/09/2008.

⁴⁷⁰ Ibid, acessado em 18/09/2008.

⁴⁷¹ Ibid, acessado em 18/09/2008.

⁴⁷² DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 242.

⁴⁷³ Ibid, p. 256.

Por fim, ressalto que O Cavaleiro vermelho é uma das facetas do *herói de mil faces* de Campbell, aquele que tem a missão de despertar o amor nas pessoas ainda adormecidas. Segundo Évola, é o Amor que acorda “o espírito que dorme”, ou seja, que provoca o despertar iniciático. Os primeiros e mais ilustres Fiéis do Amor foram os cavaleiros do Rei Arthur e do Graal.⁴⁷⁴

⁴⁷⁴ EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978, p. 204-205.



Figura 22

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando Durand, “um trabalho de pesquisa nunca está concluído”.⁴⁷⁵ Não terminarei esse trabalho com conclusões, mas com considerações finais. O “fim” não é sinônimo de término. O fim de uma obra é seu “ápice”, onde o assassino é revelado, o cavaleiro finalmente liberta sua princesa do cárcere da torre e, principalmente, um dos véus sagrados de Isis é desvelado. Para o vértice dessa dissertação deixei a questão que rodeia toda a jornada de Perceval a da “pergunta postergada”.

A essência do mistério do Graal não é a “pergunta” em si, mas o “por que” ela não foi feita. Segundo Chrétien, Perceval não fez a pergunta por ter sido incapaz de sentir o sofrimento que causou à sua própria mãe.

Irmão, o que te prejudicou é um pecado que ignoras. É a dor que fizeste a tua mãe no momento em que a deixaste[...] Por esse pecado que fizeste é que nada perguntaste da lança nem do Graal. Aconteceram-te muitas desventuras e terias sido aniquilado se ela não tivesse rogado por ti. Mas sua prece teve tal força que por ela Deus te guardou da prisão e da morte[...] Tua razão não despertou, e por tua loucura não pudeste saber quem faz uso do Graal.⁴⁷⁶

Perceval não fez a “pergunta” que retornaria a saúde do Rei Pescador porque não se compadeceu com o sofrimento dele. Também não teve piedade por sua mãe. A falta de “compaixão” é o “pecado ignorado”. Quem não tem, nunca percebe sua falta, por maior que seja sua atrocidade.

Compaixão só existe “com paixão”. “Sem paixão”, pode se ter tudo, mas não se tem nada. É necessário “Amar”. É sempre com cautela que falo de “amor”, pois em nossa sociedade contemporânea, “amor” virou sinônimo de “sexo” e perdemos o sentido da compaixão. Esses dois conceitos não são intercambiáveis.

Os trovadores cantaram em verso e prosa o *amor cortês*, cuja simbologia podia se referir aos prazeres mundanos, assim como a busca de si-mesmo, entretanto, Campbell afirma que o *amor cortês* não era da ordem da luxúria, mas do transcendente. A beleza cantada nas poesias se refere à beleza da alma, ao aspecto transcendente do amor.⁴⁷⁷ Campbell cita Guiraut de Borneilh, um trovador do século XII:

Assim pelos olhos, o amor atinge o coração:
Pois os olhos são os espiões do coração.

⁴⁷⁵ DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p.115.

⁴⁷⁶ TROYES, Chrétien. **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992, p. 111.

⁴⁷⁷ CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003, p. 195.

E vão investigando
O que agradaria a este possuir.
E quando entram em pleno acordo
E, firmes, os três em um só se harmonizam,
Nesse instante nasce o amor perfeito, nasce
Daquilo que os olhos tornaram bem-vindo ao coração[...]
Pois como sabem todos os amantes
Verdadeiros, o amor é bondade perfeita.⁴⁷⁸

Pode-se ter amor sem sexo, como, sexo sem amor. O *amor platônico* sugere que o “Amor” deve permanecer puro sem ser maculá-lo pela sexualidade. Eu não sei se Platão está correto, ou mesmo se ele disse exatamente isso, mas percebo que em nossa sociedade contemporânea ao atrelar o significado de “amor” ao “sexo”, perdemos o sentido do primeiro.

Pierre Weil afirma que o amor só existe quando: não há medo na relação, não há nenhum artifício para prender o amado ou amada, não há uma relação de domínio\dominado, respeitam-se as diferenças e são livres para expressá-las.⁴⁷⁹

É necessário extrapolar o sentido de “Amor”, não apenas para as relações amorosas, mas estendê-lo para uma visão mais ampla, poderíamos dizer um “amor cristico”. O “Amor” é um sentimento que une, assim, ele mesmo não pode ser algo fracionado, amor do casal, amor de filho, amor de pai, amor fraterno, amor de amigo, amor pela humanidade, todos são o mesmo sentimento, não há divisões, como também não há formas corretas de amar. O que mais se aproxima da idéia da plenitude desse amor é a compaixão.

Ter compaixão significa se sensibilizar com outro, mais que apenas com o sofrimento, mas ser capaz de sentir o que o outro está sentindo, o que requer antes de tudo, ser competente o suficiente para perceber os seus próprios sentimentos. Como uma sociedade materialista e cartesiana vai perceber a importância de desenvolver uma “inteligência emocional”?

Não há para o homem honra verdadeira que não seja a dos poetas. Por isso, nós que acabamos de dar um lugar tão belo à imaginação pedimos modestamente que se saiba dar lugar à cigarra ao lado do frágil triunfo da formiga. Porque a verdadeira liberdade da vocação ontológica das pessoas repousa precisamente nesta espontaneidade espiritual e nesta expressão criadora que constitui o campo do imaginário. Ela é a tolerância de todos os regimes do espírito, sabendo bem que o feixe desses regimes não é um excesso para essa honra poética do homem que consiste em opor-se ao nada do tempo e da morte. É-

⁴⁷⁸ Ibid, p. 195. Guiraut de Borneilh (por volta de 1138-1200?).

⁴⁷⁹ WEIL, Pierre. **Amar e ser amado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1965.

nos assim evidente que uma pedagogia da imaginação se impõe ao lado da cultura física e do raciocínio.⁴⁸⁰

Os sentimentos e as idéias são capazes de vencer as limitações das leis físicas, entre elas, a de que dois corpos não ocupam o mesmo espaço. Os sentimentos e as idéias atravessam o Tempo, o Espaço e a própria Matéria. Todavia, para exercer a compaixão é necessário estabelecer o “limite”. Um abraço muito apertado sufoca. O outro não é uma extensão de si mesmo, assim como é diferente e livre para sê-lo. Ainda que aparente ser uma constatação óbvia como $1+1=2$, não é. As relações humanas não são cartesianas. O “limite” do que se pode numa relação está sempre fluindo, então é necessário um esforço para perceber o outro.

Quando Perceval iniciou sua jornada era incapaz de ter compaixão. Durante sua jornada ele sofreu, foi humilhado e até amaldiçoado. Tudo isso foi necessário para que ele aprendesse o verdadeiro “amor”, pois só aquele que foi injustiçado sabe o valor da justiça, só aquele que sofreu pode ser condolente, só aquele que foi humilhado sabe o valor que têm os sentimentos das pessoas (o *pretz* dos Cátaros) e só aquele que perdeu sua amada sabe quão sublime é o “amor”. Em sua Jornada, tudo que Perceval dispõe são sua armadura, sua espada e seu cavalo, as únicas coisas que ele precisava para encontrar a si mesmo.

A façanha do herói é um constante abalar das cristalizações do momento [...] A partida original para a terra das provas representa o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iniciação[...] A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competências e coragem verão o perigo desaparecer.⁴⁸¹

O mito do Graal descreve o processo de individuação de Perceval e segundo Durand, a produção de imagens é necessária à individuação e são os grandes mitos que veiculam estas imagens, que revestem o arquétipo da sua vestimenta coletiva. Ele afirma ainda que “uma sociedade não tem “pulsões” e, tal como os anjos, uma sociedade não tem sexo, e é apenas o imaginário que a reveste de uma roupa ou de uma armadura.”⁴⁸² Toda individuação consiste na harmonização dos contrários

⁴⁸⁰ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 431.

⁴⁸¹ CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997.

⁴⁸² DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996, p. 135.

manifestados por epifanias imaginárias. A produção de imagens mentais é um indício de normalidade, ela é necessária à individuação.⁴⁸³

Jung entende a individuação como um processo que resgata a totalidade do indivíduo, isto é, integra-o numa unidade autônoma e indivisível, numa totalidade. Após o início das atividades do grupo Eranos, Jung passa a comparar o processo de individuação com a busca de aperfeiçoamento espiritual igualmente proposto por certas religiões. Sua pesquisa não se detém ao Cristianismo, mas abrange o Budismo Tibetano, a Yoga e a Alquimia. Esta última, através de uma pretensa intenção de transformar em ouro metais menos nobres, metaforicamente trata da evolução do ego para a realização do si-mesmo. Portanto, não é de estranhar que os participantes do grupo de Eranos tivessem desenvolvido teorias semelhantes sobre o processo de individuação, inclusive correlacionando-o com os mitos. Este é o caso de Durand, Campbell, Eliade, Corbin e outros.⁴⁸⁴

A literatura sobre o Graal é explícita ao tratar do processo de individuação do herói, mas é ambígua quanto ao significado do Graal. Embora este assuma diversas representações nas diferentes versões do mito, tais como: um prato, um cálice, uma pedra, uma jóia, uma caixa de jóias e uma vinha, trabalhei com a hipótese de que o Graal não é um objeto físico, mas simboliza o aspecto imaterial do ser humano. Ainda que não seja mencionada, a virtude perpassa todo o romance. O Graal é a meta, a virtude é o caminho, a compaixão é o despertar do sono, esta é a trajetória do mito.

Todos os perigos, obstáculos e personagens que Perceval encontra em sua jornada, de algum modo, contribuíram para o despertar da compaixão, mas não basta se sensibilizar com o próximo, é preciso trilhar o *caminho do guerreiro*, seguir os ditos do coração, o caminho da virtude, a busca pelo Graal.

Perceber o outro é uma tarefa árdua, pois envolve uma relação bi-polar. Neste processo de comunicação há muito ruído, pois, aparentemente clara, na maioria das vezes, a comunicação é imprecisa, ambígua e incompleta. Para melhorar a comunicação é preciso estar atento ao que o outro está dizendo, observar com muito cuidado, analisar as palavras e, posteriormente, refletir sobre elas para notar seus diversos sentidos que passaram despercebidos. Refletir, observar a si mesmo e ao outro, requer um momento de silêncio, pouco valorizado numa sociedade cada vez mais rápida e individualista, em

⁴⁸³ Ibid, p. 134.

⁴⁸⁴ JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes.

que as pessoas estão tão ocupadas em perseguir sua própria “felicidade”. Este individualismo que caracteriza o ser humano e a sociedade contemporânea também se alastrou para a ciência.

A atual ciência ocidental com sua progressiva especialização reduziu o campo de percepção humana, a Teoria do Imaginário proposta por Gilbert Durand, vem com uma proposta de expandir, libertar o homem ocidental da gaiola que ele mesmo criou.

Durand afirma que:

Do mesmo modo que a física contemporânea havia se apercebido que os seus modelos conceituais se aparentavam aos modelos filosóficos orientais, também nós afirmamos publicamente o mesmo em relação ao modelo antropológico, o que desagradou sobremaneira nossos doutos universitários. Há quinze séculos, o Ocidente dominou os povos tecnologicamente subdesenvolvidos, a Natureza e todo planeta. Mas quem não vê que este domínio está em vias de diluição. Será que o homem europeu, o homem ocidental, existirá para além do século XXI? Apressemos-nos que se faz tarde!⁴⁸⁵

Gostaria de terminar com as palavras dos poetas Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão, immortalizadas na voz de Milton Nascimento. Essa canção sintetiza o mito do Graal e a jornada do herói em busca de Si-mesmo: “Eu, caçador de mim”.

Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim

⁴⁸⁵ DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002, p. 168.

BIBLIOGRAFIA

ANÔNIMO. **Perlesvaus**. Madrid: Ediciones Siruela, 1986.

ANÔNIMO. **A morte do Rei Artur: Romance do Século XIII**. Tradução de Heitor Megale. SP: Martins Fontes, 1992.

ANÔNIMO. **A demanda do Santo Graal**. Tradução de Heitor Megale. SP: Cia das Letras, 2008.

ANÔNIMO. **The Quest of the Holy Grail**. Tradução de P. M. Matarasso. Londres: Penguin Books, 1969.

ATIENZA, J.G.: **Nuestra Señora de Lucifer: Los misterios del culto a la Madre de Dios**. Ed. Martínez Roca S.A. Barcelona, 1991.

BAIGENT, Michael, Richard Leigh e Henry Lincoln.. **O Santo Graal e a Linhagem Sagrada**. RJ: Nova Fronteira, 1993.

BAUER, Martin. **Os Templários: mito e realidade**. 2ª edição. SP: PHL, 2007.

BONI, Luiz Alberto de. **De Abelardo a Lutero: estudos sobre a filosofia prática na Idade Média**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

BOULENGER, Jacques. **Le Saint Graal: La mort D'Artus**. Paris: Plon, 1923.

CAETANO, Bispo Edmilson Amador. "Ordie Cisterciense – Nono Centenario dalla Fondazione, 1098-1998". www.abadia.org.br/ordem4.htm

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10ª edição. SP: Cultrix/Pensamento, 1997.
-----, **Para viver os mitos**. SP: Cultrix, 2007.
-----, **Tu és isso**. 1 edição. SP: Madras, 2003.

CAMPBELL, Joseph, Bill Moyers. **O poder do mito**. 21ª edição. SP: Palas Athena, 2003.

CELAYA, Fernando D. **Os Templários**. SP: Angra, 2001

DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2002.
-----, **Campos do Imaginário**. Lisboa: Editora Piaget, 1996.
-----, **L'imagination symbolique**. 3ª edição. França: Presses Universitaires de France, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. 3ª edição. SP: Martins Fontes, 2003.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCHENBACH, Wolfram Von. **Parsifal**. 3ª edição. SP: Antroposófica, 2006.

EVOLA, Julius. **O mistério do Graal**. Lisboa: Vega, 1978.

FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. SP: Madras, 2005

FOUCHER, Jean-Pierre. **Romances da Távola Redonda: Chrétien Troyes**. 2ª edição. SP: Martins Fontes, 1998

GARDNER, Laurence. **A linhagem do Santo Graal**. SP: Madras, 2004
----- **O legado de Madalena**. SP: Madras, 2005.

J Fauvel and R J Wilson. **The Lull before the storm : Combinatorics and religion in the Renaissance**, *Bulletin of the ICA* 11 (1994), p. 49-58.
Escola de Matemática e Ciências de St Andrews, Escócia.
www-history.mcs.st-andrews.ac.uk/Biographies/Llull.html

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes.

JUNG, Emma e Marie Louise Von Franz. **A Lenda do Graal**. 9ª edição. SP: Cultrix, 1995.

LECLERCQ, Jean. **Saint Bernard et l'esprit Cistercien**. Paris: Seuil, 1966.

LLULL, Ramon. **O Livro da Ordem de Cavalaria** Tradução de Ricardo da Costa. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. SP: Giordano, 2000.

LOUÇÃO, Paulo Alexandre. **Os Templários na formação de Portugal**. 5ª edição. Lisboa: Ésquilo, 2001.

MALORY, Sir Thomas. **A morte de Artur**. Brasília: Thot, 1987.

MANSILLA, Augustin Rico **En torno a Gonzalo de Berceo: Los milagros de Nuestra Señora y el culto a la Virgen**. Biblioteca Gonzalo de Berceo, Madrid, Espanha, 2004. www.vallenajerilla.com/berceo/arm/ricomansilla.htm

MARKALE, Jean. **Broceliande: et l'enigme du Graal**. Paris: Pygmalion, 1989.

MEGALE, Heitor. **Merlim: Robert de Boron**. RJ: Imago, 1993.

PERSEIGNE, Adam de. **Epistola III,37**, Ed. a J. Bouvert, Sources Chrétiennes 66, Paris 1966. Tradução de P. Matias Fonseca de Medeiros, membro da Ordem Cisterciense do Brasil. Fonte: Ordem Cisterciense <http://www.ocist.org/adam-matias.htm>

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. RJ: Atlântica Editora, 2005.

PRAWER, J. **La noblesse et le régime féodal du royaume latin de Jérusalem**. apud DUBY, Georges. **A sociedade cavaleiresca**. Tradução Antônio de Padua Danesi. SP: Martins Fontes, 1989,

RAHN, Otto. **Cruzada contra o Graal**. Lisboa: Occidentalis, 2007.

RANK, Otto. **The myth of the birth of the hero: a psychological interpretation of mythology**. Publicado no Nervous and Mental Disease Monograph Series No. 18, The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, New York, 1914.

RANKE, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica**. RJ: Rosa dos Tempos, 1996.

ROUX, Julie, monges da Abadia de Acey, Nicolas d'Andoque. **Los Cistercienses**. Tradução Isabel Llasat Botija. Coleção In Situ. Editora MSM.

STARBIRD, Margaret. **A mulher do vaso de alabastro**. RJ: Sextante, 2004.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. RJ: FGV, 2002.

SILVA, Juremir Machado da. **Tecnologias do imaginário: esboços para um conceito**. Texto integrante da pesquisa em desenvolvimento **Rede de idéias: tecnologias do imaginário e comunicação**.

SILVA, Pedro. **Templários: uma rica pesquisa sobre os Cavaleiros de Cristo revelando segredos, símbolos e história das Cruzadas**. RJ: Catedral das Letras, 2005.

TROYES, Chrétien. **Guilherme de Inglaterra**. RJ: Lacerda editores, 1997, **notas do tradutor**, p.5.

----- **Lancelote, o Cavaleiro da Carreta**. RJ: Francisco Alves, 1994.

----- **Perceval ou o romance do Graal**. SP: Martins Fontes, 1992.

----- **Yvain, o Cavaleiro do Leão**. RJ: Francisco Alves, 1989.

VACANDARD, Florent Zéphyr Elphège. **“Vie de Saint Bernard”**, Paris, 1895, v. 2.

WALTER, Philippe. **Chrétien de Troyes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. SP: Martin Claret, 2006.

WEIL, Pierre. **Esfinge: estrutura e símbolo do homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
-----, **Amar e ser amado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.
A., 1965.
Lucienne Julien. **Os Cátaros e o Catarismo**. SP: Ibrasa, 1993

DOCUMENTOS HISTÓRICOS

Bíblia

Tradução pelo Centro Bíblico Católico, revista por Frei João José Pedreira de Castro. 131ª edição. Editora Ave-Maria, 1999

Bíblia Online

www.biblionline.com.br

Carta de Bernardo de Clarvaux para a criação dos Templários IN

LIBER AD MILITAE TEMPLI: DE LAUDE NOVAE MILITAE. São Bernardo de Clarvaux. Tradução de Conrad Greenia, 1977. Fonte: ORB Online
Encyclopedia historymedren.miningci.com/msubktem.htm

O Código dos Templários IN

WARD, J. M. Upton, **The Rule of Templars – The French Text of The Rule of the Knight Templar**, Editora The Boydell Press, 1992.

PÁGINAS DA INTERNET

Abadia de Clairvaux

abbaye-clairvaux.barsuraupe.net

Abelard – public education site

www.abelard.org

Biblioteca Intercultural das editoras Traugott Bautz em Nordhausen.

www.bautz.de/bbkl/v/vacandard_f_z_e.shtml

Bíblia Online

www.biblionline.com.br

Comunidade Fontaine-lès-Dijon:

www.fontainelesdijon.fr

Dicionário Francês Dicoplus.

www.dicoplus.org

Enciclopédia Britânica

www.britannica.com/eb/article-9048651/Ramon-Llull

original.britannica.com/eb/article-257683/Roman-Catholicism#479399.hook

Enciclopédia Católica

ec.aciprensa.com/p/pedroabelardo.htm

Enciclopédia católica New Advent

<http://www.newadvent.org/cathen/07206a.htm>

Enciclopédia ORB Online

historymedren.miningci.com/msubktem.htm

Eranos

www.eranos.org

www.eranosfoundation.org

www.eranos.fr

Federico Gonzalez e Mireia Valls

www.geocities.com/Athens/Oracle/8612/cab_rena/renac02a.htm

História do Cristianismo

cf.uol.com.br/jubilaum/historia_texto.cfm?id=37

How Stuff Works

ciencia.hsw.uol.com.br/fabricacao-de-espadas1.htm acessado em 10/12/2008

Internet Sacred Text Archive-carta de amor de Eloisa para Abelardo.

<http://www.sacred-texts.com/chr/aah/aah06.htm>

<http://www.sacred-texts.com/chr/aah/aah09.htm>

Ordem Cisterciense

<http://www.ocist.org/adam-matias.htm>

Ordem Cisterciense da Europa

www.cister.net

Ricardo da Costa-Historiador Medieval da UFES

www.ricardocosta.com/textos/bernardo.htm

Tour du Bloquia

[http://www.wallonie-](http://www.wallonie-tournages.be/index.cfm?Content_ID=9161617&Decor_id=384831996)

[tournages.be/index.cfm?Content_ID=9161617&Decor_id=384831996](http://www.wallonie-tournages.be/index.cfm?Content_ID=9161617&Decor_id=384831996)

Universidade de Utrecht (menor província dos países baixos)

<http://www.cs.uu.nl/groups/IK/archives/helinand/hfinf.htm>

Wikipédia

Em francês

http://fr.wikipedia.org/wiki/Chr%C3%A9tien_de_Troyes

Em português

http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonor_da_aquit%C3%A2nia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lotar%C3%ADngia>

Em inglês

<http://en.wikipedia.org/wiki/Virtue>

Em espanhol

<http://es.wikipedia.org/wiki/Elo%C3%ADsa>

<http://es.wikipedia.org/wiki/Fulberto>